

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

REGINALDO DA SILVA MARTINATTO

A INVESTIGAÇÃO DO COTIDIANO COMO RECURSO  
PEDAGÓGICO NO ENSINO DE FILOSOFIA

CURITIBA – PR

2020

REGINALDO DA SILVA MARTINATTO

A INVESTIGAÇÃO DO COTIDIANO COMO RECURSO  
PEDAGÓGICO NO ENSINO DE FILOSOFIA

Dissertação apresentada como requisito parcial  
à obtenção do título de Mestre, Curso de  
Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-  
FILO, Setor de Ciências Humanas,  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Fonseca  
Falkenbach

CURITIBA – PR

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoëla Nogueira – CRB 9/1607

Martinatto, Reginaldo da Silva

A investigação do cotidiano como recurso pedagógico no ensino de filosofia. /  
Reginaldo da Silva Martinatto. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Tiago Fonseca Falkenbac

1. Filosofia (Ensino médio) – Estudo e ensino. 2. Filosofia - Aprendizagem.  
3. Prática de ensino. 4. Fatos (Filosofia). I. Falkenbach, Tiago Fonseca, 1975-.  
II. Título.

CDD – 107



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO FILOSOFIA -  
40001016170P6

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em FILOSOFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de REGINALDO DA SILVA MARTINATTO intitulada: **A Investigação do Cotidiano como Recurso Pedagógico no Ensino de Filosofia**, sob orientação do Prof. Dr. TIAGO FONSECA FALKENBACH, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita a homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 16 de Setembro de 2021.

Assinatura Eletrônica

16/09/2021 17:34:55.0

TIAGO FONSECA FALKENBACH

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

16/09/2021 18:57:58.0

GEOVANI VIOLA MORETTO MENDES

Avaliador Interno (PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

17/09/2021 10:50:38.0

JELSON ROBERTO DE OLIVEIRA

Avaliador Externo (PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

---

RUA DR. FAIVRE 405, ED. D. PEDRO II 6º ANDAR, SALA 610 - CURITIBA - Paraná - Brasil  
CEP 80060-140 - Tel: (41) 3360-5266 - E-mail: prof.filosofia@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 109728

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prrpg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>  
e insira o código 109728

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a minha esposa Walkiria, pelo apoio e companheirismo.

Você sempre será meu porto seguro.

Aos meus filhos Eduardo e Willian, a quem busco, por meio da educação, ser um exemplo.

A todos os professores que fizeram e fazem parte da minha vida.

Aos meus alunos e alunas, por quem busco a cada dia ser um professor melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus alunos e alunas do Colégio Estadual São Cristóvão pela dedicação e comprometimento.

A minha família, pela compreensão e apoio nesse meu sonho de realizar o mestrado.

À UFPR, por ofertar o mestrado profissional para que professores se tornem pesquisadores e profissionais melhores.

Nesses tempos sombrios, o PROF-FILO representa a resistência frente às medidas do governo federal e estadual, que, além de promoverem um desmonte na educação, tratam os professores como inimigos da sociedade.

Por último, agradeço ao meu orientador, Tiago Fonseca Falkenbach, pela paciência e pelas valiosas contribuições para que esse trabalho se tornasse uma realidade.

O filho do caminhoneiro e da dona de casa está contrariando as estatísticas.

## RESUMO

Neste trabalho, procuramos desenvolver uma prática de ensino e aprendizagem de filosofia no Ensino Médio que levasse os estudantes a olharem de forma crítica para o seu cotidiano. Como parte dessa prática, os estudantes deveriam realizar uma investigação sobre sua realidade cotidiana, baseada nos conteúdos filosóficos apresentados em sala de aula, e produzir um relato escrito sobre sua investigação. A metodologia de pesquisa baseou-se na seguinte hipótese central: as investigações do cotidiano realizadas pelos estudantes podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de filosofia. O fundamento teórico utilizado para embasar essa hipótese foi a pedagogia da autonomia de Paulo Freire, que valoriza as experiências cotidianas dos estudantes como uma forma de promover sua autonomia enquanto sujeitos de conhecimento e ação, e a ética de Hans Jonas, que trata da responsabilidade que temos para garantir a existência das gerações futuras. Constatou-se que o método proposto é não apenas um meio eficaz de trabalho com filosofia no Ensino Médio, mas também um instrumento efetivo de promoção do protagonismo do estudante, uma vez que o conduz a uma perspectiva autônoma na aplicação dos conhecimentos filosóficos adquiridos.

Palavras-chave: Cotidiano; Investigação; Filosofia; Responsabilidade.

## **ABSTRACT**

In this work, we sought to develop a teaching and learning practice of Philosophy in High School that would lead students to look critically at their daily lives. As part of this practice, students should carry out an investigation of their daily lives based on philosophical texts discussed in classroom and produce a written report of their investigation. The methodology was based on the following central hypothesis: the investigations of daily life carried out by students can contribute to the process of teaching and learning philosophy. The theoretical basis used as support to this hypothesis was Paulo Freire's pedagogy of autonomy, which values students' daily experiences as a way to promote their autonomy as cognitive and practical subjects, and Hans Jonas' ethics, which deals with the responsibility we have to ensure the existence of future generations. It was found that the proposed method is not only an effective way of teaching philosophy in high school, but also an effective instrument for promoting student's protagonism, since it leads to an autonomous perspective in the application of the acquired philosophical knowledge.

Keywords: Daily life; Investigation; Philosophy; Responsibility;



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>PRIMEIRO CAPÍTULO: .....</b>	<b>8</b>
<b>1.1. O ENSINO DE ÉTICA.....</b>	<b>8</b>
<b>1.2. A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE .....</b>	<b>11</b>
<b>1.3. A ESCOLHA PELA ÉTICA DE HANS JONAS .....</b>	<b>18</b>
<b>1.4. HANS JONAS: VIDA E OBRA .....</b>	<b>24</b>
<b>1.5. HANS JONAS: UMA NOVA ÉTICA, UMA ÉTICA DO FUTURO.....</b>	<b>26</b>
<b>1.6. AS GERAÇÕES FUTURAS COMO OBJETO DA REFLEXÃO ÉTICA.....</b>	<b>32</b>
<b>1.7. O TEMOR DA AÇÃO TÉCNICA COMO UM ELEMENTO DA ÉTICA DE HANS JONAS .....</b>	<b>35</b>
<b>1.8. A RESPONSABILIDADE PARA HANS JONAS .....</b>	<b>41</b>
<b>SEGUNDO CAPÍTULO: .....</b>	<b>49</b>
<b>2.1. A INVESTIGAÇÃO COTIDIANA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM .....</b>	<b>49</b>
<b>2.2. A IMPORTÂNCIA DO TEXTO FILOSÓFICO .....</b>	<b>55</b>
<b>2.3. A REALIZAÇÃO DA PRÁTICA DE ENSINO .....</b>	<b>58</b>
<b>2.4. A METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>62</b>
<b>2.5. RESULTADOS NEGATIVOS .....</b>	<b>65</b>
<b>2.6. OS RESULTADOS POSITIVOS DA PESQUISA.....</b>	<b>71</b>
<b>2.7. PRIMEIRA E SEGUNDA CATEGORIAS DE ANÁLISE .....</b>	<b>72</b>
<b>2.8. TERCEIRA CATEGORIA DE ANÁLISE .....</b>	<b>83</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXOS. ....</b>	<b>93</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de uma prática de ensino de filosofia que se utiliza do cotidiano dos estudantes como parte do processo de ensino e aprendizagem de filosofia. Essa prática foi realizada com uma turma de segundo ano de estudantes do Ensino Médio da rede pública estadual do Paraná. Durante o processo, os estudantes realizaram uma investigação do cotidiano na qual deviam, a partir de suas experiências, identificar aquilo que foi discutido em sala de aula com base em excertos de duas obras de Hans Jonas, *O Princípio Responsabilidade* (1979) e *Técnica, Medicina e Ética* (2013), sugeridos pelo professor.

**O problema que norteia esse trabalho consiste na seguinte questão: qual a contribuição que as investigações do cotidiano realizadas pelos estudantes podem trazer para o processo de ensino e aprendizagem de filosofia?** Uma vez que a utilização do cotidiano dos estudantes é uma das orientações presentes nas diretrizes da disciplina de filosofia do Estado do Paraná, colocar em prática essa orientação metodológica que sugere que “[o] ensino de Filosofia deverá dialogar com os problemas do cotidiano, com o universo do estudante” (PARANÁ, 2008, p. 67) é uma forma de verificar a aplicabilidade dessa orientação e os seus resultados.

Os conteúdos estruturantes no Ensino de Filosofia no Estado do Paraná são seis<sup>1</sup>: Mito e filosofia, Teoria do conhecimento, Ética, Filosofia política, Filosofia da Ciência e Estética.

A escolha que fizemos para desenvolver nossa prática pedagógica foi pelo conteúdo estruturante de Ética. Os conteúdos básicos do conteúdo estruturante Ética<sup>2</sup> são os seguintes: Ética e moral; pluralidade ética; ética e violência; razão, desejo e vontade; liberdade: autonomia do sujeito e a necessidade das normas.

Optamos pelo conteúdo básico Pluralidade ética, pois é nesse conteúdo que apresentamos aos estudantes vários filósofos que abordaram a

---

<sup>1</sup> PARANÁ, 2013, p. 54.

<sup>2</sup> PARANÁ, 2013, p. 67.

ética em suas obras, como é o caso de Hans Jonas, filósofo do qual os estudantes trabalharam em sala e em suas investigações do cotidiano.

De acordo com as Diretrizes Curriculares da disciplina de filosofia no Estado do Paraná, a ética “é o estudo dos fundamentos da ação humana” (PARANÁ, 2008, p. 58). Nossa proposta por uma investigação cotidiana é uma tentativa de fazer o estudante “[...] compreender, pensar e problematizar os conteúdos básicos do conteúdo estruturante Ética [...]” (PARANÁ, 2013, p.67), proposta essa que poderá ser verificada, na segunda parte deste trabalho, quando examinarmos os relatos feitos pelos estudantes acerca das investigações por eles realizadas.

Em relação ao conteúdo básico, optamos pela doutrina ética apresentada por Hans Jonas, devido ao fato de que “Jonas formulou uma ética da responsabilidade baseada na premissa de que as éticas do passado não eram mais suficientes para enfrentar os desafios apresentados pelo novo cenário cultural.” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.12). Entendemos que a doutrina ética de Hans Jonas, devido à ênfase dada a questões referentes à técnica e ao meio ambiente, particularmente aos riscos advindos da técnica, compreende temas que motivam os alunos em suas investigações.

Os perigos da técnica moderna discutidos na obra de Jonas foram apresentados aos estudantes através de excertos de textos aos quais tiveram contato em sala. O texto de Jonas foi o elemento de provocação, no intuito de contribuir para a investigação que os estudantes deveriam realizar de seu cotidiano.

A dissertação está dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo trata do componente teórico da pesquisa que é a ética de Hans Jonas. O segundo, da experiência pedagógica que foi a atividade de investigação do cotidiano realizada pelos estudantes.

Iniciamos o primeiro capítulo deste trabalho analisando a questão do ensino da ética e a proposta da ética como analisada por Hans Jonas, ressaltando pontos que vão auxiliar leitores e leitoras deste trabalho a compreender nossa prática de ensino de filosofia, bem como nossa escolha pelo conteúdo específico baseado na teoria do filósofo Hans Jonas.

Ressaltamos também que nossa prática de ensino de filosofia leva para os estudantes do ensino médio a filosofia de Hans Jonas, cujo estudo, apesar de toda a sua relevância, ainda está mais presente no ensino superior do que na educação básica, haja vista a ausência de Jonas em boa parte dos livros didáticos, situação que não ocorre com as doutrinas éticas de Aristóteles, Kant, Mill, entre outros.

É no primeiro capítulo que apresentamos a fundamentação teórica que consiste na revisão de bibliográfica de algumas obras de Jonas e obras de alguns de seus comentadores. Também utilizamos a obra *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, pois se trata de uma obra que incentiva o docente a se utilizar das experiências cotidianas que os estudantes levam para dentro da sala de aula. Além da ética de Jonas e da pedagogia da autonomia de Freire, utilizamos o texto das Diretrizes da disciplina de filosofia do Estado do Paraná.

Este não é um trabalho estritamente teórico sobre a filosofia de Hans Jonas, mas sim sobre como é possível utilizar a realidade dos estudantes, por meio de uma investigação do cotidiano, como uma forma de compreender o conteúdo apresentado em sala de aula, que no nosso caso foi a ética de Jonas.

Ao apresentarmos Jonas para alunas e alunos, assim como para todos que tiverem acesso a este trabalho, estamos contribuindo para a difusão do conhecimento de uma doutrina ética que volta seu olhar para a vida das futuras gerações.

No segundo capítulo do trabalho, apresentamos os resultados da nossa proposta de prática de ensino de filosofia, que foi aplicada com alunos e alunas de um colégio da rede estadual de ensino do Paraná. Estas aulas de ética foram pensadas metodologicamente a partir das Diretrizes da disciplina de filosofia e da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire.

Essa prática consistiu na já mencionada investigação do cotidiano realizada pelos estudantes e na produção de relatos escritos sobre essa atividade. São esses relatos que vamos analisar no segundo capítulo deste trabalho.

Uma das orientações metodológicas mais frequentes nas diretrizes da disciplina de filosofia diz respeito ao diálogo entre os conteúdos trabalhados e o cotidiano dos estudantes, bem como à problematização e investigação dos

conteúdos<sup>3</sup>. Essas orientações dialogam com a proposta freiriana de uma pedagogia para a autonomia, o que fica evidente quando o pensador brasileiro ressalta a necessidade de se utilizar dos saberes que os alunos trazem da sua realidade<sup>4</sup> no processo de ensino.

Os relatos realizados por alunos e alunas, contemplam as orientações propostas pelas diretrizes e valorizam a realidade e experiências que os estudantes trazem para escola, como defende Freire. A partir da análise desses relatos é possível apresentar qual foi a contribuição que esta prática de ensino teve para o processo de ensino e aprendizagem de filosofia, mais especificamente da ética como observada por Hans Jonas.

---

<sup>3</sup> PARANÁ, 2008, p. 67.

<sup>4</sup> FREIRE, 2018, p.31.

## PRIMEIRO CAPÍTULO:

### 1.1. O ENSINO DE ÉTICA

Mesmo com um cenário desfavorável, frente às mudanças governamentais em relação à educação<sup>5</sup>, em que a filosofia perdeu sua obrigatoriedade, esta disciplina ainda é uma realidade na rede de ensino pública e privada no Estado do Paraná. Desse modo, pensar formas que contribuam para o ensino de filosofia, além de trazer um acréscimo do ponto de vista metodológico, também é um ato de “resistência” contra os que insistem em tentar reduzir a filosofia a um mero conteúdo transversal.

Como mencionado na introdução, os conteúdos estruturantes da disciplina de filosofia são seis, os quais são ofertados nos três anos do ensino médio. Quanto ao momento de aplicação de cada um desses conteúdos fica a cargo de cada instituição de ensino, sendo que na instituição onde a pesquisa foi realizada, o conteúdo de ética é oferecido aos estudantes no segundo ano do ensino médio.

Nas aulas sobre o conteúdo estruturante de ética<sup>6</sup>, principalmente na primeira aula sobre este conteúdo, o ponto de partida que utilizamos em sala foi perguntar às alunas e alunos “o que é ética?”. Essa é uma forma de verificar o quão próximo ou distante eles estão do conceito. De maneira geral, as respostas dos estudantes são explicações do uso adjetivo da expressão. É comum, nas explicações, que a palavra ‘ética’ seja tomada como sinônimo de “honestidade”, de “fazer o certo”, “cumprir as promessas”, etc.

A partir do sentido que a expressão ‘ética’ assume enquanto adjetivo, passamos a trabalhar o uso da expressão enquanto designação de uma disciplina. Nesse momento, apresentamos aos estudantes a definição de Valls, que descreve a ética como “[...] estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas.” (VALLS, 1994, p.7). Nesse sentido, ética é entendida como uma

---

<sup>5</sup> BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20/12/96, art. 35 e 36.

<sup>6</sup> PARANÁ, 2008, p.54.

reflexão sobre as questões morais<sup>7</sup>, isto é, questões de avaliação das ações e costumes humanos a partir de conceitos como os de bondade ou dever.

Dando prosseguimento à caracterização da ética, destacamos também em sala o texto das Diretrizes da disciplina Filosofia que trata deste conteúdo:

A ética enquanto conteúdo escolar tem por foco a reflexão da ação individual ou coletiva na perspectiva da Filosofia. Mais que ensinar valores específicos, trata-se de mostrar que o agir fundamentado propicia consequências melhores e mais racionais que o agir sem razão ou justificativas. (PARANÁ, 2013, p.57)

Depois desse esforço inicial de elucidar o conceito de ética, passamos a estudar algumas doutrinas éticas, considerando não apenas a sua pluralidade, como também as possíveis relações dessas doutrinas com o cotidiano dos estudantes.

A ética, seja tomada em seu significado adjetivo, seja como área da filosofia, é algo que permeia o nosso cotidiano. Ouvimos falar “[...] reiteradas vezes em ética: na política, no judiciário, na educação, na saúde, nos meios de comunicação, dentre outros e, mais recentemente, a ética “renasce” sob a forma de bioética com todas as suas vertentes e implicações” (FONSECA, 2007, p.14).

Para além da definição do conceito, estamos de acordo com Valls, ao pensar uma aula que valorize a realidade que os estudantes trazem para dentro da escola. Segundo o autor, “[...] a ética não pode ser reflexão desligada da prática: ela é reflexão sobre a prática, sobre a práxis, sobre a vida, e não só sobre a vida ideal, mas sobre a vida real, como é e como realmente poderia ser.” (VALLS, 2004, p.62).

Essa especial vinculação que o estudo da ética possui com o cotidiano e com a vida prática do estudante é um traço característico da disciplina. A ética não se resume a uma reflexão teórica cujo objetivo é a atribuição de valor às ações e práticas humanas. A ética necessariamente comporta, como consequência dessa reflexão, uma determinada prática, já que aquele que sabe o que é melhor procura fazer o que é melhor.

---

<sup>7</sup> VALLS, 2004, p.62.

Para os propósitos do presente projeto, importa não apenas reconhecer a relação entre a ética e a prática, como compreender o vínculo especial que a ética possui com a educação:

A ética não se limita a uma reflexão puramente teórica sobre o conteúdo e a aplicação dos valores morais. É inseparável da ação humana em geral e, principalmente, da educação, através das quais os próprios sujeitos se fazem sujeitos e se preparam para os processos de constituição. É, portanto, através da ética, em seus múltiplos contextos, que esses atores encontram guarida para estruturar e desenvolver habilidades práticas e conhecimentos de um para o outro e produzir conhecimento. (MALACARNE, STRIEDER, LIMA, 2011, p.57).

Desse modo, se a educação é, ela mesma, parte constitutiva da prática prevista por determinada doutrina ética, é razoável supor que certas metodologias e estratégias educacionais revelem maior afinidade com o conteúdo estudado. Foi com base nessa suposição que nos propusemos a investigar os efeitos e a efetividade de uma prática de ensino da ética de Hans Jonas que valorize a realidade cotidiana dos estudantes. Acreditamos que essa proposta de ensino é promissora por uma dupla razão. Em primeiro lugar, porque, de maneira geral, a aproximação dos estudantes em relação ao conteúdo desenvolvido tende a ser mais efetiva quando observadas e respeitadas a “[...] diversidade sociocultural com suas demandas e necessidades específicas [...]” (STOSKI, GELBCKE, 2016, p.36). Em segundo lugar, porque a própria filosofia de Hans Jonas procura fundamentar-se por um princípio de autonomia cuja aplicação é inseparável da reflexão sobre o contexto espaciotemporal do agente.

Quando contemplamos as experiências cotidianas dos estudantes e o processo de ensino e aprendizagem de ética, percebemos que estamos articulando o conteúdo de uma forma que se aproxima de seu interesse<sup>8</sup>, situação que julgamos contribuir no processo de aprendizagem dos estudantes, pois tende “[...] à atividade reflexiva do sujeito, que aprende enquanto interroga e age sobre sua condição. (PARANÁ, 2008, p.55-56).

Nossa opção por trabalhar com o conteúdo estruturante de ética é motivada também pelo fato de que nos deparamos com questões éticas a cada

---

<sup>8</sup> STOSKI, GELBCKE, 2016, p.37.



dia<sup>9</sup>. Sendo assim, boa parte do trabalho que alunos e alunas realizaram em sua investigação do cotidiano está relacionada com uma busca prática sobre o conceito de ética, conceito que foi discutido inicialmente em sala de aula. Com isso, pretendemos ter alcançado “[...] um ensino menos enciclopédico e mais ativo, uma vez que o referencial de trabalho deixa de ser o conteúdo histórico para abarcar problemas a serem repensados, retrabalhados pelos alunos” (GALLO e KOHAN, 2000, p.179).

Vale ressaltar que, nesse aspecto, nossa proposta de aula compactua com o que é descrito nas Diretrizes, quando estas “[...] procurarem superar a concepção enciclopédica da Filosofia, não desvalorizam os textos que possam ser trabalhados ao longo do percurso filosófico” (PARANÁ, 2008, p.55), pois o texto filosófico tem papel importantíssimo na prática de ensino que apresentamos.

Nas próximas seções, trataremos da nossa escolha de conteúdo específico de ética, que é sobre alguns aspectos do pensamento de Hans Jonas, pensador contemporâneo que tem como base da sua proposta ética a preocupação com os “[...] efeitos remotos, cumulativos e irreversíveis da intervenção tecnológica sobre a natureza e sobre o próprio homem.” (GIACÓIA JÚNIOR, 2000, p.194), preocupação que faz com que a sua proposta ética seja distinta das “[...] éticas anteriores, incapazes de fazer um cálculo previsivo a longo prazo” (ZANCANARO, 1998, p.81). Antes, porém, de voltarmos nossa atenção para a ética jonasiana, cabem algumas palavras sobre o apoio metodológico que encontramos na pedagogia da autonomia de Paulo Freire.

## **1.2. A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE**

Na presente seção, apresento a justificativa pela escolha da obra *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (Freire, 2015), de Paulo Freire (1921-1997), para orientar a prática de ensino de filosofia desenvolvida nessa pesquisa. Tendo sido publicada a primeira vez em

---

<sup>9</sup> VALLS, 1994, p.9.

1996, essa foi a última obra do patrono da educação brasileira<sup>10</sup> publicada em vida.

Trata-se de uma obra que valoriza, no processo de ensino e aprendizagem, a utilização das experiências que os estudantes levam para dentro da escola. Nossa intenção em nossa prática de ensino também foi explorar as experiências que os alunos e alunas têm em seu cotidiano. Para isso, pensamos uma aula em que os estudantes buscassem identificar em sua realidade aquilo com que eles tiveram contato em sala de aula, no caso específico de nossa pesquisa, a ética de Hans Jonas.

Organizamos essa seção da seguinte maneira: inicialmente, apresentamos a posição de Freire em relação aos pontos da obra que nos interessaram, o papel da experiência do educando e a importância de uma educação para a autonomia. Feito isso, examinamos o vínculo entre as noções de experiência e autonomia. Por fim, expomos a maneira segundo a qual compreendemos que as ideias de Freire se conectam com nossa prática de ensino.

A questão da experiência dos estudantes é um elemento explorado por Freire dentro da *Pedagogia da Autonomia*, quando o pensador destaca a necessidade de empregar as experiências que educandos levam para dentro da escola. Um exemplo mencionado na obra é o emprego das experiências de alunos<sup>11</sup> que vivem em áreas descuidadas pelo poder público para discutir questões ambientais e de saúde. São por iniciativas como essa que Freire propõe o estreitamento da relação entre os saberes curriculares e as experiências<sup>12</sup> que os estudantes levam para a sala de aula.

Nesse processo de utilização das experiências dos estudantes, Freire enfatiza a necessidade do respeito por parte dos educadores para com os saberes dos estudantes, respeito à dignidade, respeito às condições em que os estudantes vivem e às experiências com que estes chegam à escola<sup>13</sup>.

Freire ressalta a importância do reconhecimento e do respeito à identidade cultural dos estudantes, que, segundo o educador, “[...] é absolutamente fundamental na prática educativa [...]” (2018, p.42). A proposta

---

<sup>10</sup> Lei nº12.612 de abril 2012 declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira.

<sup>11</sup> FREIRE, 2018, p. 31.

<sup>12</sup> FREIRE, 2018, p.32.

<sup>13</sup> FREIRE, 2018, p.62.

pedagógica deve estar, assim, condicionada ao respeito à realidade social e cultural do estudante. Cabe ao educador estar atento às particularidades do contexto em que estão inseridos os estudantes e aos interesses destes.

O segundo ponto da obra *Pedagogia da Autonomia* a que demos destaque na elaboração da nossa prática de ensino foi a noção mesma de autonomia. **Embora Freire não enfatize tanto o sentido literal da palavra ‘autonomia’, enquanto atividade ou capacidade de autorregulação e autoimposição de normas, o que ele entende por autonomia preserva relações estreitas com esse sentido original. O que ele propõe é um caminho para que o estudante conquiste a sua autonomia dentro do processo de aprendizado.**

Por uma educação voltada para a autonomia, entende-se aquela que promove a formação de sujeitos capazes de responderem por si mesmos, pelos seus atos e pelas razões que estão dispostos a apresentar para a realização de seus atos. A autonomia, para Freire, é conquistada por um exercício de autocrítica: não é o outro que vai dizer o que é certo ou errado, é o próprio estudante que vai conquistar isso através da reflexão, de um processo, muitas vezes longo, de desenvolvimento da capacidade de reflexão. É esse processo que Freire apresenta em termos da superação de uma curiosidade ingênua por uma curiosidade epistemológica.

Para Freire<sup>14</sup>, a curiosidade ingênua é resultado de um saber de senso comum, não rigoroso. Já a curiosidade epistemológica é fruto da crítica e da busca por um conhecimento de maior exatidão. Esse processo, no qual o estudante desenvolve sua autonomia, deve ser percebido, incentivado e valorizado pelo educador. A explicação de Freire para tratar esse como um processo de superação é a seguinte:

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma *ruptura*, mas uma *superação*.

A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continua a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se então, permite-me repetir, *curiosidade epistemológica*, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão. (FREIRE, 2018, p.33)

---

<sup>14</sup> FREIRE, 2018, p.31.

A superação da curiosidade ingênua pela curiosidade epistemológica se desenvolve no processo de aprendizado. Daí a importância do olhar atento do educador para seus alunos e alunas, pois

[...] com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador.

O que quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto (FREIRE, 2018, p.27)

O fato de a curiosidade epistemológica ser construída por uma capacidade crítica de aprender, capacidade essa estimulada pelo professor, supõe que os estudantes estão desenvolvendo sua autonomia, pois superam um conhecimento de senso comum, alcançando um conhecimento rigoroso. Essa superação, na medida em que é percebida pelos estudantes como resultado de uma reflexão crítica, pressupõe um reconhecimento de si.

No que tange à relação entre as ideias de experiência e autonomia empregadas por Freire na *Pedagogia da Autonomia*, podemos estabelecer o seguinte vínculo: quando o professor está atento à realidade dos estudantes, para as experiências que estes trazem para dentro da sala de aula, incentivando-os a refletir sobre sua realidade, a reflexão sobre a realidade é um movimento de autonomia.

Esse vínculo entre experiência e autonomia está presente em várias passagens da obra, dentre as quais destacamos a seguinte:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. (FREIRE, 2018, p.62)

O respeito do professor pela identidade, pelas particularidades dos estudantes é um elemento fundamental no processo de autonomização crítica, pois convoca os estudantes a olharem para sua realidade, refletirem sobre a sua realidade.

Aproveitar as experiências que os estudantes trazem para dentro da escola é uma forma de o professor demonstrar respeito pela realidade dos estudantes e fazer com que estes não desprezem sua realidade no processo de aprendizagem. Se a autonomia supõe o reconhecimento de si e de certa distinção em relação ao outro, o processo de autonomização dos estudantes exige do educador o exemplo de reconhecimento, valorização e acolhimento da identidade dos educandos. Sem a valorização apropriada de sua realidade, nenhum estudante é capaz de exercer uma crítica adequada de sua condição e contexto.

Freire salienta ainda que a reflexão crítica não é algo que pode ser transmitido, a exemplo da transferência de informações ou conteúdos de um meio para outro. O que o educador pode fazer é estimular e favorecer as condições para que o educando realize, por conta própria, sua reflexão. O favorecimento dessas condições passa, como observado, pelo reconhecimento dado pelo educador da realidade e das experiências de vida dos educandos.

Antes de tratarmos do modo como as ideias de Freire foram utilizadas em nossa prática, julgamos necessário destacar uma diferença entre o modo com que o pensador propõe a utilização da experiência dos estudantes e o modo como nós fizemos uso dessas experiências.

Freire enfatiza o movimento que parte da experiência dos estudantes em direção à elaboração de propostas pedagógicas que consigam articular organicamente as experiências dos estudantes com os conteúdos a serem trabalhados. Em nossa prática de ensino, adotamos um movimento inverso: partimos da teoria em direção à prática, isto é, trabalhamos inicialmente alguns elementos teóricos da obra de Hans Jonas, para posteriormente buscar a aplicação da teoria nas vivências diárias dos estudantes.

Apesar da ênfase de Freire à elaboração da proposta pedagógica, o autor dá a entender que a atenção às particularidades dos estudantes não é um episódio isolado, mas sim uma atividade desenvolvida constantemente, durante todo um ano letivo. É um procedimento constante ao qual o professor deve recorrer a todo momento, para conceber e reformular a prática de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a utilização das experiências dos estudantes deve ser um recurso habitual que permite uma vasta diversidade de práticas

pedagógicas, como aquela que realizamos em nossa proposta de ensino e pesquisa.

Concebemos nossa proposta de prática de ensino condicionada ao respeito à realidade social e cultural dos estudantes, o que vai ao encontro do que é proposto por Freire (2018, p.63) quando o pensador ressalta a importância de

[...] saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando – não são regalos que recebemos por bom comportamento. As qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos.

Não foi objeto da nossa pesquisa examinar a realidade dos estudantes para então propor uma prática pedagógica. O que fizemos foi partir de um conteúdo apresentado em sala de aula, a ética de Hans Jonas e propor aos estudantes que refletissem sobre o seu cotidiano com base no conteúdo com que tiveram contato. Foi nesse momento que os estudantes estabeleceram o vínculo entre a teoria e as suas experiências cotidianas, o que oportunizou uma reflexão sobre seu cotidiano.

Como a tarefa propôs a avaliação da concordância ou não entre o conteúdo trabalhado em sala e as experiências cotidianas dos estudantes, a atividade provocou-os a refletir sobre sua realidade e sobre a relação entre sua realidade e o conteúdo estudado, o que reconhecemos como um caminho para a autonomia segundo o que é proposto por Freire. ‘

Essa reflexão foi construída nos relatos da investigação do cotidiano realizado pelos estudantes, relatos nos quais eles deveriam relacionar o conteúdo com o seu cotidiano, o que consideramos como uma forma de diminuir a distância entre o discurso e a prática<sup>15</sup>.

Pensar metodologicamente a partir da *Pedagogia da Autonomia* é acreditar que os estudantes são capazes de interpretar o seu cotidiano e que, ao valorizar esse cotidiano como um elemento que pode contribuir no processo de ensino, podemos tomar um caminho distinto daquele criticado por Freire, o de uma educação bancária. A ideia de educação bancária é, para Freire, a concepção de uma relação de ensino-aprendizagem em que o professor

---

<sup>15</sup> FREIRE, 2018, p.63.

simplesmente transmite o conhecimento e os estudantes apenas recebem esse conhecimento de forma passiva. Sobre a educação bancária, Freire observa, de forma crítica:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante. (FREIRE, 2019, p.80)

Em nossa prática de ensino, buscamos fugir do binômio professor depositante e alunos depositários tão questionado por Freire. O que tentamos nessa prática de ensino foi realmente valorizar a autonomia que os estudantes tiveram em seu processo de investigação do cotidiano. Esse processo foi relatado e analisado no segundo capítulo dessa dissertação, no qual apresentamos trechos dos relatos de investigação que os estudantes entregaram ao fim da atividade por eles realizada.

*A Pedagogia da Autonomia* é uma obra que remete o educador a um processo de constante reflexão sobre a prática docente e que tem como fim construir a autonomia dos estudantes. Foi com base nessa obra que, quando realizamos a leitura dos relatos da investigação realizada pelos estudantes, procuramos valorizar todo o processo descrito por eles, todo o esforço que eles tiveram de se expressar por escrito, a dedicação que tiveram de serem minuciosos nos detalhes, de serem críticos, de tentarem explicar o conteúdo a partir da sua realidade cotidiana.

Nas próximas seções deste capítulo, vamos tratar das ideias de Hans Jonas relacionadas a sua doutrina ética, que constituiu o conteúdo específico de ética que apresentamos em sala de aula aos estudantes, como base teórica para que estes buscassem associar o conteúdo às suas experiências cotidianas.

### 1.3. A ESCOLHA PELA ÉTICA DE HANS JONAS

Nossa jornada pela filosofia de Hans Jonas inicia-se com a justificativa sobre o que motivou nossa escolha pelo filósofo alemão, seguindo para uma breve passagem por sua vida e obra. Em seguida, passaremos a tratar de temas específicos da ética de Jonas, como o futuro das próximas gerações, a crítica às concepções éticas anteriores ao autor, a crítica à técnica, a construção de um imperativo ético baseado na sensação de temor e a maneira com que o conceito de responsabilidade se faz presente em sua proposta.

As Diretrizes Curriculares da disciplina de filosofia do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008) apresentam seis conteúdos estruturantes que devem ser desenvolvidos ao longo dos três anos do Ensino Médio, são estes: mito e filosofia; teoria do conhecimento; ética; filosofia política; filosofia da ciência; estética.

No que diz respeito aos conteúdos específicos, não há um direcionamento ou orientação sobre quais filósofos devem ser abordados e trabalhados pelo professor. Desse modo, cabe ao docente construir seu planejamento elencando os filósofos da forma que julgue mais apropriada para trabalhar com alunos e alunas do ensino médio.

É a partir desse cenário que optamos por Hans Jonas como referência da prática de ensino que vamos apresentar neste trabalho. Isso se deve à originalidade da sua proposta ética, uma vez que “[a] ética de responsabilidade com o futuro leva em conta a possibilidade da destruição do universo, revelando-nos imediatamente que o homem e o universo devem ser preservados.” (ZANCANARO, 1998, p.75)

A escolha por trabalhar o conteúdo estruturante de ética a partir da obra de Hans Jonas se deve ao fato de nossa proposta de aula se sustentar na investigação do cotidiano realizada por estudantes do Ensino Médio, como um elemento que possa agregar no entendimento do conteúdo desenvolvido, estando assim em consonância com as Diretrizes Curriculares da disciplina de filosofia que tem na relação do conteúdo com o cotidiano dos estudantes um dos seus encaminhamentos. Além disso, como já observado, a ética de Jonas fala diretamente do contexto espaço-temporal do agente moral.



O fato de hoje possuímos um vasto material (artigos, dissertações, teses, livros) sobre a filosofia de Hans Jonas foi um incentivo para elaborarmos uma prática de ensino de filosofia, mais especificamente em ética, sobre o filósofo do princípio-responsabilidade.

Mais uma vez, vale ressaltar a presença quase que nula da filosofia de Hans Jonas nos livros didáticos, dos oito livros didáticos que foram aprovados no PNLD<sup>16</sup> de filosofia a única obra que apresenta a ética jonasiana é a de Silvio Gallo<sup>17</sup>. Os demais livros do PNLD de filosofia não dão espaço ao filósofo alemão. Essa situação torna ainda mais relevante a proposta de elaborar uma prática de ensino baseada na filosofia jonasiana.

Destacamos que “O nome e as ideias de Hans Jonas constam nas páginas mais importantes da ética contemporânea.” (OLIVEIRA, 2014, p.9), uma vez que o filósofo foi testemunha de uma série de fatos históricos importantes e que marcaram não só sua vida, mas a sua obra filosófica.

Jonas viveu os grandes fatos históricos do nosso século: a crise da humanidade europeia dos anos 20 e 30, o advento do nazismo e o holocausto, o triunfo da sociedade tecnológica, especialmente o Projeto Manhattan (1945), o Projeto Apollo (1969) e a crise ecológica. A ideia de responsabilidade nasceu destas experiências, do triunfo da tecnologia e das suas expectativas utópicas. Tais acontecimentos fizeram-no refletir sobre seu tempo e seu espírito, obrigando-o a buscar alternativas capazes de arrancar do conhecimento e do poder, gerado pelo próprio homem, um dever em relação aos que vivem e viverão futuramente. Esses acontecimentos, especialmente a bomba sobre Hiroshima, colocaram o pensamento em direção de um novo tipo de questionamento sobre o perigo que representa para nós mesmos nosso poder e o poder do homem sobre a natureza. (ZANCANARO, 1998, p.24)

Destacamos a seguir três aspectos da ética de Hans Jonas que exploramos na prática pedagógica desenvolvida no presente projeto, a prática de reflexão e investigação realizada pelos estudantes sobre o seu cotidiano. Primeiro, a forma como o filósofo tece críticas sobre o uso da tecnologia e seus impactos para a humanidade e para o extra-humano; segundo, a preocupação

---

<sup>16</sup> BRASIL. Ministério da Educação. PNLD 2018: filosofia – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017.

<sup>17</sup> GALLO, Silvio. Filosofia Experiência do Pensamento, 2º edição, São Paulo, ed Scipione. 2017.

para com o futuro, em especial às gerações que ainda estão por vir, mas que serão herdeiras da nossa ação; e, terceiro, a nova forma como a ideia de responsabilidade é tratada pelo filósofo.

O primeiro ponto é a forma como Jonas trata a questão da técnica em sua obra. Para o filósofo alemão, “[...] a técnica é um caso novo e especial para considerações éticas, e até mesmo para uma descida até os próprios fundamentos da ética”. (JONAS, 2013, p. 57). O que distingue o tratamento jonasiano da técnica, no entanto, é a consideração de que “[...] até o bom uso da técnica tem uma ameaça.” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.117). Desse modo, estamos de acordo com Oliveira, quando este afirma que:

Como problema filosófico e ético, a técnica não é só um conjunto de artefatos ou de saberes, mas um modo de ser do homem no mundo, cujo poder alcançou na Modernidade patamares inimagináveis, que não podem mais passar sem uma avaliação ética, sob o risco do desaparecimento da vida ou de sua existência autêntica no futuro. (OLIVEIRA, 2014, p.12-13)

Jonas traz uma perspectiva de desconfiança sobre os riscos referentes aos avanços tecnológicos, uma vez que sua ética, mais do que explorar o insucesso, vê com ressalvas o sucesso da técnica, pois para ele “o perigo reside mais no sucesso do que no fracasso – e, no entanto, o sucesso é reivindicado pela pressão das carências humanas.” (JONAS, 2013, p. 52)

A discussão de Jonas está muito próxima da realidade dos estudantes, uma vez que vivemos em uma época em que o sucesso da tecnologia não apenas é muito ostentado, como também começa a manifestar claramente suas consequências negativas.

A preocupação para com o futuro é o segundo aspecto da ética jonasiana que foi empregado na fundamentação teórica de nossa prática de ensino, à qual será apresentada na segunda parte neste trabalho. O filósofo amplia o alcance da reflexão ética, pois “[...] a investida em busca de fundamentos para a responsabilidade de Jonas ancorou o seu pensar ético no direito próprio do ‘ainda não existente’, como uma entidade que reclama pela possibilidade de existir.” (FONSECA, 2007, p.59). O futuro na ética jonasiana é um futuro que visa contemplar as gerações que ainda estão por vir.

[...] para nós, contemporâneos, em decorrência do direito daqueles que virão e cuja existência podemos desde já antecipar, existe um dever como agentes causais, graças ao qual nós assumimos para com eles a responsabilidade por nossos atos cujas dimensões impliquem repercussões de longo prazo. (JONAS, 2006, p. 91-92)

A preocupação com as gerações futuras presente na ética jonasiana fornece um fundamento importante para a prática de ensino realizada pelos estudantes, pois o conteúdo de ética impõe uma prática, no mínimo a prática de atenção sobre as consequências das nossas ações. Sendo assim, o estudo desse conteúdo não pode ser alheio à atenção dada pelo estudante ao seu entorno, ao que depende de maneira de suas próprias ações. Além disso, a preocupação com o futuro discutida por Jonas fornece ao estudante uma das chaves de avaliação das consequências (das ações), fornece uma perspectiva (ponto de vista) para investigação ética do cotidiano dos alunos.

O terceiro ponto desta justificativa é a ideia de responsabilidade presente na ética jonasiana. Acreditamos que, ao apresentarmos a ética de Hans Jonas para alunos e alunas do Ensino Médio, estes terão contato com uma concepção de responsabilidade que vai além de uma “[...] responsabilidade ao ato passado, como imputação de culpa pelo que foi feito [...]” (OLIVEIRA, 2014, p.148). A ideia de responsabilidade é apresentada por Zancanaro da seguinte forma:

Jonas reivindica uma responsabilidade de outro tipo. Seu fundamento está na esfera do poder como desencadeamento de cadeias causais. Ela é exercida sobre a natureza e sobre o homem, não negando as prescrições tradicionais, como justiça, misericórdia e honestidade. Tais mandamentos continuam válidos e necessários para a esfera da interação humana e do agir próximo. Todavia, os impactos tecnológicos e seus objetos culturais forçaram mudanças no agir, provocando desalinhamento entre a ética da presença ou da intenção e as possíveis consequências futuras das ações que podem comprometer a sobrevivência da humanidade. (ZANCANARO, 1998, p.53)

A abrangência do princípio de responsabilidade jonasiano manifesta-se, em primeiro lugar, na preocupação explícita sobre a vida das futuras gerações humanas; em segundo lugar, na ênfase sobre as condições socioambientais de preservação da vida em geral, não só humana. Assim, a preservação do futuro que o filósofo alemão apresenta em sua obra *Princípio de Responsabilidade* segue a orientação de que a responsabilidade deve “[...]”

levar em consideração mais do que o interesse “do homem”, pois nossa obrigação se estenderia para mais além [...]” (JONAS, 2006, p.41).

O conteúdo estudado propõe ao estudante uma prática de responsabilização dos agentes e, em especial, a prática de assumir autonomamente a responsabilidade pelas próprias ações. Nesse sentido, uma prática pedagógica que valorize a atuação investigativa do estudante sobre sua realidade circundante é a metodologia que se enquadra naturalmente ao conteúdo estudado.

O conteúdo de ética foi trabalhado com estudantes da rede pública estadual durante o terceiro trimestre do ano letivo de 2018. Desse modo, os estudantes, quando apresentados à ética de Jonas, já tinham obtido contato com outras concepções éticas, como as de Aristóteles, Kant, Mill, Spinoza. Tiveram, assim, a oportunidade de entender o questionamento de Jonas frente às éticas que o antecederam, presente em passagens como a seguinte: “[a] significação ética dizia respeito ao relacionamento direto de homem com homem, inclusive o de cada homem consigo mesmo; toda ética tradicional é antropocêntrica”. (JONAS, 2006, p. 35)

Hans Jonas enfatiza, mais do que seus antecessores, certos aspectos relevantes para a ética, como os riscos referentes ao uso das tecnologias, a responsabilidade do ser humano pelo meio ambiente e pelas gerações futuras. Desse modo, estamos de acordo com Fonseca, quando este afirma que “[...] a ética da responsabilidade alarga sobremaneira o horizonte de percepções; também podemos dizer que Jonas foi efetivamente pragmático, qualidade ausente nos sistemas éticos até então” (FONSECA, 2007, p.64). Esse alargamento da responsabilidade é perceptível quando Jonas afirma que

[o] objeto do dever humano eram os homens, no caso extremo, a humanidade, e nada mais neste mundo. (Usualmente o horizonte ético tinha limites muito mais restritos, como, por exemplo, a “ama ao teu próximo”). Nada disso perdeu sua força vinculante. Mas agora a biosfera inteira do planeta, com toda a sua abundância de espécies, em sua recém-revelada vulnerabilidade perante as excessivas intervenções do homem, reivindica sua parcela do respeito que se deve a tudo o que é um fim em si mesmo, quer dizer, a todos os vivos. O direito exclusivo do homem ao respeito humano e à consideração moral se rompeu exatamente com a sua obtenção de

um poder quase monopolístico sobre o resto da vida. (JONAS, 2013, p. 55)

Ao terem contato com a ética de Jonas, temos a expectativa de que os alunos percebam o quão inovador foi o filósofo, uma vez que “[...] a filosofia da tecnologia proposta por Jonas passa a requisitar não só uma ética, mas uma nova ética, já que a reflexão tradicional não consegue mais oferecer respostas a esse novo cenário tecnológico.” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.110-111)

Nossa prática de ensino foi pensada de uma forma que os alunos e alunas discutissem questões relacionadas à técnica, ao futuro e à responsabilidade a partir da investigação de seu cotidiano e pudessem compreender, desse modo, que a concepção ética de Jonas mantém uma relação estreita com sua realidade. Embora não seja parte dos objetivos do presente projeto, acreditamos ser um resultado positivo de nossa proposta a sensibilização dos estudantes pelos temas abordados na ética jonasiana. Subscrevemos, assim, as palavras de Zancanaro:

Posto que a tarefa da educação no seu sentido amplo é dar uma formação global de conhecimentos que auxiliam a gestão da vida no mundo, a ética de responsabilidade poderá ser um bom instrumento na valorização da vida, do meio ambiente e de tudo que deve existir. (ZANCANARO, 1998, p.19)

Ademais, nossa escolha pela ética de Hans Jonas associada à prática de ensino proposta cumpre, ao nosso ver, a orientação presente nas Diretrizes Curriculares da disciplina de filosofia ao orientar que:

O ensino de Filosofia deve estar na perspectiva de quem dialoga com a vida, por isso é importante que, na busca da resolução do problema, haja preocupação também com uma análise da atualidade, com uma abordagem que remeta o estudante à sua própria realidade. (PARANÁ, 2008, p.60).

Ao trazermos Hans Jonas para uma prática de ensino de filosofia com estudantes do ensino médio, estes vão ter acesso a “[...] uma das mais importantes contribuições que a filosofia contemporânea oferece para a reflexão dos problemas éticos emergentes com a escalada planetária da

técnica e da crise ecológica” (GIACÓIA JÚNIOR, 2000, p.194), problemas esses que, ao nosso ver, podem despertar um interesse e identificação de alunos e alunas para com a ética da responsabilidade.

Na sequência, vamos nos ater de uma forma mais detalhada na filosofia de Hans Jonas, trazendo, além dos pontos aqui por nós já apresentados, outros elementos importantes da sua filosofia, bem como, alguns pontos importantes da sua vida e obra.

#### 1.4. HANS JONAS: VIDA E OBRA

Hans Jonas nasceu em 10 de maio de 1903, na cidade alemã de Mönchengladbach. Podemos dividir sua vida intelectual em três fases. A primeira, na década de 1920, teve maior influência da filosofia alemã. Nesse período, o filósofo de origem judaica tem na base da sua filosofia influências da fenomenologia, do existencialismo, no pensamento hebraico de Rosenzweig e Scholem, tendo papel marcante em sua formação Martin Heidegger, por um período seu mentor intelectual, Edmund Husserl e Rudolf Bultman.

Suas pesquisas nessa primeira fase estão voltadas para a gnose<sup>18</sup> no cristianismo primitivo. Sendo orientado por Heidegger, conclui seu doutorado em 1928. Em 1930, publica a obra *Agostinho e o problema da liberdade em Paulo: contribuição filosófica para a gênese da ideia de liberdade cristã ocidental*.

Com a ascensão do nazismo ao poder, Jonas abandona a Alemanha, indo inicialmente para Inglaterra (1933) e, em seguida, Israel (1935 a 1949). Durante esse período, lutou como soldado no exército britânico (1940), atuando no Mediterrâneo, na Itália e na ocupação da Alemanha. Em 1934, publica *A gnose e o espírito da Antiguidade tardia. Primeira parte: a gnose mitológica*.

Em 1958, já vivendo em Nova York, publica *A religião gnóstica: a mensagem do Deus estranho e os primórdios do cristianismo*. Nesse mesmo

---

<sup>18</sup> Conhecimento esotérico da verdade espiritual, combinando mística, sincretismo religioso e especulação filosófica, que diversas seitas dos primeiros séculos da era cristã, consideradas heréticas pela Igreja, acreditavam ser essencial à salvação da alma.

ano, aceita o convite para trabalhar na New School for Social Research, de Manhattan.

A segunda fase é quando o filósofo desenvolve uma relação entre as ciências naturais e a filosofia e começa a ficar mais conhecido. Desses estudos, é publicado, em 1966, *Fenomenologia da vida: fundamentos para uma biologia filosófica*. Essa obra é de suma importância para a construção da terceira fase acadêmica de Jonas, fase que vai tratar da necessidade de uma nova ética, uma vez que:

[n]esta obra percebe que a filosofia tem a ver com aquilo que é, com o ser real com o qual nós estamos confrontados e do qual nós mesmos somos uma parte. Supera a concepção que reduz a vida à simples mecanicidade de elementos indiferentes. (ZANCANARO, 1998, p.22)

A terceira fase trata de questões voltadas para responsabilidade humana, ciência moderna, bioética, ecologia. É nessa fase que Jonas vai propor a necessidade de uma ética voltada para a responsabilidade humana, proposta presente em sua principal obra, *O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma Ética para a civilização tecnológica*, publicado em 1979.

Jonas apresenta a necessidade de uma nova ética: “[...] já que a ética tem a ver com o agir, a consequência lógica disso é que a natureza modificada do agir humano também impõe uma modificação na ética.” (JONAS, 2006, p. 29)

A terceira fase de sua obra conta ainda com as seguintes publicações: em 1985, *Técnica, medicina e ética*; em 1992, *Investigações filosóficas e conjecturas metafísicas*; e, em 1993, *Filosofia: visão retrospectiva e antecipada ao fim do século*.

O filósofo morreu em Nova Rochelle no dia 5 de fevereiro de 1993, deixando um importante legado para a filosofia, principalmente para o campo da ética, uma vez que sua originalidade e ousadia levantaram a necessidade de repensar a reflexão ética devido às mudanças tecnológicas que afetam a vida de boa parte das pessoas no mundo.

É a partir da terceira fase da vida acadêmica de Hans Jonas, fase voltada principalmente para a ética, que buscamos as referências teóricas para a elaboração da nossa prática de ensino da filosofia. Sendo assim, passaremos

a apresentar, na sequência, os elementos na filosofia de Jonas que contribuíram na fundação de uma ética da responsabilidade.

### 1.5. HANS JONAS: UMA NOVA ÉTICA, UMA ÉTICA DO FUTURO

Um dos principais questionamentos de Hans Jonas acerca das concepções éticas que o antecederam é que “[t]odos os mandamentos e máximas da ética tradicional, fossem quais fossem suas diferenças de conteúdo, demonstram esse confinamento ao círculo imediato da ação” (JONAS, 2006, p. 36). Em outras palavras, na avaliação de Jonas, “[...] toda ética até agora pensava a relação do ser humano como outro ser humano, ou seja, era antropocêntrica [...]” (OLIVEIRA, 2014, p.126)

Desse modo, o filósofo alemão via a necessidade da elaboração de uma nova ética, uma ética de responsabilidade<sup>19</sup>, uma vez que

[e]mbora não represente um fenômeno novo para a moralidade, a responsabilidade nunca tratou de tal objeto, e a teoria ética lhe concedeu pouca atenção. Tanto o conhecimento quanto o poder eram por demais limitados para incluir o futuro mais distante em suas previsões e o globo terrestre na consciência da própria causalidade. (JONAS, 2006, p. 22)

Essa falta de ênfase em questões como a responsabilidade do ser humano para com a natureza, para com as gerações futuras, para os riscos dos avanços tecnológicos levou Jonas a afirmar que:

[n]enhuma ética precedente teve de considerar a condição global da vida humana e o futuro distante, e até mesmo a existência, da espécie. O fato de tudo isso ter se tornado um problema exige, em suma, um novo conceito de deveres e direitos, para os quais a ética e a metafísica precedentes não forneciam sequer os princípios, quanto mais uma doutrina pronta. (JONAS, 2017, p. 33)

É a partir dessa falta de preocupação, nas concepções éticas que antecederam Jonas, com questões que ultrapassam a relação dos homens com os homens que o filósofo afirma que “[...] novos tipos e limites do agir exigem uma ética da previsão e responsabilidade compatível com esses

---

<sup>19</sup> JONAS, 2017, p. 40.



limites, que seja tão nova quanto as situações com as quais ela tem de lidar.” (JONAS, 2006, p. 57). Parte da extensão desses limites consiste em incluir na reflexão ética a preservação da natureza e a vida de não humanos. Jonas busca dar ênfase a essas questões de uma forma distinta da descrita por Kant:

Os seres cuja existência depende, não em verdade de nossa vontade, mas da natureza, têm contudo, se são seres irracionais, apenas um valor relativo como meios e por isso se chamam coisas, ao passo que os seres racionais se chamam pessoas, porque a sua natureza os distingue já como fins em si mesmos, quer dizer como algo que não pode ser empregado como simples meio e que, por conseguinte, limita nessa medida todo o arbítrio (e é um objeto de respeito). (KANT, 2011, p.72).

Acreditamos que é possível utilizar do imperativo categórico de Kant para uma discussão atual acerca de uma série de questões, como, por exemplo, das condições dos animais que são criados para o nosso consumo, ou de uma discussão sobre a utilização de animais em testes da indústria farmacêutica ou de cosméticos, ou até mesmo para as consequências das ações do homem para com o meio ambiente. Todavia, nossa opção pela ética jonasiana é justificada pela ênfase que o filósofo alemão dá aos problemas que envolvem tecnologia, meio ambiente e vida das gerações futuras. Estamos, assim, de acordo com Zancanaro quando este afirma que “Jonas vai ao encontro de novos imperativos adaptados ao tempo e às novas exigências do agir, endereçados aos novos sujeitos de poder e aos que recebem os impactos da tecnologia, sempre em transformação” (ZANCANARO, 1998, p.43).

Como visto anteriormente, para Jonas, as gerações futuras ganham destaque em sua ética, situação essa que o filósofo não percebia nas éticas tradicionais. Essa ausência de uma preocupação maior com o futuro por parte das éticas tradicionais é tratada pelo autor da seguinte forma: “[o] alcance efetivo da ação era pequeno, o intervalo de tempo para a previsão, definição de metas e imputabilidade era curto, e o controle das circunstâncias, limitado.” (JONAS, 2017, p.28), Em outras palavras, as concepções éticas tradicionais estavam mais voltadas para as consequências imediatas ou não muito distantes da ação, uma vez que, “[...] nenhuma ética do passado levou em consideração o futuro longínquo e a existência futura da espécie.” (ZANCANARO, 1998, p.55).

Desse modo, a nova ética que Hans Jonas propõe é uma ética voltada para o futuro, uma ética que transcenda o imediatismo da ação. A esse respeito, é pertinente observar que “[o]s fundamentos da ética tradicional, de que só tem direito à reivindicação aquele que existe, tornaram-se insuficientes para a ética do futuro proposta por Jonas.” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.141), ou ainda, que “[p]ensar uma ética do futuro exige que em nossas decisões atuais seja levado em conta o bem daqueles a quem ainda não podemos perguntar a opinião” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.147-148).

Como foi destacado em nossa justificativa sobre a escolha da ética de Hans Jonas para aplicação da proposta de ensino de filosofia desenvolvida no presente projeto, tentamos nos ater a três pontos da filosofia jonasiana, quais sejam, sua preocupação com o futuro, sua crítica à técnica e a nova interpretação que o filósofo faz do conceito de responsabilidade.

Já destacamos a ressalva que o autor faz em relação às éticas que o antecederam. Tais sistemas ou concepções de ética que não fornecem elementos para uma discussão detalhada das questões que envolvem os avanços e, acima de tudo, os impactos que a tecnologia pode exercer sobre a humanidade e sobre a natureza, como descreve precisamente Giacóia Junior:

Com o advento da técnica moderna, altera-se decisivamente o panorama das éticas tradicionais. A técnica moderna investe as ações humanas de uma ordem de grandeza completamente distinta daquela com que se preocupava a tradição; além disso, dota-as de objetos novos e provoca consequências de tal magnitude que ultrapassam as margens do pensamento ético tradicional. (GIACÓIA JÚNIOR, 2000, p.197)

A nova ética para o futuro proposta por Hans Jonas tem como ponto de partida, além das ressalvas às éticas tradicionais, trazer para sua reflexão um olhar de cautela para o uso da tecnologia pelo ser humano, principalmente no que diz respeito ao lado positivo da tecnologia, o qual, na maior parte dos casos, não era objeto da análise:

Que a ética, falando de modo mais geral, tenha algo a dizer sobre o tema da técnica, ou que a técnica esteja submetida a considerações éticas, eis algo que segue do simples fato de que a técnica é um exercício do poder humano, isto é, uma forma de ação,

e toda forma de ação humana está sujeita a uma avaliação moral. É também uma obviedade que um mesmo poder pode ser utilizado para o bem e para o mal, e que em seu exercício se pode cumprir ou infringir normas éticas. (JONAS, 2013, p. 51)

A dificuldade é esta: não apenas quando a técnica é malevolente usada de modo ruim, quer dizer, para fins maus, mesmo quando benevolente usada para seus fins mais legítimos e próprios, ela tem um lado ameaçador em si, que, a longo prazo, poderia ter a última palavra. (JONAS, 2013, p. 52)

Jonas traz para a sua proposta ética uma preocupação com a técnica, que vai além dos riscos imediatos que ela pode trazer. O filósofo dispõe-se a discutir sobre os riscos futuros da técnica e, especialmente, sobre os riscos do êxito dos avanços tecnológicos, dada a percepção de que “potencialmente a tecnologia pode colocar em risco a vida humana e todas as formas de vida, inclusive o futuro do planeta.” (ZANCANARO, 1998, p.41)

A proposta jonasiana pode ser considerada uma espécie de freio ético para os avanços tecnológicos, uma vez que “Hans Jonas argumenta que a ética existe para limitar o poder de agir e que as novas formas de intervenção abertas pelos avanços da tecnociência, perante as quais os regulativos éticos tradicionais revelam-se inefetivos, requerem uma nova ética.” (FONSECA, 2007, p.72)

Esta nova ética traz, como um dos elementos da sua originalidade, um olhar cauteloso para a questão do sucesso tecnológico, já que, para o filósofo de Mönchengladbach, “não há nada melhor que o sucesso, e nada nos aprisiona mais que o sucesso.” (JONAS, 2006, p. 43). Presos ao sucesso das realizações tecnológicas, estamos propensos a não perceber os impactos destrutivos que as benesses momentâneas da tecnologia podem acarretar para a humanidade e para o planeta no futuro.

É válido ressaltar que a cautela ética proposta por Jonas, que recai sobre a tecnologia, deve-se à falta de questionamentos frente aos impactos que tais avanços tecnológicos podem acarretar. Hans Jonas

[...] não critica nem a técnica nem a civilização tecnológica enquanto tal, mas o fato de que elas comportam uma forte propensão a degenerar-se de maneira desmesurada e descontrolada, deixando-se guiar por forças econômicas que aceleram o processo que escapa ao nosso controle ético. (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.76)

A tarefa de Jonas é, portanto, árdua, dado que o filósofo levanta uma série de questionamentos voltados para a técnica, ao passo que é inegável todas as benesses que a tecnologia trouxe para boa parte da população do planeta.

Os benefícios inerentes a esse proceder técnico são evidentes, pois, de fato, ele munuiu a humanidade de um instrumental absolutamente necessário, na superação de verdadeiros limites impostos pela natureza, de forma que facilitou muito a vida-nossa-de-cada-dia, paralelo ao suporte às condições de sobrevivência, como a produção de alimentos, cura de doenças, potencializou os meios de transporte e comunicação, dentre outros avanços. Essa dimensão é inquestionavelmente fruto da criatividade e do aperfeiçoamento que o homem fez da natureza. (FONSECA, 2007, p.110)

Mais uma vez, ressaltamos que Jonas não é um pensador contrário aos avanços tecnológicos, que, como podemos perceber na citação anterior, contribuíram de forma significativa para facilitar a vida das pessoas. A questão é que, em casos nos quais o uso da técnica tem fins positivos, o olhar cauteloso não costuma se fazer presente.

Daí a importância da proposta ética de Jonas, de voltar nossa atenção para algo que até então não era objeto da análise, os riscos que a técnica pode trazer, principalmente os impactos para as próximas gerações. É importante que “[...] a humanidade necessite administrar as consequências de caráter destrutivo resultantes do progresso técnico.” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.86), uma vez que, com os avanços da técnica, cada vez mais dinâmica, seus riscos são potencializados:

Muitos dos novos riscos (contaminações nucleares ou químicas, substâncias tóxicas nos alimentos, enfermidades civilizacionais) escapam inteiramente à capacidade perceptiva humana imediata. Cada vez mais estão no centro das atenções ameaças que com frequência não são nem visíveis nem perceptíveis para os afetados, ameaças que possivelmente sequer produzirão efeitos durante a vida dos afetados, e sim na vida de seus descendentes [...] (BECK, 2010, p.32)

O risco que a técnica pode trazer, tal como exposto na concepção ética de Hans Jonas, não é iminente, mas sim um risco para as próximas gerações. O problema é que esse cenário não costuma ser levado em consideração pelos

agentes, especialmente focados, por motivações que a psicologia, sociologia e filosofia ajudam a desvelar, nos aspetos positivos das novas descobertas e avanços tecnológicos.

Outro ponto relevante na crítica que Hans Jonas faz sobre a questão da técnica é sobre os interesses econômicos e políticos envolvidos no uso da técnica, interesses que em geral desconsideram os riscos que os avanços tecnológicos podem acarretar para o homem e a natureza, principalmente quando estes riscos não são imediatos.

Jonas observa outro elemento importante: poderosos interesses financiam a produção da inovação. Essa pressão pelo progresso tecnológico coloca o homem numa condição de livre competitividade, despertando o apetite pelas possibilidades; por um lado, fazendo com que as possibilidades de erro sejam minimizadas ou escondidas por trás da fascinação dos benefícios; por outro, os próprios problemas decorrentes do aumento da população e a ameaça do esgotamento das reservas naturais funcionam como impulso da técnica. (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.98)

A visão de Jonas acerca das mudanças e dos impactos que a tecnologia vem exercendo junto ao planeta e ao ser humano levou o filósofo a reconhecer que “[...] os novos poderes da ação requerem novas normas éticas e, talvez até mesmo uma nova ética.” (JONAS, 2017, p.49), uma ética que traga para a reflexão questões como os riscos que a tecnologia pode trazer para as futuras gerações.

Nesta seção, apresentamos a visão de Jonas sobre como “[...] na modernidade, a técnica se tornou um problema central da existência humana e, por isso, se tornou um problema filosófico; e, em função de suas consequências, converteu-se também em objeto da ética”. (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.88). Na sequência, vamos nos ater à preocupação que o filósofo tem, na construção da sua ética, com as gerações futuras.

## 1.6. AS GERAÇÕES FUTURAS COMO OBJETO DA REFLEXÃO ÉTICA

Anteriormente, apresentamos a ideia de uma nova ética elaborada por Hans Jonas. Nessa proposta, a ética volta seu olhar para as questões relacionadas à técnica e aos impactos que essa pode provocar sobre o planeta e o ser humano, principalmente a longo prazo. Em sua investigação, Jonas pretende determinar qual é o impacto que os avanços tecnológicos podem ter sobre as próximas gerações e realizar uma reflexão ética sobre tais impactos. De acordo com o filósofo, essa não é uma preocupação constante, uma vez que:

[c]om o que fazemos aqui e agora, na maioria das vezes pensando em nós mesmos, afetamos maciçamente a vida de milhões, alhures e no futuro, que não foram consultadas a esse respeito. Hipotecamos a vida futura em troca de vantagens e necessidades atuais a curto prazo – e, quanto a isso, na maioria das vezes, em função de necessidades autocriadas. (JONAS, 2013, p. 54)

É pela ação tecnológica no presente que se pode afetar a vida das gerações futuras, haja vista que a forma com que os recursos naturais são hoje utilizados torna manifesta a magnitude dos riscos envolvidos: “[a] técnica moderna tende intimamente a um uso de grandes dimensões e talvez por isso se torne grande demais para o tamanho do palco no qual se desenvolve – a Terra – e para o bem dos próprios atores – os seres humanos.” (JONAS, 2013, p. 54).

O uso indiscriminado da técnica resulta em parte da suposição de que a natureza está sempre à disposição da vontade humana, como algo ilimitado e que simplesmente teria a função de fornecer o material que o ser humano precisa para suprir as suas necessidades, suas realizações<sup>20</sup>. Esse poder da técnica evidencia uma relação unilateral, pois “o homem técnico é aquele que adquire o direito de explorar a natureza de forma ilimitada, porque ele é o único portador da subjetividade e ela deve fornecer todo material para a realização de suas necessidades” (OLIVEIRA, 2014, p.141).

---

<sup>20</sup> OLIVEIRA, 2014, p.141.

É por observar a dimensão dos efeitos decorrentes do uso inadequado da tecnologia que Jonas propõe estender o horizonte de reflexão prática, para que a ética se ocupe explicitamente do futuro das próximas gerações.

O poder ambivalente da técnica moderna [...] exige um alargamento da dimensão ética, de modo que os efeitos involuntários e inesperados das ações humanas em longo prazo não sejam mais classificados como fruto do acaso e, portanto, fora do universo ético. (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.148)

A intenção de Jonas de colocar a técnica sob o crivo da ética deve-se ao fato que ele “[...] parte de uma evidência: a técnica é um poder (ou seja, uma forma de atuação) e toda forma de atuação exige um exame moral.” (OLIVEIRA, 2014, p.117). O filósofo propõe, assim, um imperativo que procure não só o bem humano, mas de tudo aquilo que esteja submetido ao poder da técnica, incluindo o bem das coisas extra-humanas.<sup>21</sup> Talvez possamos inclusive falar, seguindo Zancanaro, em uma dimensão moral da natureza, na medida em que está sujeita à ação humana:

Se a natureza extra-humana e a biosfera estão submissas ao nosso poder, torna-se necessário buscar um “bem moral”, não somente para a humanidade, mas também para a natureza. Considerando a capacidade destrutiva da tecnologia, a natureza passa a ser incluída na esfera de responsabilidade do nosso agir. (ZANCANARO, 1998, p.56)

Assim como Kant propôs um imperativo categórico<sup>22</sup>, Hans Jonas também vai propor um imperativo, mas de uma forma distinta ao das éticas que o antecederam, já que “a maioria dos imperativos éticos na tradição filosófica parte de uma conexão entre a ação do agente e uma regra que oriente essa ação.” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.149). Onde a formulação especial do imperativo jonasiano:

Um imperativo adequado ao novo tipo de agir humano e voltado para um novo tipo de sujeito atuante deveria ser mais ou menos assim: “Aja de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra”; ou, expresso negativamente: “Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma

---

<sup>21</sup> JONAS, 2006, p. 41.

<sup>22</sup> KANT, 2011, p. 62.

tal vida” ; ou, simplesmente: “ Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra” ; ou, em um uso novamente positivo: “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer”. (JONAS, 2006, p. 48)

É inegável que o imperativo jonasiano é voltado para as futuras gerações, pois se trata de um “[...] imperativo que pede que exista uma humanidade depois de nós, mais exatamente, que pede que nada em nossa ação impeça que a vida continue [...]” (RICOEUR, 1996, p.235). Além do que está manifesto em seu conteúdo, o imperativo jonasiano exerce a função política de dar voz àqueles que não podem reivindicar condições adequadas de vida pelo simples fato de que existirão apenas no futuro:

Aquilo que não existe não faz nenhum lobby, e os não-nascidos são impotentes. Com isso, os que lhes devem prestar contas não têm por ora nenhuma realidade política diante de si no processo de tomada de decisão; quando aqueles puderem reivindicá-la, nós os responsáveis, não existiremos mais. (JONAS, 2006, p.64)

A originalidade da ética de Hans Jonas reside na ênfase a novas questões, como a preocupação com a natureza e com as próximas gerações, haja vista que “o novo imperativo clama por outra coerência: não a do ato consigo mesmo, mas a dos seus efeitos finais para a continuidade da atividade humana no futuro.” (JONAS, 2006, p. 49). A vida futura não é uma garantia e, mesmo que fosse, é necessário que o olhar ético esteja voltado para a qualidade dessa vida ou existência. Por conseguinte,

[...] a ética jonasiana promove uma mudança no sentido de não se limitar à existência, mas à forma dessa existência, visto que a garantia da vida em longo prazo não é mais dada como certa, necessitando-se de um fundamento ou de um princípio que possa garanti-la. (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.141)

O dever proposto pelo imperativo jonasiano é garantir a existência humana e as condições para que essa existência possa acontecer. Para que isso ocorra, é preciso considerar que “[...] o homem pode arriscar a própria vida, mas não tem o direito de arriscar a vida da humanidade.” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.149). É fundamental que a ética seja capaz de garantir.



[...] o dever de proteger a premissa básica de todo o dever, ou seja, precisamente a presença de meros candidatos a um universo moral no mundo físico do futuro; isso significa, entre outras coisas, conservar este mundo físico de modo que as condições para uma tal presença permaneçam intactas; e isso significa proteger sua vulnerabilidade diante de uma ameaça dessas condições. (JONAS, 2006, p. 45)

Adiante, vamos nos ater à forma com que Jonas vai trazer para sua proposta ética a questão do temor com que o ser humano tem de olhar para os avanços, bem como os possíveis impactos que a técnica pode trazer para a natureza e para as próximas gerações.

### **1.7. O TEMOR DA AÇÃO TÉCNICA COMO UM ELEMENTO DA ÉTICA DE HANS JONAS**

Para compreender como Jonas trata a questão sobre o futuro das próximas gerações e como este futuro pode ser assegurado, retomamos a forma como o autor alemão trata a questão da técnica e suas consequências, destacando agora o temor que esses impactos podem causar, principalmente no sucesso de seu emprego. Conforme Santos (2011, p.24), “[...] é justamente o ‘sucesso’ da técnica que devemos temer e não seu fracasso, pois o que está em jogo nesse desempenho é, nada mais e nada menos, do que o futuro da humanidade inteira e do planeta que habitamos”.

O sucesso da técnica é, para Jonas, motivo de temor porque a técnica mesmo quando usada para fins benevolentes<sup>23</sup> tem um lado ameaçador. De acordo com Oliveira, Moretto e Sganzerla:

A ética, então, necessita não só avaliar as intenções, mas as consequências últimas da técnica, isso porque o risco está mais no êxito que no fracasso, pois, quanto mais a técnica “dá certo”, mais aumenta o risco que seu uso representa. Isto é, muitas vezes aquilo que é previamente avaliado e moralmente evitado como mau, como tal, acaba facilmente abandonado, mas o que é avaliado como bom, não. (2015, p.115)

---

<sup>23</sup> JONAS, 2013, p.52.

Jonas, como vimos na seção anterior, inclui explicitamente em sua ética uma preocupação com as consequências futuras do uso da técnica, já que a “[...] destruição do todo pela ação desenfreada do poder humano é uma possibilidade real”. (ZANCANARO, 1998, p.59). Desse modo, o filósofo alemão alerta que “[n]o campo ético, não temos mais o direito à ignorância. Sob pena de que sacrifiquemos parte da humanidade [...]” (JONAS, 2013, p. 17). Sendo assim, é necessário “[...] uma ética capaz de vigiar o poder da técnica e proteger o ser humano e as demais formas de vida dos seus riscos.” (OLIVEIRA, 2014, p.127).

O sentimento de temor terá, na ética jonasiana, um papel fundamental na vigilância sobre o poder da técnica. Jonas não propõe que o temor seja utilizado para limitar toda ação e avanço tecnológico. Antes, sua proposta é fazer do temor um recurso heurístico, um instrumento de reminiscência sobre os riscos de tal avanço, sobre a possibilidade de “[...] a ação humana, tecnologicamente potencializada, [...] danificar crítica e irreversivelmente a natureza do próprio homem” (GIACÓIA JÚNIOR, 2000, p.197).

O temor ganha na ética jonasiana um caráter que tem por objetivo a defesa da vida, não de uma forma individual, mas sim como um bem coletivo. Sobre a questão do temor, Oliveira explica que

[...] o temor não tem como alvo a mera conservação individual, mas parte do cenário de ameaça geral à vida mesma e exige não a previsão de um fim individual (ser morto ou ser escravizado), mas do fim das condições gerais para que todas as vidas individuais sejam possíveis. (OLIVEIRA, 2014, p.135)

O trecho acima mostra o temor como um elemento que visa a conservação das possibilidades da vida em geral, ou seja, mais do que defender a vida de forma individual, o temor é empregado por Jonas como algo que vise garantir que possa existir condições de vida no futuro.

Para Oliveira, mais do que um instrumento de alerta sobre os efeitos negativos da tecnologia, o sentimento de temor é, na proposta ética de Jonas, elevado à condição mesma de um motivo ou móvel para a ação moralmente responsável:

[...] o temor é, para Jonas, um sentimento que desperta a capacidade reflexiva: seu mecanismo interno não é um sentimento de ansiedade ou aflição ou mesmo impotência ou fraqueza, mas uma premissa reflexiva sobre perigos que se tornam reais na medida de sua concretização. (OLIVEIRA, 2014, p.134)

É a partir desse cenário de insegurança em relação à técnica e seus impactos que vamos nos deparar com a ideia de uma “heurística do temor”<sup>24</sup>, utilizada por Jonas na construção do seu imperativo ético<sup>25</sup>, um imperativo que “[...] cobra o que vamos realizar, e não o que já realizamos, como acontece no direito civil e penal” (ZANCANARO, 2011, p.92). Essa ideia de uma heurística do temor é um “[...] trabalho de imaginação realizado em favor da previsão das consequências maléficas futuras de nossa ação (tecnológica).” (LOPES, 2011, p.139). Esse prognóstico negativo em relação aos impactos da ação técnica deve-se ao fato que “[...] a técnica, em seu emprego positivo benéfico para a civilização, traz consigo, contrabandeado, um potencial ameaçador” (SANTOS, 2011, p.33). Desse modo, Jonas ressalta que

[p]recisamos da ameaça à imagem humana — e de tipos de ameaça bem determinados — para, com o pavor gerado, afirmamos uma imagem humana autêntica. Enquanto o perigo for desconhecido, não se saberá o que há para se proteger e por que devemos fazê-lo: por isso, contrariando toda lógica e método, o saber se origina daquilo contra o que devemos nos proteger. (JONAS, 2006, p.70-71)

Para Jonas, a falta de reflexão sobre os impactos negativos que a técnica pode gerar no futuro, ameaçando a possibilidade de existência da vida como um todo, justifica uma ação pessimista em relação à técnica na qual o temor é tratado, na descrição de Oliveira (2014, p. 135), como “[...] um elemento condicionado à sobrevivência da espécie e da autenticidade da imagem do homem [...]”.

Devido à ameaça que os avanços tecnológicos podem trazer no futuro para o meio ambiente e para a humanidade, Jonas (2006, p. 77) posiciona-se

<sup>24</sup> “Trata-se de uma probabilística negativa que faz derivar o princípio ou o inventa (*eurisko*) a partir do que deve ser evitado, preferindo a consulta aos temores humanos mais do que aos desejos, aspirações e esperanças”. OLIVEIRA, 2014, p. 130.

<sup>25</sup> O imperativo proposto por Jonas tem grande importância em seu sistema moral, uma vez que, “O princípio não é aquele da responsabilidade objetiva, e sim o da constituição subjetiva de minha autodeterminação. O novo imperativo clama por outra coerência: não a do ato consigo mesmo, mas a dos seus efeitos finais para a continuidade da atividade humana no futuro” (JONAS, 2006, p. 48-49).

de uma forma pessimista em relação à técnica, afirma que “[...] é necessário dar mais ouvidos à profecia da desgraça do que à profecia da salvação”. Mas materializar o pessimismo jonasiano em relação à técnica e seus avanços em uma ação ética efetiva não é algo simples, haja vista que existem os interessados nas inovações técnicas, como bem destaca Oliveira:

[...] o altíssimo investimento dos poderosos interesses que financiam a produção da inovação: o aumento da população e esgotamento das reservas naturais funcionam como impulsos para esse movimento, porque a técnica mesma acredita que os eventuais problemas criados por ela poderiam ser por ela sanados. (OLIVEIRA, 2014, p.95-96)

Frente a todos os interesses da utilização da técnica e o discurso positivo que justifica a sua utilização, mesmo sem saber, ou levar em consideração, os seus impactos no futuro, o temor surge como um elemento da ética jonasiana que auxilia na orientação das ações humanas. O fato de boa parte dos avanços tecnológicos ter como justificativa o bem humano não impede que possa acarretar consequências danosas no futuro. Jonas (2006, p.71) alerta para o fato de que “[...] o mal nos impõe sua presença, enquanto o bem pode ficar discretamente ali e continuar desconhecido, destituído de reflexão.”

Desse modo, mesmo que as intenções visem a um bem coletivo, cabe uma reflexão que leve em consideração um possível risco, mesmo que não de forma imediata, para o ser humano e o meio ambiente, pois, como colocado por Jonas (2006, p72), “o que deve ser temido ainda não foi experimentado e talvez não possua analogias na experiência do passado e do presente”.

Pelos motivos apresentados no parágrafo anterior é que todos os casos de magnitude técnica devem ser tratados de uma forma que se dê um peso maior à possibilidade do desastre do que à de felicidade.<sup>26</sup> Jonas descarta a possibilidade de isenção da nossa parte para com as gerações futuras, pois, para ele, “[a]quilo que não existe não faz reivindicações, e nem por isso pode ter seus direitos lesados” (JONAS, 2006, p. 89).

O fato de não ser possível avaliar quais vão ser os impactos que os avanços tecnológicos vão ter sobre o futuro das próximas gerações não

---

<sup>26</sup> JONAS, 2006, p.83.

impede o homem de elaborar segundo Jonas (2006, p. 73) “a projeção de efeitos finais ou apenas possíveis” que a tecnologia pode gerar. Situação considerada como suficiente<sup>27</sup> para o filósofo alemão para se utilizar de uma heurística do temor.

O imperativo jonasiano é voltado para as consequências futuras do que é feito no presente, pois “[...] estamos vivendo um tempo marcado pelo avanço da técnica, o que conferiu grandes poderes ao homem atual” (FONSECA, 2007, p.117). O poder do homem de intervir na natureza através da técnica, segundo Moretto (2015, p. 114), “[...] pode chegar sempre a maus efeitos, de forma inseparável dos bons; assim, mesmo quando a técnica é utilizada para o bem, os efeitos dela podem levar a consequências desastrosas”

São os efeitos futuros em relação ao poder que o ser humano adquiriu por meio da técnica e que podem ameaçar a humanidade e o meio ambiente que levam Jonas a se utilizar da heurística do temor em sua doutrina ética. Como não é possível se estabelecer uma certeza quando o assunto são prognósticos de longo prazo, o filósofo alemão propõe que o caminho a ser seguido quanto ao uso da tecnologia é aquele em que “[...] se dê mais peso à ameaça do que à promessa” (JONAS, 2006, p. 78).

A ética jonasiana nos permite à conclusão de que melhor é adotar uma posição pessimista sobre os efeitos futuros do uso da tecnologia do que uma visão otimista ou neutra.

O prognóstico futuro adotado por Jonas e que ele toma como um ideal motivador das ações, em especial as que envolvem a técnica, é o de temor, pois é necessário “[...] impor limites e freios aos ilimitados poderes humanos conquistados pelos conhecimentos científicos” (ZANCANARO, 1998, p.193), uma vez que Jonas deixa clara a questão sobre a “[...] impotência do nosso saber com respeito ao prognóstico de longo prazo” (JONAS, 2006, p.78).

Jonas nos alerta para a necessidade da ação imediata em prol da garantia das gerações futuras, haja vista que “[t]udo tende para adiante, para o amanhã e o depois de amanhã. Naturalmente, o amanhã só podemos investigar a partir de seus inícios, das tendências legíveis de hoje com maior ou

---

<sup>27</sup> JONAS, 2006, p. 73.

menor probabilidade” (JONAS, 2013, p. 63). Desse modo, o filósofo enfatiza a necessidade de um

[...] dever muito mais amplo de cuidar para que haja uma situação global que, caso seja possível, não deixe que se chegue às situações de emergência, mas, sobretudo, preveja essa ameaça integral à qual nenhuma virtude poderia mais enfrentar. (JONAS, 2013, p. 74)

Vivemos em um tempo no qual “[...] a técnica que destruiu o meio ambiente agora busca uma forma para resolver o problema. É a técnica se alimentando da técnica, constituindo um processo infinito” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.98). Mas, como vimos anteriormente, nossa capacidade de previsão é limitada, principalmente se buscarmos fazer prognósticos para daqui 50, 100, 200 anos, pois não temos nenhuma certeza dos impactos que nossas realizações no presente podem trazer para o futuro.

É por essa incerteza para com o futuro que Hans Jonas trabalha com uma proposta de heurística do temor, uma vez que “[...] o autor proíbe que se coloque em risco a vida da humanidade e do amanhã em nome daquilo que se apresenta como um bem para o nosso tempo [...]” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.149). Para isso, o olhar frente às questões da ação técnica para o filósofo deve partir de um prognóstico pessimista, pois, “[o] que existe precisa ser preservado, custe o que custar. O prognóstico pessimista nos chama mais atenção. É mais decisivo que o otimista” (ZANCANARO, 1998, p.80).

Verificamos até essa parte do trabalho a importância de questões, na filosofia de Hans Jonas, como o futuro das próximas gerações, a crítica às éticas tradicionais, a crítica à técnica e a sua heurística do temor. Na sequência, vamos tratar do principal conceito do filósofo, que fundamenta e até nomeia a principal obra do filósofo, o conceito de responsabilidade.

## 1.8. A RESPONSABILIDADE PARA HANS JONAS

O conceito de responsabilidade<sup>28</sup> tem uma importância na proposta ética de Hans Jonas, da mesma forma que a virtude, para Aristóteles, e o dever, para Kant. Como vimos nos tópicos anteriores, a ética de Jonas voltou seu olhar para os riscos que o uso da técnica pode trazer para o meio ambiente e para as próximas gerações, dando maior ênfase a essa questão do que as éticas que o antecederam. Nesse sentido, o filósofo alemão ressalta que “[...] a evolução do poder humano proporcionou à ética tarefas inteiramente novas e deu-lhe objetos completamente novos aos quais dedicar-se” (JONAS, 2013, p. 308).

O objetivo de Jonas não é desqualificar as concepções que o antecederam, mas destacar que essas concepções “[...] não são mais satisfatórias para enfrentar o novo cenário tecnológico” (OLIVEIRA, 2014, p.123). O filósofo aponta para um cenário de avanços tecnológicos e incertezas futuras, que “[...] impõe à ética, pela enormidade de suas forças, uma nova dimensão, nunca antes sonhada, de responsabilidade” (JONAS, 2006, p. 39). A noção de responsabilidade, como se observa aqui, será um conceito fundamental na reflexão sobre questões negligenciadas ou colocadas em segundo plano pelas éticas da tradição.

Jonas se utiliza do termo *Verantwortung* que significa responsabilidade, mas uma responsabilidade que é entendida como a capacidade de responder por algo que será feito ou que deverá ser feito. Como destaca Oliveira (2014, p.148), responsabilidade na ética jonasiana “[...] não é imputabilidade ou compensação enquanto punição, mas sobretudo, uma forma de evitar que o próprio ato se realize”, compreendendo-se aqui o ato como todo aquele que coloque em risco a possibilidade de existência do ser humano no futuro.

---

<sup>28</sup> A noção de responsabilidade é utilizada por Jonas como uma forma de lidar com os desafios éticos referentes às transformações produzidas pela ação humana no contexto tecnológico. Segundo ele, “[a] técnica moderna introduziu ações de uma ordem inédita de grandeza, com tais novos objetos e consequências que a moldura ética antiga não consegue mais enquadrá-la” (2006, p.39). A noção de responsabilidade aparece na ética jonasiana como uma forma de prevenção sobre os riscos que os impactos da ação técnica podem trazer, visando garantir a possibilidade de existência no futuro da natureza e das próximas gerações de seres humanos. Segundo Zancanaro, “[a] ética de responsabilidade com o futuro leva em conta a possibilidade da destruição do universo, revelando-nos imediatamente que o homem e o universo devem ser preservados” (1998, p.75).

A noção de responsabilidade presente na ética jonasiana vai além das consequências momentâneas das ações. Conforme Oliveira, Moretto e Sganzerla, “[...] [a]o pensar a responsabilidade além da ideia de uma ação já realizada, a exemplo do direito civil e penal, Jonas busca um sentido que possa assegurar o direito à existência, de modo autêntico, daqueles que ainda não existem” (2015, p.141).

A noção de responsabilidade elaborada por Jonas é a chave para solução das questões discutidas pelo autor ao tratar dos temas que destacamos nas seções anteriores: a preocupação para com as gerações futuras, a insuficiências das éticas tradicionais, o temor frente à técnica, etc. É nesse sentido que o filósofo escreve que

[...] a natureza nova do nosso agir exige uma nova ética de responsabilidade de longo alcance, proporcional à amplitude do nosso poder, ela então também exige, em nome daquela responsabilidade, uma nova espécie de humildade — uma humildade não como a do passado, em decorrência da pequenez, mas em decorrência da excessiva grandeza do nosso poder, pois há um excesso do nosso poder de fazer sobre nosso poder de prever e sobre nosso poder de conceder valor e julgar. Em vista do potencial quase escatológico dos nossos processos técnicos, o próprio desconhecimento das consequências últimas é motivo para uma contenção responsável — a melhor alternativa, à falta da própria sabedoria. (JONAS, 2006, p.64)

A exigência de uma ética da responsabilidade mostra a amplitude da proposta de Jonas. Sobre o alcance da ética jonasiana, Zancanaro afirma que “[a] ética de responsabilidade está direcionada ao futuro para que continue existindo indefinidamente a possibilidade de vida” (1998, p.10).

Vamos, a seguir, apresentar como o conceito de responsabilidade vai ser utilizado como princípio para a solução dos problemas descritos por Jonas e que foram apresentados anteriormente. Isso nos permitirá reconhecer distintos aspectos inerentes ao princípio de responsabilidade.

Um dos problemas que Jonas busca resolver com a sua ética da responsabilidade diz respeito às éticas da tradição, que, para ele, concentraram-se na qualidade moral do ato momentâneo.<sup>29</sup> Isso não significa

---

<sup>29</sup> JONAS, 2006, p.22.



que o objetivo do autor seja desconsiderar essas concepções éticas que o antecederam, situação que é descrita por Santos da seguinte forma:

Ao operar com essa crítica às éticas da tradição, ao contrário do que pode parecer, Jonas não visa a substituí-las ou mesmo a eliminá-las. Nesse sentido, o princípio responsabilidade poderia ser visto como complemento ou, até mesmo, como atualização da ética, na medida em que os problemas de nosso tempo exigem mais elementos e considerações do que a tradição tem para oferecer. (2011, p.37)

Sobre o papel e alcance das éticas tradicionais, Jonas diz explicitamente que “[n]ão se trata, pois, de substituir uma ética por outra, mas [...] é necessário agregar ao catálogo das novas obrigações aquilo que nunca havia sido levado em conta pelas éticas anteriores porque não se fazia necessário” (JONAS, 2013, p. 282). Donde a defesa da necessidade de uma ética da responsabilidade estar baseada não em falhas das concepções éticas anteriores a Jonas, mas sim no fato de que a “[...] ética tradicional não poderia responder a tal questão justamente porque a possibilidade tecnocientífica para tanto não existia ainda” (JONAS, 2013, p. 282). Sendo assim, é possível afirmar que

[...] sua ética da responsabilidade pretende contribuir, por um lado, para uma revisão e reformulação dos princípios, do ponto de vista filosófico, e, por outro lado, para uma nova educação, com vistas à contenção da sede humana de dominação, voltada ao fomento de uma vida digna não apenas para a espécie humana, mas para a totalidade da natureza. (SANTOS, 2011, p. 37)

Podemos, assim, entender a ética da responsabilidade, frente às éticas da tradição, como uma forma de adequar-se aos novos tempos<sup>30</sup>, tempos esses em que “[...] a tecnologia assume um significado ético por causa do lugar central que ela agora ocupa subjetivamente nos fins da vida humana” (JONAS, 2006, p. 43).

Consideremos, agora, como o princípio jonasiano de responsabilidade procura responder às ameaças produzidas pelo uso inadvertido da tecnologia. Como já observado, vivemos em um tempo em que a técnica assume um

---

<sup>30</sup> ZANCANARO, 2011, p. 82.

protagonismo nas ações dos homens, razão pela qual Jonas direciona um olhar ético temeroso aos impactos que os avanços tecnológicos podem causar para a natureza e para as gerações futuras. Zancanaro descreve de forma precisa como a técnica tornou-se uma ameaça sob a ótica da ética jonasiana:

Jonas acentua que o progresso técnico atual se converteu em ameaça num mundo em que a natureza era ordenada e submissa ao homem. Na modernidade, ela já não é mais ordem e certeza, porém dúvida e caos. O homem é chamado a ordená-la, explicá-la, dominá-la por meio de mensurações e quantificações. Tal domínio produziu consequências nunca imaginadas pela moral eudaimonista, a qual acreditava que a felicidade podia estar ao alcance de todos. (ZANCANARO, 1998, p.43)

A noção de responsabilidade vai desempenhar um papel de freio ético para a ameaça produzida pelos avanços tecnológicos. Para Jonas, a responsabilidade “[...] é o princípio ético mais fundamental, porque a era tecnológica contemporânea faz com que o homem não possa mais desconsiderar a necessidade de ser responsável, tanto pelo presente, como também pelo futuro.” (CARVALHO, 2011, p.166).

Desse modo, cabe ao homem um olhar de precaução frente aos impactos que os avanços tecnológicos podem acarretar, principalmente a longo prazo. A questão que tem destaque na obra do filósofo é a necessidade de elaboração de um critério ético que faça frente à autonomia assumida pelos desenvolvimentos tecnológicos.

A experiência tem ensinado que os desenvolvimentos tecnológicos postos em marcha pela ação tecnológica com objetivos de curto prazo tendem a se autonomizar, isto é, a adquirir sua própria dinâmica compulsiva, com um crescimento espontâneo graças ao qual, como dissemos, eles se tornam não só irreversíveis como também autopropulsionados, ultrapassando de muito aquilo que os agentes quiseram e planejaram. (JONAS, 2006, p. 78)

A citação acima mostra que o desenvolvimento tecnológico pode apresentar consequências não planejadas ou esperadas pelos seus idealizadores. Por esse motivo, a responsabilidade proposta por Jonas desempenha um papel em sua doutrina ética de não considerar a técnica de uma forma neutra ou positiva. Dado que a técnica pode ter consequências

boas ou más, não se pode apostar cegamente<sup>31</sup> que os resultados não serão negativos.

Segundo OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, “[o] problema, em outras palavras, é a autonomia da técnica em relação à ética, e todo o esforço de Jonas não é meramente limitar o desenvolvimento da técnica, mas submetê-la aos freios voluntários da ética” (2015, p.76). A ameaça resultante da independência assumida pelo uso da tecnologia requer, assim, um novo princípio de autonomia que responsabilize de maneira explícita o ser humano por todas as consequências trazidas pela técnica.

Ao mesmo tempo, a ênfase à responsabilidade humana pode ser vista como uma reaproximação e reconciliação entre o ser humano e a técnica. Onde poderemos falar, com Oliveira, de uma “humanização da técnica”:

Poderíamos dizer que Jonas pretende, nesse sentido, uma “humanização da técnica” que passa pela recusa de uma visão fatalista, e também de mera visão tecnofóbica, preferindo uma argumentação a favor de um maior controle humano sobre a tecnologia, justamente para evitar que ela se torne algo autônomo e neutro, marcado pela fatalidade. (OLIVEIRA, 2014, p.91)

A responsabilidade proposta por Jonas não possui um caráter contrário à técnica. Como mencionado anteriormente, ela vai desempenhar um papel de freio ético frente às possibilidades desconhecidas dos avanços tecnológicos. Desse modo, a ética jonasiana, conforme aponta Oliveira (2014, p.118), “[...] pode contribuir para que o mal seja evitado ou dirimido, na medida em que pode orientar a ação para o bem via de uma previsão das consequências futuras da ação humana”.

Vale aqui também ressaltar a relação entre o princípio de responsabilidade e o sentimento de temor. Se a responsabilidade é o princípio da ética jonasiana pelo qual se julga alcançar o bem das futuras gerações e de todo o planeta, o sentimento de temor, por seu turno, deve ser entendido como o recurso heurístico por excelência que nos impede de negligenciar o dever de responsabilidade expresso naquele princípio.

A ética da responsabilidade trata o temor como um instrumento cognitivo a serviço da observância de princípios práticos, tendo em vista

---

<sup>31</sup> OLIVEIRA, 2014, p. 128.

conduzir a ação humana ao enfrentamento dos possíveis problemas consequentes dos avanços tecnológicos. Desse modo, agir de forma responsável numa perspectiva jonasiana pressupõe trazer o sentimento de temor para o processo de análise dos impactos do uso da técnica.

Diante dos desafios tecnológicos, a ética da responsabilidade se utiliza do temor como uma maneira de precaução frente as possibilidades desconhecidas que vão afetar, seja de forma positiva ou negativa, as próximas gerações. Como a maior parte das inovações tecnológicas surge como uma resposta positiva aos problemas humanos permeada por prognósticos positivos, cabe à ética da responsabilidade estabelecer um outro olhar a esse cenário carregado de otimismo, um olhar de precaução, de temor.

Frente a um cenário em que a técnica é cercada por uma expectativa positiva, a ética da responsabilidade se apoia no temor como um elemento na análise da técnica. Oliveira (2014, p.156) ressalta que “[...] quanto mais certeza se tem a respeito do bem de uma ação, mais ela exige, quando atrelada à técnica, uma análise ética”.

O fato de desconhecermos os riscos que a técnica pode causar a longo prazo não nos isenta de responsabilidade no presente. Como vimos na seção anterior, é precisamente essa incerteza – inseparável de nossos prognósticos sobre as consequências do emprego da técnica – o que justifica a medida prudencial de adotarmos uma perspectiva de temor em relação ao desconhecido. Como bem destaca Lopes (2011, p.143), “o temor de que participa a responsabilidade não é só o temor por um risco assegurado e assegurável, mas também – e talvez principalmente – o temor da incerteza do saber quanto a um risco possível”.

Consideremos, por fim, a relação entre a responsabilidade e a preservação das próximas gerações, que é o objetivo da doutrina ética proposta por Jonas.

Podemos perceber a responsabilidade presente em toda concepção ética de Jonas, pois a “[...] responsabilidade agora surge dessa nova dimensão, em que a conservação da vida, de forma geral, deve ser incluída no campo da preocupação ética, ao mesmo tempo em que a vida humana depende dessa conservação [...]” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.122). Ou seja, a responsabilidade defendida por Jonas tem como fim que haja condição

de vida no futuro. Essa forma de precaução é tratada como uma virtude superior<sup>32</sup>. A ética da responsabilidade tem um caráter de defesa dos que ainda estão por vir, como bem destacou Paul Ricoeur (1996, p.241): “[o] princípio responsabilidade pede apenas que se preserve a condição de existência da humanidade ou, melhor ainda, a existência como condição de possibilidade da humanidade”.

Jonas entende que, para garantir a possibilidade de existência das gerações futuras, é necessário considerar mais do que o interesse humano<sup>33</sup>, pois, conforme Zancanaro, “Jonas quer estender a responsabilidade também para o mundo da natureza, pois a continuidade da vida humana no planeta depende da sua preservação” (1998, p.171).

A continuidade da vida, bem como a preservação do planeta, faz com que a responsabilidade proposta por Jonas trate essas questões visando um bem a longo prazo. Isso coloca as gerações do presente como responsáveis pela repercussão dos seus atos no futuro.

Jonas afirma que temos a responsabilidade “[...] para com a existência de humanidade futura, independente do fato de que nossos descendentes diretos estejam entre ela [...]” (2006, 90). Portanto, sua ética da responsabilidade visa proteger as gerações futuras e a natureza.

Hans Jonas apresenta uma concepção ética original e inovadora, uma proposta que consideramos ousada, pois vai contra interesses econômicos, que geralmente são guiados por ações e reflexões momentâneas, sem direcionar um olhar para o futuro, para os que ainda não habitam o planeta, pois ainda não existem. É a preocupação com as gerações futuras que leva o filósofo expor a necessidade de “[...] uma ética da preservação e da proteção, e não [...] uma ética do progresso ou do aperfeiçoamento” (JONAS, 2006, p. 232).

Podemos afirmar que a responsabilidade presente na proposta ética de Jonas tem, na precaução da ação presente, uma forma pela qual se possa garantir a possibilidade de futuro. É a responsabilidade que vai guiar as ações a partir de uma ideia que vise criar a possibilidade de vida no futuro, conforme apontam Oliveira, Moreto e Sganzerla, ao afirmarem que o “[p]rogresso com

---

<sup>32</sup> JONAS, 2013, p.76.

<sup>33</sup> JONAS, 2006, p.41.

prudência é a fórmula escolhida por Jonas para referir-se à necessidade de o progresso tecnológico expandir-se, mas ao mesmo tempo não se constituir em ameaça à vida em geral” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.185).

O temor para com os riscos dos avanços tecnológicos pode causar no futuro depende da nossa ação hoje, ou melhor dizendo, da nossa consciência frente à realidade de hoje. Jonas afirma que “[t]udo o que dissemos aqui é válido sob a pressuposição de que vivemos em uma situação apocalíptica, às vésperas de uma catástrofe, caso deixemos que as coisas sigam o curso atual” (2006, p. 235); ou seja, a possibilidade da existência de um futuro depende da ação presente.

Vimos ao longo dessa seção as diferentes implicações embutidas na noção jonasiana de responsabilidade, isto é, os diferentes aspectos contidos nessa noção de responsabilidade que pretendem responder às questões éticas com que Jonas se debate: a insuficiência das éticas anteriores, os riscos do uso inadvertido da tecnologia, o papel do sentimento de temor, a preservação das gerações futuras.

Apresentamos, nesta primeira parte da pesquisa, elementos da proposta ética de Hans Jonas, elementos que vão ser importantes na compreensão da prática de ensino de filosofia realizada com alunos e alunas do Ensino Médio que vamos apresentar no próximo capítulo.

## SEGUNDO CAPÍTULO:

### 2.1. A INVESTIGAÇÃO COTIDIANA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A proposta de prática de ensino de filosofia que foi aplicada com estudantes do ensino médio foi pensada metodologicamente e estruturada a partir de três pilares, o primeiro é o documento oficial que norteia os passos do professor de filosofia no Estado do Paraná, as *Diretrizes da disciplina de filosofia* (doravante denominada 'Diretrizes'), documento esse que propõe uma “[...] formação pluridimensional e democrática, capaz de oferecer aos estudantes a possibilidade de compreender a complexidade do mundo contemporâneo, suas múltiplas particularidades e especializações” (PARANÁ, 2008, p.49). Os outros dois pilares são a proposta ética de Hans Jonas e a *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire (FREIRE, 2018).

Segundo definição do que encontramos no dicionário Aurélio,<sup>34</sup> “cotidiano é aquilo que ocorre todos os dias, a reunião dos atos habituais e permanentes que uma pessoa desenvolve no decorrer do seu dia”. Desse modo, a investigação que foi proposta aos estudantes diz respeito à sua realidade particular, àquilo que lhes é próximo.

Outro termo por nós utilizado em alguns momentos nesta dissertação e pelos estudantes em suas investigações do cotidiano é o de realidade<sup>35</sup>, termo esse que empregamos no sentido de descrever a reunião daquilo que é real (coisas, fatos, circunstâncias etc.). O termo realidade foi utilizado com o objetivo de relatar aquilo que os estudantes vivenciaram.

Utilizar-se da realidade de cada estudante é algo presente no texto das Diretrizes. São orientações que visam a conduzir os “[...] educandos a possibilidade de elaborar, de forma problematizadora, suas próprias questões e tentativas de respostas” (PARANÁ, 2008, p.56). A questão principal deste

---

<sup>34</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 895 p. ISBN 978-85-385-4240-7.

<sup>35</sup> IBDEM.

trabalho é determinar em que medida o trabalho de contextualizar os conteúdos da disciplina de filosofia à realidade dos estudantes contribui para o processo de ensino e aprendizagem.

O encaminhamento metodológico<sup>36</sup> proposto nas diretrizes, que sugere a relação do cotidiano dos alunos com a filosofia, também é incentivado em livros didáticos da disciplina. Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes descrevem que os conteúdos de filosofia “[...] devem ser discutidos, questionados e ampliados, servindo como ponto de partida para outras reflexões e aprofundamentos constantes” (COTRIM, FERNANDES, 2017, p.3) Já Silvio Gallo descreve sua obra como uma caixa de ferramentas, sendo que “[...] as mais importantes são as suas [dos alunos] ferramentas, elaboradas com base em sua experiência” (GALLO, 2017, p.3).

Buscamos seguir os encaminhamentos metodológicos<sup>37</sup> propostos nas Diretrizes para a construção de uma aula de filosofia que se utilize do cotidiano dos alunos e alunas como um elemento agregador no processo de ensino e aprendizagem. Esses encaminhamentos se dão em quatro fases: A mobilização para o conhecimento; a problematização; a investigação; a criação de conceitos.

As Diretrizes apresentam várias possibilidades para a realização da mobilização para o conhecimento, “[...] o que não significa dizer que a mobilização não possa ocorrer diretamente a partir do conteúdo filosófico.” (PARANÁ, 2008, p.60). É válido apresentar algumas possibilidades de mobilização, além do início pelo texto filosófico, como uma forma de contribuição para outras possibilidades de práticas de ensino de filosofia.

O ensino da Filosofia pode começar, por exemplo, pela exibição de um filme ou de uma imagem, da leitura de um texto jornalístico ou literário ou da audição de uma música. São inúmeras as possibilidades de atividades conduzidas pelo professor para instigar e motivar possíveis relações entre o cotidiano do estudante e o conteúdo filosófico a ser desenvolvido. A isso se denomina, nestas Diretrizes, mobilização para o conhecimento. (PARANÁ, 2008, p.60)

Realizamos a mobilização a partir do conteúdo filosófico, ou seja, a partir da leitura de trechos das obras *O Princípio Responsabilidade e Técnica*,

---

<sup>36</sup> PARANÁ, 2008, p.67.

<sup>37</sup> PARANÁ, 2008, p.49.



*Medicina e Ética*, de Hans Jonas. Acreditamos que, devido a toda originalidade da sua obra, essa leitura é capaz instigar e motivar os estudantes ao envolvimento com a atividade que foi proposta, a de uma investigação do cotidiano.

A problematização é descrita nas Diretrizes como o momento em que “[...] professor e estudantes levantam questões, identificam problemas e investigam o conteúdo” (PARANÁ, 2008, p.60). Na prática desenvolvida nesse projeto, esse momento aconteceu quando foi proposto aos estudantes que identificassem em seu cotidiano os problemas descritos por Hans Jonas, problemas esses apresentados em sala de aula através da leitura de trechos das obras mencionadas no parágrafo anterior.

Sendo assim, julgamos que a atividade encaminhada está alinhada com o texto das Diretrizes, uma vez que o documento evidencia a importância da realização da investigação por parte dos estudantes, bem como a utilização do texto filosófico clássico.

Ao problematizar, o professor convida o estudante a analisar o problema, o qual se faz por meio da investigação, que pode ser o primeiro passo para possibilitar a experiência filosófica. É imprescindível recorrer à história da Filosofia e aos textos clássicos dos filósofos, pois neles o estudante se defronta com o pensamento filosófico, com diferentes maneiras de enfrentar o problema e com as possíveis soluções já elaboradas, as quais orientam e dão qualidade à discussão. (PARANÁ, 2008, p.60)

Quando elaboramos uma prática de ensino de filosofia que visa à investigação do cotidiano realizada por estudantes, como uma forma de estes compreenderem a proposta ética de Hans Jonas, estamos de certo modo dando uma resposta para o que é proposto pelo texto das Diretrizes, quando orienta que “[é] imprescindível que o ensino de Filosofia seja permeado por atividades investigativas individuais e coletivas que organizem e orientem o debate filosófico [...]” (PARANÁ, 2008, p.61).

Quanto ao quarto momento, que trata da criação de conceitos, fazemos uma ressalva. Avaliando os resultados das atividades realizadas pelos estudantes, atividades essas que concordam com vários pontos orientados no texto das Diretrizes, verificamos que os estudantes propriamente não criaram conceitos.

O que foi possível constatar é que eles demonstraram a capacidade de compreender certos conceitos presentes na obra de Hans Jonas, como o de responsabilidade e o de geração futura. Também foi possível perceber um olhar crítico sobre os problemas apresentados por uma série de alunos e alunas. Em suma, o que pudemos constatar foi uma assimilação de conceitos desenvolvidos pelo autor estudado e uma percepção mais ampla dos vários problemas discutidos.

Desse modo, pode-se dizer que a prática pedagógica desenvolvida no projeto permitiu ao estudante “perceber o que está e o que não está implícito nas ideias, como elas se tornam conhecimento e, por vezes, discurso ideológico”, de modo que ele pudesse desenvolver “a possibilidade de argumentar filosoficamente, por meio de raciocínios lógicos, num pensar coerente e crítico”. (PARANÁ, 2008, p.61)

O segundo pilar metodológico da prática de ensino de filosofia proposta nesse trabalho é a ética de Hans Jonas. Na primeira parte deste trabalho, destacamos vários pontos que auxiliam a compreendê-la. Não vamos retomá-la neste momento, uma vez que nos utilizaremos da filosofia de Jonas quando apresentarmos as atividades realizadas por alunos e alunas que participaram deste trabalho de pesquisa.

O terceiro pilar de que nos utilizamos para pensar metodologicamente nossa aula de ética é a pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, proposta pedagógica que busca valorizar práticas de ensino que se utilizem da realidade cotidiana que alunos e alunas trazem para dentro da sala de aula. Segundo Freire,

[...] cabe ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela — saberes socialmente construídos na prática comunitária —, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2018, p.31)

A prática de ensino foi realizada em um Colégio de grande porte da rede estadual de educação do estado do Paraná. Desse modo, deparamo-nos com alguns alunos e alunas que estão mais próximos do perfil socioeconômico enfatizado por Freire em sua obra, o perfil de alunos de origens populares.

Embora a obra de Freire nos sirva de referência metodológica, isso não desabona as experiências trazidas nos relatos que vamos apresentar mais adiante, de alunos e alunas de várias faixas socioeconômicas, uma vez que o patrono da educação brasileira destaca a necessidade de “[...] discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina [...]” (FREIRE, 2018, p.32)

A opção por Paulo Freire é justificada pela maneira como o pensador brasileiro propõe a utilização da realidade dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, conforme transparece na pergunta “[p]or que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 2018, p.32).

A proposta pedagógica de Freire coaduna-se com o texto das Diretrizes da disciplina de filosofia, principalmente quando este orienta que “[o] ensino de Filosofia deverá dialogar com os problemas do cotidiano, com o universo do estudante [...]” (PARANÀ, 2008, p.67).

Ademais, a obra de Hans Jonas é um ótimo exemplo de doutrina ética para ser estudado com base nas experiências cotidianas de alunos e alunas, haja vista que o olhar do filósofo alemão está voltado para a ação humana junto ao meio ambiente. Por exemplo, “[...] a crítica vulnerabilidade da natureza provocada pela intervenção técnica do homem [...]” (JONAS, 2006, p. 39) pode ser analisada de forma pragmática por alunos e alunas, como no caso descrito por Freire:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. (FREIRE, 2018, p.31-32)

Desse modo, é possível, com base em nossa proposta de prática de ensino de ética, “[...] problematizar e investigar o conteúdo estruturante Ética e seus conteúdos básicos sob a perspectiva da pluralidade filosófica, tomando como referência os textos filosóficos clássicos e seus comentadores.” (PARANÀ, 2008, p.67). A pedagogia da autonomia de Freire é elemento importante nesse planejamento, haja vista que o que propomos como prática

de ensino de filosofia, uma investigação do cotidiano realizada por alunos e alunas, é por diversas vezes mencionado por Freire, uma vez que, para o autor, “[...] não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos e educadores, alhear-se das condições sociais, culturais e econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos. (FREIRE, 2018, p.62).

A menção anterior a Freire apresenta uma preocupação mais ampla em relação à valorização da realidade de alunos e alunas. Nosso objetivo não é o de analisar se a escola como instituição de ensino valoriza as experiências de vida que os estudantes trazem para dentro da escola, que é um elemento importante na pedagogia autonomia de Freire. O que buscamos é apresentar os resultados de uma prática de ensino de filosofia que se utiliza do cotidiano dos estudantes e apresentar como esta prática pode acrescentar no processo de ensino e aprendizagem.

A escola na qual nossa prática de ensino foi aplicada proporcionou condições para que esta atividade fosse realizada, sem intervenções ou questionamentos referentes ao conteúdo e metodologia. Além disso, não ocorreu nenhuma medida autoritária que limitasse ou impedisse a realização das aulas que construíram essa atividade, seja por parte de direção, seja por parte da equipe pedagógica e corpo docente.

Os resultados da prática de ensino realizada por alunos e alunas também podem contribuir para o trabalho de professores e professoras, não só de filosofia, que desejem se utilizar da realidade dos estudantes em suas práticas de ensino, bem como pensar novas possibilidades de prática de ensino, estando, assim, próximos ao que é proposto por Freire, quando este afirma que “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE, 2018, p.40).

Nas próximas seções, vamos apresentar elementos que foram importantes para a realização da prática de ensino apresentada neste trabalho. Tais elementos, associados à base metodológica exposta na presente seção, contribuíram para a formulação da ideia de utilizar a realidade dos estudantes

como um elemento agregador no processo de ensino e aprendizagem de filosofia.

## 2.2. A IMPORTÂNCIA DO TEXTO FILOSÓFICO

Uma vez que mobilizamos os estudantes através de excertos de texto filosófico, para que estes buscassem uma relação entre problemas de seu cotidiano com a ética de Hans Jonas, foi fundamental que a leitura realizada em sala de aula garantisse aos estudantes a percepção da “[...] necessidade da compreensão do contexto histórico, social e político da sua produção, como também da sua própria leitura.”(PARANÁ, 2008, p.52) Para tanto, foi necessário conhecer as intenções de Jonas, bem como o contexto em que o filósofo escreveu sobre a ética da responsabilidade. Isso permitiu que os estudantes conquistassem um novo olhar sobre a sua realidade, seguindo assim as orientações das diretrizes da disciplina de filosofia:

O texto filosófico que ajudou os pensadores a entender e analisar filosoficamente o problema em questão será trazido para o presente com o objetivo de entender o que ocorre hoje e como podemos, a partir da Filosofia, atuar sobre os problemas de nossa sociedade. (PARANÁ, 2008, p.60)

Desse modo, o texto filosófico foi um instrumento importante na construção da prática de ensino realizada pelos estudantes, uma vez que é o texto de Hans Jonas que alunos e alunas vão ter como base para realizar uma investigação do seu cotidiano.

**Utilizamo-nos de excertos da obra *Princípio Responsabilidade* de Hans Jonas, e não do texto integral, devido a uma questão de tempo, uma vez que não poderíamos dispor de todo o tempo somente para trabalhar a ética jonasiana. Por esse motivo, dispusemos de 7 semanas, totalizando 12 aulas, para realizar toda nossa prática de ensino.**

A investigação do cotidiano, proposta sobre a qual discorreremos na seção anterior, foi a maneira que escolhemos de averiguar o entendimento dos estudantes sobre o texto de Hans Jonas. As palavras de Fabrinni são válidas para o entendimento da nossa mobilização pelo texto filosófico:

O professor deve introduzir seu aluno na experiência inaugural do estranhamento, num desenraizamento que o fisgue do falatório (do repetir e repassar adiante – mais uma vez – a mesma fala), ativando-lhe a curiosidade pelas possibilidades e ambiguidades dos discursos. (FABRINNI, 2005, p.12)

Essas ambiguidades dos discursos, como veremos, foram cristalizadas nos relatos que os estudantes apresentaram sobre a investigação do cotidiano realizada. No texto, foi possível observar todas as possibilidades que estes identificaram em suas realidades.

É sempre importante observar que “[a] responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande” (FREIRE, 2018, p.64), pois o professor é o responsável por apresentar e trabalhar o texto filosófico de modo que essa leitura aguace a curiosidade do aluno e não se esgote em si mesma. O papel do professor é incentivar e despertar no estudante não apenas o interesse pela leitura, mas também pelo exercício de aplicar o conteúdo estudado para a compreensão da realidade cotidiana. Caso não aconteça, os estudantes

[...] apenas repetirão o que ouvirem do professor, sem conseguirem dizer o que o conhecimento adquirido significa em relação ao mundo, à história, ao cotidiano, o que tem nele de verdade ou falsidade, se concordam ou discordam, numa palavra, será uma aquisição acrítica de informações. (SANTOS, 2005, p.289)

Na primeira parte deste trabalho, procuramos apresentar as justificativas pela escolha da ética de Hans Jonas, uma vez que, “[...] a Filosofia se refere a problemas e questões que fazem parte, em menor ou maior grau, do mundo concreto.” (SANTOS, 2005, p.290).

Como poderemos constatar mais adiante, os relatos da investigação do cotidiano realizada pelos estudantes permitem identificar o quão próximo ou distante a doutrina ética de Jonas está da realidade por eles vivida. Tais relatos nos mostram qual é o grau de proximidade entre as ideias do filósofo apresentadas em sala com a realidade vivida pelos estudantes.

Os excertos do texto de Hans Jonas com que os estudantes tiveram contato em sala de aula têm uma importância dentro da análise ética, pois a “[...] ética de responsabilidade é chamada a fundamentar as dimensões

inéditas do poder nas mãos da tecnologia que, como já dissemos, não era objeto de preocupação no passado” (ZANCANARO, 1998, p.54). Isso se enquadra com a ideia de Santos “[...] de que os textos sejam representativos na História da Filosofia, pois, para que o aluno seja capaz de ensaiar uma resposta ao problema com o seu entendimento, ele deve ter conhecimento de respostas já existentes [...]” (SANTOS, 2005, p. 293).

Foi possível verificar, como ficará claro nas seções que apresentarão o resultado da investigação realizada pelos estudantes, as suas tentativas de identificar no seu cotidiano pontos que dialoguem com a doutrina ética de Jonas, doutrina ética essa que eles conheceram a partir dos excertos de texto. É devido a essa importância do texto filosófico dentro da nossa prática que estamos de acordo com Santos, quando este afirma que o texto filosófico vai ser “[...] o manancial de onde o aluno extrairá a matéria-prima de seu pensamento [...]” (SANTOS, 2005, p. 293-294).

Para que o trabalho desenvolvido pelos estudantes seja considerado fecundo, foi necessária uma boa base teórica, pois só assim eles poderiam direcionar um olhar para sua realidade de uma forma semelhante à que o filósofo olhou para a sua. Podemos destacar que

[...] os textos autênticos de obras de filósofos devem ser o foco do trabalho em sala de aula. Um dos aspectos fundamentais das aulas de Filosofia será, desse modo, a análise e interpretação de textos filosóficos, como modo de subsidiar o aluno na formulação de seu próprio modo de ver as coisas. (SANTOS, 2005, p. 293)

Sobre a forma com que os estudantes vão tratar o texto filosófico, temos a mesma expectativa descrita por Santos: “[e]spera-se, na verdade, que os textos de filósofos sejam vistos por eles como o objeto do aprendizado de Filosofia, como fonte de ideias e de argumentos sobre questões importantes e interessantes” (SANTOS, 2005, p.295). É com esse desejo que apresentamos o texto de Hans Jonas para os estudantes. Nossa expectativa era que as palavras do filósofo alemão lhes servissem de base e inspiração quando estivessem olhando para a sua realidade na realização da atividade.

### 2.3. A REALIZAÇÃO DA PRÁTICA DE ENSINO

Nossa prática de ensino de filosofia foi realizada durante o segundo semestre do ano de 2018, no Colégio Estadual São Cristóvão, localizado no município de São José dos Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba. Trata-se de um Colégio de grande porte, com aproximadamente dois mil e cinquenta alunos, divididos em três períodos, sendo vinte turmas no período da manhã, vinte turmas no período da tarde, e dez turmas no período noturno, totalizando um número de cinquenta turmas.

A atividade foi desenvolvida em turma de 2º ano do ensino médio do período da manhã, composta por 38 estudantes. Todos os estudantes matriculados estavam frequentando as aulas. Destes 38, 34 realizaram a atividade proposta e 4 não realizaram.

Nossa proposta partiu da leitura de excertos de texto retirados da obra *O Princípio Responsabilidade* de Hans Jonas, como uma maneira de mobilizar os estudantes para a ética proposta pelo filósofo alemão. As partes da obra apresentada aos estudantes foram três. A primeira trata dos limites das concepções éticas anteriores a Jonas:

Todos os mandamentos e máximas da ética tradicional, fossem quais fossem suas diferenças de conteúdo, demonstram esse confinamento ao círculo imediato da ação. “Ama teu próximo como a ti mesmo”; “Faze aos outros o que gostarias que eles fizessem a ti”; “Instrui teu filho no caminho da verdade”; “Almeja a excelência por meio do desenvolvimento e da realização das melhores possibilidades da tua existência como homem”; “Submete o teu bem pessoal ao bem comum”; “Nunca trate os teus semelhantes como simples meios, mas sempre como fins em si mesmos”; e assim por diante. Em todas essas máximas, aquele que age e o “outro” de seu agir são partícipes de um presente comum. Os que vivem agora e os que de alguma forma têm trânsito comigo são os que têm alguma reivindicação sobre minha conduta, na medida em que está os afete pelo fazer ou pelo omitir. O universo moral consiste nos contemporâneos, e o seu horizonte futuro limita-se à extensão previsível do tempo de suas vidas. (JONAS, 2006, p. 36)

O segundo excerto da filosofia jonasiana com que os estudantes tiveram contato é relacionado ao novo imperativo ético apresentado pelo filósofo de Mönchengladbach. Como vimos na primeira parte desta pesquisa, este novo imperativo tende a trazer para a discussão ética questões que a ética da tradição não tratava:



Um imperativo adequado ao novo tipo de agir humano e voltado para o novo tipo de sujeito atuante deveria ser mais ou menos assim: “Aja de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra” ; ou, expresso negativamente: “ Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida” ; ou, simplesmente: Não ponha em perigo as condições necessárias para conservação indefinida da humanidade sobre a Terra” ou, em um uso novamente positivo: “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetivos do teu querer.” (JONAS, 2006, p. 47-48)

O terceiro trecho da obra de Jonas apresentado para os estudantes está relacionado à forma com que o autor trata o conceito de responsabilidade, bem como a necessidade de uma ética que leve em consideração as gerações futuras:

Quando, pois, a natureza nova do nosso agir exige uma nova ética de responsabilidade de longo alcance, proporcional à amplitude do nosso poder, ela então também exige, em nome daquela responsabilidade, uma nova espécie de humildade — uma humildade não como a do passado, em decorrência da pequenez, mas em decorrência da excessiva grandeza do nosso poder, pois há um excesso do nosso poder de fazer sobre o nosso poder de prever e sobre o nosso poder de conceder valor e julgar. Em vista do potencial quase escatológico dos nossos processos técnicos, o próprio desconhecimento das consequências últimas é motivo para uma contenção responsável — a melhor alternativa à falta da própria sabedoria.

Vale a pena mencionar outro aspecto e justificativa da nova ética da responsabilidade requerida pelo futuro distante: a dúvida quanto à capacidade do governo representativo em dar conta das novas exigências, segundo seus princípios e procedimentos normais. Pois esses princípios e procedimentos permitem que sejam ouvidos apenas os interesses atuais, que fazem valer a sua importância e exigem ser levados em consideração.

Autoridades públicas devem-lhes prestar contas, e essa é a maneira pela qual surge concretamente o respeito aos direitos (à diferença de seu reconhecimento abstrato). Mas o “futuro” não está representado em nenhuma instância; ele não é uma força que possa pesar na balança. Aquilo que não existe não faz nenhum lobby, e os não-nascidos são impotentes. Com isso, os que lhes devem prestar contas não têm por ora nenhuma realidade política diante de si no processo de tomada de decisão; quando aqueles puderem reivindicá-la, nós, os responsáveis, não existiremos mais.

Isso recoloca em toda a sua agudeza a velha questão do poder dos sábios ou da força das ideias no corpo político, quando estas não se ligam a interesses egoístas. Que força deve representar o futuro no presente? Essa é uma questão para a filosofia política. Sobre ela, tenho minhas próprias ideias, provavelmente quiméricas e seguramente impopulares. Mas podemos deixá-las para mais tarde. Pois, antes que essa questão de implementação se imponha em termos práticos, a nova ética deve achar a sua teoria, na qual se fundamentem deveres e proibições, em suma, um sistema do “tu

deves” e “tu não deves”. Ou seja, antes de se perguntar sobre que poderes representariam ou influenciariam o futuro, devemos nos perguntar sobre qual perspectiva ou qual conhecimento valorativo deve representar o futuro no presente. (JONAS, 2006, p. 63-64)

Cada estudante recebeu estes excertos de forma impressa. A partir daí, foi realizada a leitura. Em forma de círculo, cada aluno lia uma parte do texto e o professor tirava as dúvidas levantadas sobre cada ponto lido pelos estudantes. Esse processo de leitura foi realizado em dois encontros de cinquenta minutos cada.

Nesse momento, as questões que mais suscitaram dúvidas nos estudantes estavam relacionadas ao trecho do texto que tratava da necessidade de um novo imperativo<sup>38</sup>. Alguns estudantes recordaram que Kant foi um filósofo que propôs um imperativo<sup>39</sup> antes de Jonas. Foi explicado para esses estudantes que o imperativo de Jonas dá mais ênfase a questões que envolvem a técnica e ao meio ambiente, além de que, por uma questão temporal, os problemas que Jonas levanta em sua doutrina ética não eram os mesmos que Kant. O fato de os estudantes já terem tido contato com a ética kantiana facilitou o entendimento da questão da intenção de Jonas e seu imperativo.

Outro ponto bastante questionado pelos estudantes foi relativo à responsabilidade para com as gerações futuras. Boa parte dos estudantes concordou com Jonas sobre uma ação moral limitada ao tempo da vida dos indivíduos. O que buscamos explicar é que Jonas visualizava uma ação que leve em consideração aqueles que ainda não existem e que não tem como questionar as ações presentes.

Nenhum estudante demonstrou nesse momento não ter entendido os excertos de texto lidos em sala.

O próximo passo foi realizar uma discussão acerca de cada um dos excertos que foram lidos nos encontros anteriores. Nessas aulas, discutiu-se as dúvidas dos estudantes sobre o texto, mas, principalmente, procurou-se traçar relações da ética de Jonas com questões que envolvem a vida dos estudantes, assim como com concepções éticas que antecederam a proposta jonasiana de

---

<sup>38</sup> JONAS, 2006, p. 47-48.

<sup>39</sup> KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Lisboa/Portugal, Edições 70, p 85. 2011.

uma ética da responsabilidade. Este momento de discussão e esclarecimento de dúvidas foi realizado em dois encontros de cinquenta minutos.

Nessa discussão, o que os estudantes mais apresentaram foram questionamentos relacionados ao meio ambiente, como a questão do número de automóveis e seu impacto ambiental, a questão da capacidade de alimentação da população mundial, a da busca por facilidades em nossa vida cotidiana que a longo prazo podem nos afetar, a questão da sustentabilidade. Discutiu-se também de que modo esses temas poderiam ser relacionados com a ética jonasiana no momento em que estes estudantes realizassem sua investigação do cotidiano. Nossa resposta foi positiva, pois passamos a estes estudantes que estes temas poderiam dialogar com o que lemos sobre Jonas nas aulas anteriores.

Nenhum aluno ou aluna trouxe anotações acerca do texto de Jonas em si. O que eles mais trouxeram foram os problemas descritos no parágrafo anterior e o questionamento de se poderiam utilizá-los em seu trabalho de investigação do cotidiano. Mais uma vez, nossa resposta foi positiva, que eles poderiam estabelecer essa relação, mas orientamos que eles aprofundassem o olhar para o seu cotidiano, aos trajetos que realizam usualmente, para escola, para casa, para o trabalho.

Foi orientado que os estudantes enumerassem em uma folha o que faz parte do seu cotidiano. Essas anotações não foram compartilhadas em sala de aula. O objetivo era que os estudantes começassem a pensar sobre o que fazia parte do seu cotidiano.

Na sequência, propomos aos estudantes o projeto de investigação que deveriam realizar. Nessa atividade, deveriam identificar em seu cotidiano elementos que dialogassem com a ética de Jonas. Os alunos e alunas deveriam, após encerrada a prática, na qual realizaram uma investigação do seu cotidiano, entregar um relato com todos os passos realizados por eles nesta atividade, como o local onde realizou sua investigação, quanto tempo dispuseram, a relação com a filosofia jonasiana. Além disso, os estudantes também responderam a uma questão sobre qual a contribuição da atividade que foi realizada para o entendimento da teoria filosófica. A questão foi a seguinte: a atividade de investigação do cotidiano contribuiu para o entendimento da ética jonasiana?

Vale ressaltar que os alunos tiveram um prazo de três semanas para entregar o relato da investigação realizada. A partir da entrega dos relatos da investigação, foi realizada uma discussão geral sobre esta prática, para o compartilhamento de experiências, dificuldades e resolução de dúvidas acerca da ética jonasiana, o que foi realizado em um encontro de cinquenta minutos.

O último momento da prática de ensino foi a devolutiva por parte do professor para os estudantes. Inicialmente, foi realizado um retorno coletivo, ou seja, uma devolutiva geral sobre a atividade realizada pela turma. Só depois, em um segundo momento, houve uma devolutiva individual, para cada estudante, sobre a sua investigação particular. Esse processo foi realizado em três encontros de cinquenta minutos.

O relato entregue pelos estudantes teve um caráter avaliativo na disciplina de filosofia. Como justificava para avaliação do relato, baseamo-nos, mais uma vez nas Diretrizes para a disciplina que orientam que, “[n]o processo educativo, a avaliação deve se fazer presente, tanto como meio diagnóstico do processo ensino-aprendizagem quanto como instrumento de investigação da prática pedagógica.” (PARANÁ, 2008, p.31). Foi com base nos relatos apresentados por alunos e alunas que verificamos o nível de entendimento sobre o conteúdo desenvolvido, bem como encontramos parâmetros para refletir acerca da nossa proposta de atividade realizada.

Na próxima seção, vamos descrever como foram elaborados os critérios de análise dos relatos da investigação do cotidiano realizada pelos estudantes.

#### **2.4. A METODOLOGIA DE PESQUISA**

Nessa seção, vamos detalhar nosso procedimento de avaliação da prática de ensino realizada pelos estudantes, que vai desde o método de pesquisa que utilizamos até os critérios de análise dos relatos entregues por alunos e alunas.

O método de pesquisa que empregamos nessa dissertação foi de caráter qualitativo<sup>40</sup>. A pesquisa qualitativa estuda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Os objetos da pesquisa qualitativa são fenômenos que ocorrem em determinado tempo. Como nossa pesquisa foi voltada para uma investigação cotidiana realizada pelos estudantes, a abordagem qualitativa nos permitiu “[...] capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas” (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p.12).

Como nosso objeto de pesquisa foi específico, pois a hipótese tratava da contribuição de uma investigação do cotidiano no processo de aprendizagem da ética de Hans Jonas realizado com uma turma de 2º ano do ensino médio da rede pública Estadual de ensino, seguimos a abordagem qualitativa de estudo de caso. Conforme Ludke e André (1986, p.20), “[o] caso é sempre bem delimitado devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo.”

Nossa pesquisa realizou uma análise da descrição que os estudantes fizeram de suas experiências na atividade de investigação do cotidiano. Nessas descrições, eles expuseram diferentes modos de abordagem de uma mesma tarefa didático-pedagógica, que consistiu na investigação de seu cotidiano como forma de contribuir para a compreensão de um conteúdo desenvolvido em sala de aula. Um pressuposto metodológico adotado na pesquisa foi a ideia que “[...] a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo uma única que seja a mais verdadeira” (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p.20).

Foi com base na diversidade das atividades entregues pelos estudantes que desenvolvemos categorias de análise dos relatos. A discriminação dessas categorias auxiliou-nos a reconhecer evidências que pudessem responder ao nosso problema de pesquisa, qual seja, se a investigação do cotidiano contribui para a aprendizagem da ética de Jonas.

Vale mencionar que a investigação do cotidiano realizada e relatada pelos estudantes tinha um caráter avaliativo. Consideramos a atividade como um trabalho de peso de 4,0 (quatro) pontos, em um total de 10,0 (dez) pontos na média bimestral na disciplina de filosofia.

---

<sup>40</sup> LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

Como se tratava de uma avaliação para a disciplina, os estudantes entregaram com identificação, nome e número da lista de chamada. Por esse motivo, decidimos utilizar uma numeração aleatória quando fizemos a análise dos relatos, com o objetivo de preservar a identidade de todos os estudantes que realizaram e entregaram os relatos da sua investigação do cotidiano.

Na seção anterior, apresentamos informações gerais sobre a turma em que realizamos nossa pesquisa: uma turma de 38 estudantes, dos quais 34 realizaram a atividade e 4 não realizaram. Os estudantes entregaram relatos escritos sobre a atividade, que foram organizados da seguinte maneira: primeiro, foi feita a digitação dos relatos, que se encontram no Anexo da presente dissertação; segundo, fizemos a numeração dos mesmos. Numeramos os relatos de 01 a 34 de uma forma distinta da lista de chamada, por exemplo, o estudante 01 da nossa pesquisa não é o estudante 01 no diário de classe da turma.

A escolha por fazer da avaliação dos relatos parte da nota da disciplina deveu-se principalmente à escassez de tempo para realização do projeto de pesquisa. A turma em que a atividade foi realizada estava disposta em um sistema de blocos, sistema esse em que os estudantes frequentam um bloco de disciplinas distinto a cada seis (06) meses. Geralmente, os blocos são divididos em disciplinas de exatas e ciências da natureza e, no outro, ciências humanas e linguagens. Como não havia muito tempo para realização da atividade proposta e dada a suspeita de que, caso a atividade não contasse pontos na média, a adesão seria reduzida, optou-se por garantir a participação dos estudantes pela vinculação à pontuação na média da disciplina. Acreditamos que esse caráter avaliativo da atividade não alterou o conteúdo dos relatos entregues.

A atividade entregue pelos estudantes continha duas tarefas: em primeiro lugar, relatar por escrito a investigação que o estudante realizou; em segundo lugar, responder à questão sobre se a investigação do seu cotidiano contribuiu para o entendimento da ética de Jonas.

Quanto aos procedimentos de avaliação, elaboramos categorias de análise dos trabalhos entregues pelos estudantes. Tais categorias possibilitaram determinar se os estudantes atingiram ou não essas categorias. Foram três as categorias distinguidas, numeradas a seguir:

1. Compreensão das ideias de Hans Jonas apresentadas em sala.
2. Autonomia dos estudantes para investigação: os estudantes mostraram-se capazes de reconhecer no seu cotidiano pontos em comum com a proposta ética de Hans Jonas?
3. Compreensão da teoria pela contextualização à realidade dos estudantes: a atividade de investigação do cotidiano contribuiu para o entendimento da ética jonasiana?

As categorias 1 e 2 foram especialmente aplicadas no exame da primeira parte do trabalho entregue pelos estudantes, o relato da investigação. Já a categoria 3 foi empregada na análise da segunda parte da atividade, a que tratava diretamente da contribuição da investigação cotidiana para o entendimento da ética de Jonas.

As próximas seções vão trazer nossa análise sobre os resultados das atividades entregues pelos estudantes. Em um primeiro momento, vamos nos ater aos resultados que consideramos negativos. Somente em segundo lugar é que vamos abordar os resultados positivos.

Vamos tomar como resultados negativos os trabalhos que não nos permitiram determinar a confirmação da nossa hipótese inicial que a investigação do cotidiano contribuiria para o processo de aprendizagem da ética de Hans Jonas.

## **2.5. RESULTADOS NEGATIVOS**

Consideramos como um resultado negativo de nossa pesquisa o fato de alguns estudantes não terem realizado a atividade. No momento em que realizamos uma devolutiva sobre os relatos apresentados pela turma, os quatro que deixaram de fazer a investigação do cotidiano alegaram ter esquecido de fazer à atividade.

Os quatro estudantes que não fizeram a atividade realizaram posteriormente uma recuperação, uma prova objetiva sobre o conteúdo da ética de Jonas estudado em sala de aula. A prova teve o mesmo peso na

média que o trabalho de investigação, quatro (04) pontos. Foram utilizados, na formulação das questões, os excertos dos textos de Jonas que haviam sido previamente trabalhados por toda turma.

Os quatro estudantes conseguiram realizar a prova de forma satisfatória, demonstrando que a não realização da investigação do cotidiano não significou que estes não tivessem compreendido os pontos da ética que haviam sido trabalhados em sala juntamente com os demais estudantes. Desse modo, a recuperação cumpriu com o proposto descrito nas diretrizes da disciplina.

[...] a recuperação de estudos deve acontecer a partir de uma lógica simples: os conteúdos selecionados para o ensino são importantes para a formação do aluno, então, é preciso investir em todas as estratégias e recursos possíveis para que ele aprenda. A recuperação é justamente isso: o esforço de retomar, de voltar ao conteúdo, de modificar os encaminhamentos metodológicos, para assegurar a possibilidade de aprendizagem (PARANÁ, 2008, p. 33)

O que diferencia os estudantes que não realizaram a investigação e aqueles que investigaram não está no entendimento do conteúdo, mas na maneira de demonstrar esse entendimento, pois a contextualização realizada pelos estudantes demonstrou a possibilidade de identificar um tema filosófico fora do ambiente escolar.

Vale ressaltar que nosso objetivo não é uma comparação de um método tradicional, constituído por leitura do texto e avaliação sobre o texto, com uma investigação cotidiana. Antes, nosso propósito é apresentar os resultados de uma investigação do cotidiano e se essa metodologia contribui para o processo de aprendizagem do conteúdo apresentado em sala de aula.

Outro ponto que julgamos negativo foi o fato de alguns (sete) estudantes terem realizado somente uma pesquisa na internet sobre a ética de Jonas ou sobre uma questão relacionada ao meio ambiente, como fica evidenciado por alguns trechos dos relatos desses estudantes:

De acordo com a pesquisa que tive que fazer sobre o desmatamento, descobri as muitas causas que podem nos prejudicar, como o aquecimento global, que está derretendo as geleiras causando a elevação dos mares, as temperaturas das cidades estão mais altas, o clima está modificado. (ALUNO 28)



Nessas minhas pesquisas, me deparei com o carro elétrico, que não emite gases prejudiciais ao meio ambiente e se quer faz um barulho considerável, então decidi ir atrás de mais informações sobre ele. (ALUNO 6)

O consumo excessivo de água em nosso planeta hoje nos causa a escassez em muitos lugares pelo mundo, onde pessoas pagam muito caro ou nem tem água potável para fazer suas necessidades básicas que toda pessoa tem que fazer. (ALUNO 14)

A minha investigação foi feita em três dias com uma hora cada dia, utilizei a internet e a tv para conseguir mais informações, para poder chegar a esta conclusão, com esta pesquisa de pesca com rede, assisti alguns vídeos e ver que realmente é algo que pode se tornar escasso os peixes. (ALUNO 20)

O plástico hoje é responsável pela morte de 100 mil animais marinhos a cada ano e de todo o plástico produzido apenas 9% é reciclado (ALUNO 23)

Na atividade proposta, não se excluiu a possibilidade de estudantes fazerem a pesquisa a partir de casa, na internet, mesmo porque o ambiente virtual é parte significativa de seu cotidiano. Consideramos como um resultado negativo o fato que aqueles sete estudantes terem somente apresentado uma pesquisa feita na internet, sem relacionar explicitamente seu cotidiano com a ética jonasiana. Por esse motivo, não encontramos evidências que esses estudantes tenham alcançado os objetivos do trabalho relacionados na segunda categoria de análise (categoria 2) distinguida na seção anterior.

A devolutiva dada a estes alunos, além de observar que a atividade fugiu em parte do objetivo inicialmente proposto, também buscou apontar fatores como o fato de eles terem somente pesquisado um tema de caráter ambiental, ainda que tenham estabelecido relações com a ética de Jonas, mas distantes da sua realidade particular, como carro elétrico, elevação do nível dos oceanos, morte de animais marinhos devido ao plástico despejado nos oceanos. Os próprios estudantes reconheceram, no momento da devolutiva, que esses são temas com os quais eles não se deparam cotidianamente e que, portanto, essa parte do trabalho estava distinta do que lhes foi proposto.

O fato de esses sete estudantes não terem realizado uma investigação do cotidiano impossibilitou que respondessem à questão sobre se esse tipo de atividade contribui para o entendimento da ética jonasiana. Desse modo, não pudemos avaliar seus relatos a partir da categoria de análise 3.

A única das três categorias pela qual pudemos avaliar no relato desses sete alunos foi a categoria 1, pois identificamos que compreenderam as ideias de Jonas que apresentamos em sala de aula. Abaixo, apresentamos trechos selecionados dos relatos nos quais identificamos a categoria 1:

As vezes ficamos tão perdidos na emoção de desenvolvimento e utilização de novas tecnologias que não examinamos cuidadosamente seu efeito sobre o mundo que nos rodeia. (ALUNO 8)

Nós temos de aprender a dar valor e cuidar daquilo que nós temos e não pensar somente em nossas gerações, mas sim de todas as pessoas que vivem em nosso planeta. (ALUNO 14)

O primeiro problema que pensei e que envolve o pensamento de Hans Jonas, foi sobre as fábricas e as indústrias; as tecnologias usadas nesses lugares são muito poluentes, e descobri através de pesquisas que está fábricas/indústrias se utilizam de um grande consumo de água, um recurso limitado. (ALUNO 19)

A ideia que Hans Jonas passada para nós fez com que eu compreendesse que muitas coisas que são boas podem se tornar ruins futuramente. (ALUNO 20)

Já que o sucesso do nosso presente não faz a gente pensar na derrota do futuro e isso vira um ciclo de destruição no nosso meio ambiente. (ALUNO 20)

Quando Hans Jonas diz “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetivos do teu querer” ele não está falando de ser integro enquanto estiver aqui e sim ter consciência para manter essa integridade [...] (ALUNO 23)

Com este aumento descontrolado (do desmatamento) as consequências vêm ficando mais fortes como a perda de biodiversidade, exposição do solo a erosão, entre outros. Todos os seres humanos devem ter a noção de que devemos evitar esta ação prejudicial para nosso planeta. Podemos revigorar as áreas afetadas e prejudicadas por esta ação que pode nos prejudicar muito em um futuro próximo. (ALUNO 28)

Assim como no caso dos 4 estudantes que não realizaram o trabalho, os 7 estudantes que entregaram o trabalho, mas não realizaram uma relação entre o seu cotidiano e a ética jonasiana, demonstraram um entendimento deste conteúdo, isso devido aos momentos de leitura e debate do texto em sala, mas não realizaram uma parte importante do trabalho que está relacionado a hipótese dessa pesquisa que é sobre a contribuição que o uso do cotidiano pode dar para o entendimento da ética de Jonas.

Vale ressaltar que nenhum dos 11 estudantes, seja os 4 que não entregaram o trabalho e posteriormente realizaram a recuperação, e os 7 que não fizeram uma investigação buscando identificar no seu cotidiano situações que dialogassem com a ética de Jonas ficaram com média inferior a 3,0, lembrando que o trabalho tinha um valor de 4,0, uma vez que demonstraram o entendimento do conteúdo.

Foi explicado para os 7 estudantes que eles deveriam ter tentado identificar no seu cotidiano algo que eles pudessem utilizar como um elemento que conversasse com a ética de Jonas, ou apresentado que a sua investigação não encontrou nenhuma conexão com o conteúdo. Por esse motivo eles não alcançaram os 4,0 pontos totais da avaliação, desse modo o resultado é considerado negativo na perspectiva dessa pesquisa.

Um terceiro ponto negativo que identificamos em nossa análise ocorreu com dois estudantes que realizaram uma investigação de seu cotidiano, mas acabaram por fazer uma crítica que fugia do objeto de estudo proposto por Jonas, o qual está, como vimos, relacionado aos riscos dos impactos da técnica para o meio ambiente e as gerações futuras. Suas investigações são descritas nos relatos a seguir:

A investigação que fiz sobre um fato do meu cotidiano, são sobre obras não concluídas, a obra da rua da minha casa é uma que venho citar, aonde começou a ser construída uma trincheira em 2014 e agora, em pleno 2018, nada ainda, daí vem a seguinte pergunta: Até quando vai ficar assim esta obra? Será que os meus filhos vão ver a rua da casa dos avós deles assim? (ALUNO 04)

Observa-se que uma má alimentação mais o sedentarismo acaba gerando a obesidade e outras doenças como: colesterol, gastrite, diabetes e a hipertensão. Essas doenças podem ser passadas geneticamente, causando problemas aos seres futuros, ao analisar o ser, verifica-se que a um incentivo pelas indústrias alimentícias e pela televisão, as pessoas acabaram trocando o famoso e nutritivo arroz com feijão pelos fast food e comidas congeladas. (ALUNA 17)

Na devolutiva dada para esses estudantes fizemos os seguintes comentários. O aluno 04 conseguiu realizar uma boa investigação do seu cotidiano, bem como um bom relato, mas sobre um tema que não dialoga com a filosofia de Jonas. Não identificamos no relato desse aluno evidências relacionadas a nenhuma das três categorias de análise que utilizamos.

Para a aluna 17, também destacamos os pontos da proposta que ela não alcançou. Ressaltou-se que o tema que ela trouxe em seu relato tem relevância, mas não diretamente para uma investigação com o objetivo de estabelecer uma relação entre sua realidade com a ética de Hans Jonas.

A dificuldade que pudemos identificar no trabalho da aluna 17 não foi propriamente a de compreensão de pontos da ética de Jonas. A dificuldade percebida foi no momento de estabelecer a relação da teoria filosófica e realidade da estudante. Por esse motivo, em nossa análise do relato da aluna, não identificamos temas relacionados à categoria 2, embora tenhamos encontrado pontos relacionados às categorias 1 e 3, como fica claro nos seguintes trechos:

Após ler a ética de Hans Jonas, onde o filósofo inicia uma nova perspectiva quanto aos seres futuros exigirem eticamente comprometimento daqueles que os gerarão mesmo que ainda não tenham sido gerados. (ALUNA 17)

[...] Hans Jonas fala sobre as gerações futuras, para que as do presente tenham uma responsabilidade para que não afetem as gerações que não tenham sido geradas. (ALUNA 17)

Vale ressaltar que, durante as três semanas que os estudantes tiveram para entregar os relatos da investigação realizada, foi oportunizado em todas as aulas de filosofia um momento para que pudessem tirar dúvidas, seja sobre a filosofia de Jonas, seja sobre o processo de investigação do cotidiano. Nessas três semanas, houve nove aulas de filosofia, três encontros por semana.

Com exceção do aluno 04, que em nossa análise do seu relato não apresentou evidências sobre nenhuma das três categorias de análise que utilizamos nessa pesquisa, foi possível avaliar o trabalho dos demais estudantes pelo menos por uma das três categorias de análise.

Como atividade avaliativa, os relatos apresentados na presente seção nos remetem ao texto das diretrizes da disciplina que ressalta que “[u]ma resposta insatisfatória, em muitos casos, não revela, em princípio que o estudante não aprendeu o conteúdo [...]” (PARANÁ, 2008. P.32).

## 2.6. OS RESULTADOS POSITIVOS DA PESQUISA

As próximas seções tratam dos resultados positivos dos relatos do cotidiano que os estudantes realizaram. Organizamos esses resultados da seguinte forma, as categorias 1 e 2 serão discutidas na seção seguinte e a categoria 3 na seção posterior a essa.

Nesta e nas duas próximas seções, apresentamos nossa análise dos relatos que consideramos constituir os resultados positivos da nossa pesquisa, relatos para cuja avaliação foi possível empregar as três categorias de análise que distinguimos anteriormente, sendo a categoria 1 sobre o entendimento da ética de Jonas, a categoria 2 sobre a investigação realizada e capacidade de relacionar o seu cotidiano com a ética jonasiana e a categoria 3 sobre a visão dos estudantes acerca da atividade realizada. Os trechos dos relatos foram citados e discutidos de acordo com a categoria de análise empregada.

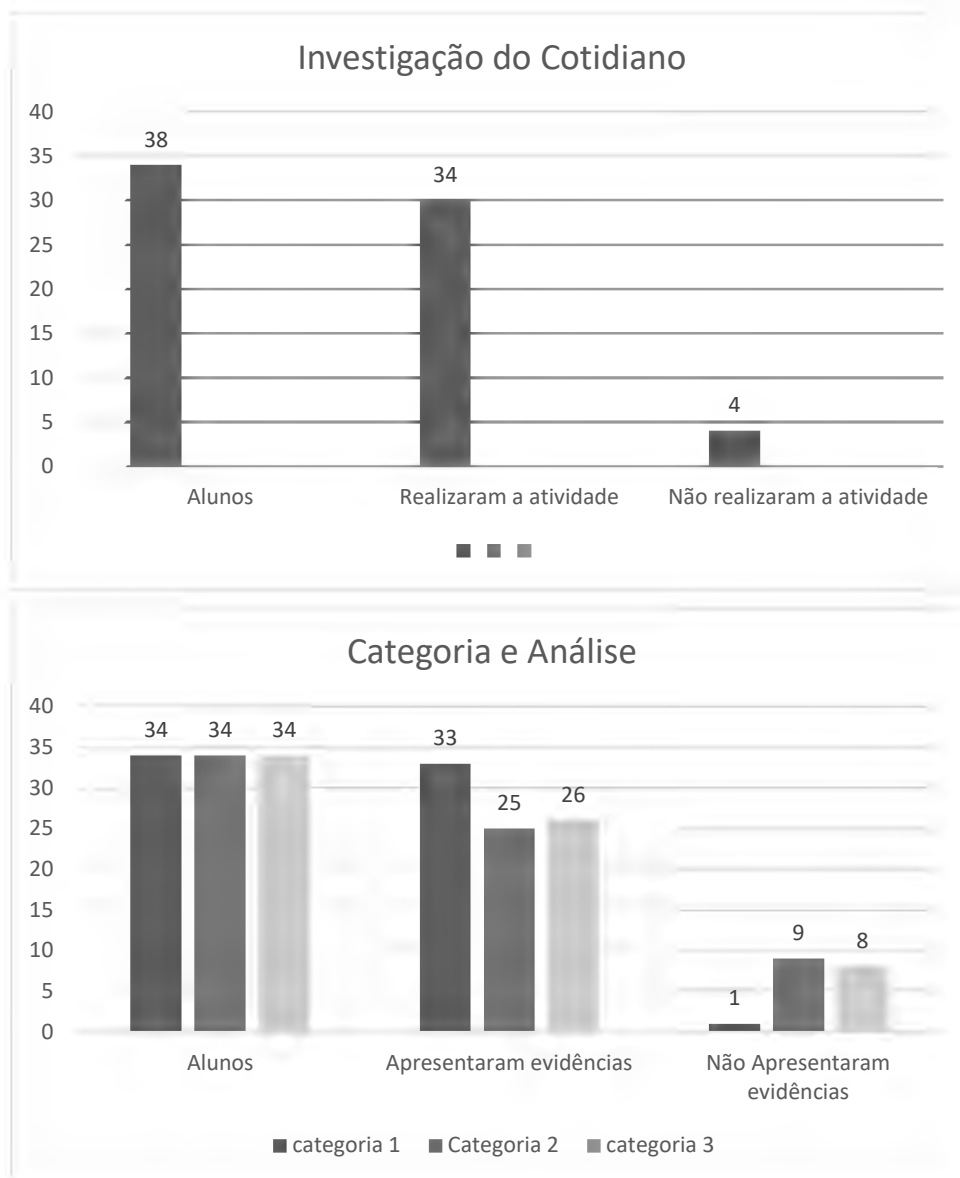
Em relação às categorias de análise, os resultados foram os seguintes:

**Categoria 1: Em 33 relatos identificamos evidências sobre o entendimento da ética de Jonas e em 1 não identificamos evidências.**

**Categoria 2: Identificamos evidências em 25 relatos de que os estudantes realizaram uma investigação do cotidiano relacionando este com a ética de Jonas, e não identificamos evidências nos relatos de 9 estudantes.**

**Categoria 3: 26 estudantes responderam à questão sobre a contribuição da atividade para o entendimento da ética jonasiana e 8 não responderam a essa questão.**

Abaixo, seguem dois gráficos que elaboramos para organizar os dados recolhidos em nossa pesquisa, o primeiro gráfico trata da realização da atividade e o segundo trata das 3 categorias de análise.



Organizamos a apresentação da análise dos relatos em grupos conforme a semelhança desses trechos dos estudantes e a sua relação com os excertos do texto de Jonas. São as análises apresentadas nessa e na próxima seção que confirmam os dados apresentados nos gráficos acima.

## 2.7. PRIMEIRA E SEGUNDA CATEGORIAS DE ANÁLISE

Os relatos entregues pelos estudantes apresentaram uma série de relações entre a tarefa de investigação proposta e a concepção ética de Jonas. Um dos pontos que associamos à categoria 1 de análise e que foi mencionado

por alguns estudantes é a questão da preocupação com as gerações futuras. Isso pode ser evidenciado nos seguintes trechos de relatos:

Eu tenho quase certeza, quando alguém descarta uma dessas pilhas em um lixo comum, ela não deve imaginar quais serão as consequências futuras; mesmo que a pessoa soubesse, ela continuaria não se importando com as gerações futuras e jogaria essas pilhas em lixos comuns, sem ter peso na consciência; e isso se deve ao fato de que as gerações futuras ainda não nasceram, logo, não poderão cobrar nada dessa pessoa. (ALUNO 02)

De certa forma, nós, os responsáveis pela geração futura, temos todo o poder de colocar em risco toda a continuidade futura do planeta. (ALUNA 03)

Relacionando com Hans Jonas, os apartamentos [a investigação da aluna tratou do desmatamento para fins de moradia] estão sendo algo bom hoje, porque acomodam várias pessoas, mas geram o desmatamento e não se sabe se as gerações futuras poderão usufruir disso. (ALUNA 07)

Um exemplo da realidade é que muitos pensam assim “Ah! Um papelzinho de bala não vai dar em nada” e, assim, todos pensando dessa maneira e não se conscientizando que afeta tanto nosso presente quanto o futuro. (ALUNA 09)

O homem precisa se dar conta de que se ele não cuidar do seu único planeta a raça humana estará comprometida. (ALUNO 10)

Comparando a análise que fiz [a aluna tratou da separação do lixo em sua investigação] com a filosofia de Jonas, vemos que as pessoas não têm uma responsabilidade com questões que envolvem o meio ambiente e o próprio cotidiano delas, e não se preocupam com o futuro de seus filhos, netos, bisnetos e até mesmo com o futuro de pessoas que não fazem parte da sua família. (ALUNA 11)

Acredito que o ser humano não pensa na geração futura, pois eles desmatam grande parte da nossa mata, sem pensar no problema que isso pode causar, o aquecimento global é um grande exemplo. (ALUNA 16)

Hans Jonas busca tratar sua proposta ética, que devemos olhar para aquelas tecnologias ou coisas que são muito beneficiárias (positivas), mas que podem trazer consequências negativas para nosso meio ambiente e para nossos filhos e netos. (ALUNO 20)

Percebemos nos trechos dos relatos acima que houve um entendimento sobre a forma como Jonas aborda a questão das gerações futuras em sua filosofia, sendo possível identificar nesses trechos uma semelhança com a preocupação demonstrada pelo filósofo alemão que afirmava que “[c]om o que fazemos aqui e agora, na maioria das vezes

pensando em nós mesmos, afetamos maciçamente a vida de milhões, alhures e no futuro, que não foram consultadas a esse respeito” (JONAS, 2013, p. 54).

Optamos, no entanto, por citar apenas os relatos acima, considerando que representam de maneira satisfatória o que pudemos constatar na maioria dos trabalhos entregues. De modo geral, citaremos de três (03) a dez (10) relatos para cada análise que realizaremos, indicando ao mesmo tempo o percentual dos relatos que permitem o mesmo diagnóstico que o dos trechos citados. Desse modo os 8 trechos de relatos de estudantes estão dentro de um total de 33 estudantes que demonstraram evidências sobre o entendimento da ética de Jonas.

Outro ponto que identificamos como uma evidência sobre o entendimento da ética de Jonas, conforme a categoria de análise 1, foi a forma que os estudantes se utilizaram de questões que envolviam o meio ambiente, demonstrando a compreensão de como esse tema é abordado pelo filósofo. Os trechos dos relatos por nós selecionados foram os seguintes:

Por meio de tantos peixes que são pescados em um período curto, isto pode ter um efeito negativo, aquilo que era bom para nós pode se tornar ruim para nossas gerações futuras, pois o peixe vai chegar em um certo tempo e vai ficar escasso por termos pescado “desenfreadamente”, ao invés de possuir uma pesca consciente no nosso contemporâneo. (ALUNO 20)

O desmatamento é o ato que consiste na retirada de mata, seja totalmente ou parcialmente das árvores. Muitos apoiam este movimento sem ao menos conhecer as consequências que nos trará num futuro, talvez não para nós que vivemos hoje em dia neste planeta, mas para nossos filhos, netos e até bisnetos, afinal “é no sucesso que está o perigo”, mas somos ignorantes para nos dar conta disso, parece que enquanto seu lucro estiver salvo nada mais importa. (ALUNO 33)

Precisamos acabar com este consumo desencadeado, necessitamos visão que nossas ações não irão acabar por aqui, persistirão por séculos, não sabemos se nossos descendentes irão usufruir desta água abundante como Jonas fala que a responsabilidade de toda a biosfera é do homem, então a responsabilidade de preservação é nossa como espécie. Precisamos mudar atitudes, não por nós e sim pelo futuro. (ALUNA 34)

Na busca de investigações, cheguei a uma criação que afetou desde o início e vai continuar afetando por muito tempo, o tema que investiguei foi sobre pilhas, algo útil que de certa forma ajuda, mas por outro lado acaba com o meio ambiente por sua difícil decomposição. (ALUNO 27)



Jonas nos apresenta um ângulo diferente sobre o conceito de responsabilidade. Podemos e devemos nos considerar responsáveis pelo futuro, nosso modo de agir no presente irá influenciar no futuro. Toda decisão que tomamos referente o planeta Terra, se for indevida, afeta a atmosfera; esse processo, a longo prazo, tornará nosso lar inabitável. (ALUNA 24)

O copo plástico foi inventado para beneficiar as pessoas, mas ele não foi projetado para o bem das futuras gerações; como o filósofo Hans Jonas argumentou, “com o que fazemos aqui e agora, na maioria das vezes pensando em nós mesmos, afetamos maciçamente a vida de milhões, alhures e no futuro, que não foram consultados a esse respeito. [...]”, assim todos os dias toneladas de lixo são produzidos, prejudicando o planeta e as pessoas que nele vivem. (ALUNO 01)

Os trechos dos relatos acima demonstram que esses estudantes entenderam a preocupação de Jonas com o meio ambiente e a responsabilidade que o ser humano tem para com todo o planeta, principalmente na comparação desses trechos com a seguinte fala de Jonas:

Mas agora a biosfera inteira do planeta, com toda a sua abundância de espécies, em sua recém-revelada vulnerabilidade perante as excessivas intervenções do homem, reivindica sua parcela do respeito que se deve a tudo o que é um fim em si mesmo, quer dizer, a todos viventes. O direito exclusivo do homem ao respeito humano e à consideração moral se rompeu exatamente com a sua obtenção de um poder quase monopolístico sobre o resto da vida. (JONAS, 2013, p. 55)

A maneira como alguns estudantes abordaram a ideia de responsabilidade em seus relatos, entendendo que ela está relacionada com o futuro, fornece ainda outra evidência de que eles compreenderam o conteúdo do texto de Hans Jonas. Os trechos a seguir confirmam essa constatação:

A maneira em que Hans Jonas emprega este termo de responsabilidade é transmitida de maneira simples, eu mesmo consegui anexar diversos pensamentos concludentes com essa ideia de Jonas, pois em nossa atualidade, podemos processar muitas informações de maneira muito rápida, fazer uma analogia não é muito difícil. (ALUNO 02)

Posso dizer que minha responsabilidade cotidiana deixa a desejar a respeito da água, pois às vezes demoro no banho, fazendo desperdício de água; com a filosofia de Jonas pude observar meu erro e refletir sobre esse meu ato, que refletirá no futuro para as próximas gerações. (ALUNA 07)

Hans Jonas diz que o princípio responsabilidade é: antes do homem construir suas técnicas, deve-se preocupar com o meio ambiente e com as gerações futuras que vão estar inseridos nesse meio. (ALUNO 15)

Devemos ter responsabilidade nos nossos atos e no que eles podem causar nos outros, inclusive tendo em vista de que o que a gente gerar causa enormes consequências, esses “outros” nem chegaram mesmo a existir devido a nós, por isso se é necessário agirmos desde agora, ir em busca de salvar o que nos resta e proteger para que aqueles que futuramente irão precisar. (ALUNA 22)

A reflexão de Jonas nos leva a avaliar melhor nossos pequenos atos. Não podemos fazer uso incorreto do planeta Terra, é como se estivéssemos fazendo um empréstimo pelo qual não seremos responsáveis de quitar. Nossas decisões não deveriam afetar a próxima geração; temos de pensar nisso ao jogar lixo, produzir energia, andar de carro, produzir objetos, desmatar a floresta p/ uso da madeira, produzir armas, etc. Nossos atos geram consequências. (ALUNA 24)

Os trechos acima demonstram um entendimento sobre a responsabilidade jonasiana, que é uma responsabilidade direcionada a aqueles que ainda não existem<sup>41</sup> mas que tem direito a uma existência no futuro. São textos que vão ao encontro das palavras de Jonas, quando este afirma:

Portanto, para nós, contemporâneos, em decorrência do direito daqueles que virão e cuja existência podemos desde já antecipar, existe um dever como agentes causais, graças ao qual nós assumimos para com eles a responsabilidade por nossos atos cujas dimensões impliquem repercussões de longo prazo. (JONAS, 2006, p. 91-92)

Baseados na categoria 2 de análise, buscamos evidências nos relatos entregues para determinar se os estudantes realizaram uma investigação do seu cotidiano e se conseguiram relacionar a ética jonasiana com elementos do seu cotidiano.

Como já mencionamos em seção anterior, consideramos como investigação do cotidiano mesmo aquelas investigações que foram feitas na internet, desde que o estudante tenha relacionado o que pesquisou na internet com o contexto espacial e temporal localizado em sua proximidade.

Nossa análise a partir da categoria 2 se inicia pelo exame dos seguintes relatos

---

<sup>41</sup> OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015 p. 148.

Procurando algo que aparentava ter uma grande relevância futuramente, tentei encontrar em minha casa por volta de quatro dias. No meio dessa incansável procura, vasculhando em meu quarto eu finalmente encontrei algo que aparentava ter um pouco de impacto negativo futuramente, o objeto chamado pilha. Essa pilha em questão estava no fundo de minha estante, como se estivesse abandonada, e que não iria ser utilizada durante muito tempo. Fiz uma pequena reflexão sobre ela: observei que se eu não tivesse achado, quem iria? Talvez ela ficaria ali até se deteriorar? Não sei, mas durante essa pequena reflexão, eu tive uma visão do impacto que ela e todas as outras pilhas teriam no futuro, pois como a maioria das pessoas sabem, essas pilhas são compostas por metais altamente tóxicos ao meio ambiente, e o fator agravante é que estes elementos podem ficar retidos no ambiente durante milhares de anos. (ALUNO 02)

Minha investigação começou quando percebi que a filosofia de Hans Jonas diz que nós somos responsáveis pelas próximas gerações, e que devemos zelar o nosso meio ambiente, e depois disso, vi que o lugar onde moro e parentes próximos há muito desperdício de água potável, como lavagem de carro, lavagem de calçada, etc. (ALUNA 03)

A análise do meu cotidiano começou quando percebi que meu pai não separava o lixo reciclável do orgânico, o que deixou espantada e muito indignada foi a forma dele falar “O lixo vai tudo para o mesmo lugar, não precisa separar”. (ALUNA 11)

Não fui longe para fazer essa investigação, fiz em minha casa mesmo, comecei a perceber a quantidade de sacolas plásticas que são utilizadas, as mesmas que nós utilizamos mas não somos nós que vamos sofrer as consequências por esse uso, mas as futuras gerações vão, por elas não se decomporem vão ser as futuras gerações que irão sofrer e não pensamos nisso, pensamos na próxima coisa que cobramos todos os dias uns dos outros e não praticamos, e essas atividade me ajudou a entender o quão hipócritas somos, porque não só as sacolas plásticas, mas tem muitas outras coisas que fazemos e estamos prejudicando as gerações futuras mas não pensamos nisso, como o desmatamento, a poluição causada pelos carros, o desperdício de água, a poluição causada pelas fábricas. (ALUNO 21)

No condomínio onde moro, o lixo, os óleos e até as pilhas são separados corretamente, mas mesmo eles dando tantas oportunidades de se cuidar corretamente dos lixos as pessoas não fazem o correto. Por exemplo: já vi pessoas derrubando o lixo no chão, ao lado da lixeira e não catando. (ALUNA 29)

Os 5 trechos de relatos acima demonstram que esses estudantes em seu processo de investigação identificaram comportamentos preocupantes em relação ao meio ambiente e os riscos que podem gerar para as próximas gerações. Isso mostra que eles souberam identificar em seu cotidiano problemas que podem ser pensados a partir do imperativo jonasiano, uma vez que o filósofo alemão afirma que “[o] novo imperativo clama por outra

coerência: não a do ato consigo mesmo, mas a dos seus efeitos finais para a continuidade da atividade humana no futuro” (JONAS, 2006, p. 49).

Os próximos trechos dos relatos abaixo são um exemplo da ambiguidade do entendimento do texto, situação que mencionamos na seção que tratou sobre a importância do texto filosófico. Os estudantes apresentaram formas diferentes de relacionar a preocupação com o meio ambiente e as próximas gerações em seu processo investigativo, mesmo que a base teórica deles tenha sido a mesma, a ética jonasiana:

Como Jonas já disse o perigo reside mais no sucesso do que no fracasso, ou seja, são nossas facilidades que irão prejudicar as próximas gerações. No meu bairro, por exemplo, uma família tem em média dois carros, agora pegamos o número de pessoas que ainda não tiraram a habilitação mostra que o número de veículos tende a crescer mais e mais, esses veículos soltam gases poluentes na atmosfera aumentando e agravando o efeito estufa o que faz que furacões, tsunamis e o aumento da temperatura sejam consequências cada vez mais frequentes em todo o mundo. (ALUNO 10)

O que preocupa são as novas obras que estão surgindo, pois podem estar sendo construídas em locais como estes (Áreas de Preservação Ambiental). Estes locais são importantíssimos no equilíbrio de abastecimento de água, se estes forem danificados será tarde demais para a natureza e as gerações futuras não poderão desfrutar dos benefícios que tais traziam. (ALUNO 15)

Parando para pensar no que eu fazia de errado, em atitudes que prejudicaram gerações futuras e com a ajuda de exemplos me clareou tudo. Uma das coisas é que eu acabo jogando lixo na rua, por querer, sem querer, e às vezes por influência de amigos ou parentes, eu jogo papel, papel de bala, pacotes de picolé e etc. Às vezes, mas quando eu era menor, eu gostava de jogar pilhas nas paredes, mas já parei, gostava de estragar as pilhas e depois descartar em lixo comum, na maioria das vezes acabo desperdiçando água, e uma das coisas que estamos tendo certeza é que no futuro irá faltar água potável, ou seja, desperdiçar água só está acelerando este processo. Muitas das vezes pequenas atitudes bastam para mudar o mundo como tomar banhos mais curtos, ou escovar os dentes desligando a água, as vezes andar de bicicleta ou a pé mesmo. (ALUNO 18)

Fazendo uma comparação direta com a atualidade e a teoria de Hans Jonas, podemos perceber que de fato há grandes características em comum, onde na nossa sociedade estamos sempre fazendo certas coisas sem pensar na possível consequência que pode causar nas gerações futuras, onde são elas que vão herdar todo o caos que estamos gerando, seja eles que podem causar muito dano ou não. Nossa sociedade caminha cada dia mais para a beira do precipício, isto é, cada dia que passa o que nós seres humanos que fazemos é somente destruir tudo à nossa volta, destruir e acabar com tudo que existe. (ALUNA 22)

Meu pensamento não é diferente de Hans Jonas, acredito que devemos pensar no futuro, nos problemas que a poluição pode acarretar para as futuras gerações e que não devemos ser egoístas de pensar que não estaremos aqui, que não devemos pensar nos outros. (ALUNA 29)

Com certeza há uma ligação com os problemas que identifiquei (desperdício de água) com o texto de Hans Jonas, pois hoje nossa sociedade é egoísta, porque grande parte da população pensa apenas em si, e nem lembra que há mais pessoas no mundo. Fazemos coisas que irão ser um grande problema no futuro, e isso irá prejudicar as novas gerações. (ALUNO 32)

A minha realidade serviu para ter uma base do “básico”, nada além disso, Hans Jonas me fez sair dessa realidade por um tempo e assim perceber o quão é real a sua ideia sobre nossa sociedade, afinal é no sucesso que está o perigo. (ALUNO 33)

A maior parte dos relatos acima destaca que aquilo que os estudantes mais identificaram em suas investigações do cotidiano foram situações que podem gerar problemas para o meio ambiente e para as futuras gerações. É possível identificar nesses relatos uma concordância com o imperativo proposto por Jonas, quando este destaca assevera que o homem “[n]ão ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra” (JONAS, 2006, p. 48).

O estudante 10 trouxe em seu relato a questão sobre como aquilo que é considerado benéfico para as pessoas pode representar um risco para as próximas gerações, pois as pessoas tendem a questionar menos aquilo que é considerado positivo. O problema que esse estudante apresentou em sua investigação é uma situação que identificamos em textos de Jonas, dos quais o próximo é mais um exemplo:

O risco do “excesso” sempre está presente na circunstância onde o germe congênito do “mal”, isto é, o prejudicial, é coalimentado e levado ao amadurecimento precisamente pelo impulso do “bem”, qual seja, o benéfico. O perigo reside mais no sucesso do que no fracasso – e, no entanto, o sucesso é reivindicado pela pressão das carências humanas. (JONAS, 2013, p. 52)

Os trechos dos relatos apresentados acima confirmam nossas expectativas sobre a utilização da realidade no processo de ensino e aprendizagem de filosofia. Essa capacidade de estabelecer relações entre teoria e prática vai ao encontro do olhar otimista de Paulo Freire, quando o

pensador afirma que os estudantes são “[c]apazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, dignificantes testemunhos [...]” (FREIRE, 2018, p.51).

Um elemento que julgamos válido mencionar nessa seção é a participação de familiares na investigação feita por três estudantes. A participação familiar não foi elencada previamente como uma categoria de análise, nem tampouco foi adotada como critério para avaliar o trabalho realizado pelos estudantes. Mesmo assim, consideramos positiva essa participação, pois podemos considerar que a interação desses estudantes com seus familiares é mais um elemento de integração e contextualização do conteúdo estudado em sala com a realidade que os estudantes vivem em seu cotidiano. Segundo Ludke e André, mesmo que o estudo de caso “[...] parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo” (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p.18). A consideração da participação familiar na investigação realizada por alguns estudantes atende a essa condição de ‘novo elemento de análise’. Seguem trechos dos relatos que apresentaram esse envolvimento da família:

Pensando sobre a ética de Jonas, decidi observar o desmatamento de um campo perto da chácara dos meus pais, como eles moram aqui já faz um tempo, perguntei como aquele campo era antigamente, eles responderam que era um lugar muito bonito, com várias árvores, vários tipos de pássaros e até com um rio onde eles costumavam pescar, responderam também que chegaram homens para derrubar uma parcela de árvores, pois iriam construir uma casa para os donos do terreno. Hoje quando passamos por lá, vimos que quase não havia mais árvores naquele lugar e no rio quase não havia mais peixes a água estava muito suja e a maioria dos pássaros não estavam mais lá, meu processo de investigação durou 3 dias, e com tudo isso eu vejo como nós devemos valorizar e cuidar do que temos agora, pois amanhã poderá não estar mais lá. (ALUNA 05)

Minha análise do cotidiano começou quando percebi que meu pai não separava o lixo reciclável do orgânico, o que deixou espantada e muito indignada foi a forma dele falar “O lixo vai tudo para o mesmo lugar, não precisa separar” [...] Então perguntei aos meus parentes quantos deles praticavam a separação do lixo reciclável e o resultado me surpreendeu muito, o número total de familiares que separam o lixo não chegou nem a metade da quantidade de pessoas. (ALUNA 11)

Meu pai como sempre contou histórias da infância dele, ele relatou para mim que o nosso bairro tinha muito campo árvores onde ele ia jogar bola, e com o tempo o homem tomou conta destruindo e

construindo empresas, barracão, estacionamento entre outros, sobrando só um pouco de mata verde, o único campo que eu conheço é do aeroporto. (ALUNA 16)

Os próximos trechos dos relatos por nós apresentados tratam de outros temas, como o poder do ser humano, as construções em áreas de preservação ambiental, o cálculo de consumo de água, entre outros, que alguns estudantes abordaram durante seu processo de investigação, demonstrando que estes, assim como outros 15, conseguiram estabelecer uma relação do seu cotidiano com a ética de Jonas:

O homem investe tempo e recursos em coisas passageiras, não dando à devida importância as coisas mais importantes, é mais cômodo se acostumar a isso do que fazer algo a respeito, contudo se mudarmos pequenos hábitos em nosso cotidiano estaríamos fazendo um futuro melhor para nós e para nosso planeta. (ALUNO 01)

Depois dessas reflexões e pesquisas sobre o assunto, tentei imaginar o que a pilha poderia causar nas gerações futuras: Com certeza existiria amontoados de lixo tóxico contaminando áreas ambientais existentes, que resultaria no retrocesso biológico dos humanos e do mundo em que vivemos. (ALUNO 02)

Uma degradação ambiental pode ser resultado de ações do homem, onde a poluição novamente se torna de responsabilidade do homem. É importante que o homem compreenda o poder que tem, pois é preciso evitar novas consequências que num dia de um futuro nem tão distante pode causar o fim da possibilidade de vida na Terra. (ALUNO 13)

Então comecei minha investigação sobre estes apartamentos, pesquisei sobre na internet e descobri que esta obra foi paralisada por apresentar algumas irregularidades, e esta foi denunciada pelo Ministério Público. Os prédios possuem 6 andares e a obra completa abriga 624 apartamentos. O local onde foi construído é área de Preservação Permanente e Proteção Ambiental, local de manancial. (ALUNO 15)

Há muitos problemas que vamos sofrer no futuro, os de hoje irão afetar lá na frente, não podemos ter certeza, mas manter a preocupação enquanto ainda dá tempo é muito mais importante. (ALUNO 33)

Minha análise ocorreu dentro do meu condomínio e no meu apartamento, ao observar o cotidiano, observo que há ações que podem ser evitadas, uma das primeiras ações que vejo acontece no condomínio, vejo a zeladora limpando a lixeira com a água da torneira por cerca de meia hora, o que gasta em média 558 litros, o desperdício é enorme neste ponto está a falta de preocupação com o futuro. Ao pesquisar demais comportamentos, vejo que na minha própria casa há mais atitudes gastadoras de água do que imaginava. Ao lavar uma louça por cerca de quinze minutos gasta em cerca de 243 litros, uma descarga de seis segundos gasta em torno de 10 a 14 litros. (ALUNA 34)

A constatação de que os estudantes souberam relacionar seu cotidiano com o conteúdo estudado nos textos de Hans Jonas remete-nos à Paulo Freire, quando este afirma que “[o] meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria” (FREIRE, 2018, p.48). Isso tem uma importância em nossa pesquisa, pois significa que alguns estudantes conseguiram não só investigar seu cotidiano ou compreender a ética de Jonas, mas identificar a teoria de forma prática na realidade em que vivem.

A análise dos relatos entregues pelos estudantes confirma os números positivos que apresentamos no início dessa seção sobre a categoria 1, pois nos utilizamos de trechos de relatos de 17 estudantes que demonstraram evidências sobre a compreensão da ética de Jonas. Somados aos 7 trechos de relatos citados na seção anterior, mostramos trechos de relatos de 24 estudantes, de um total 33 estudantes que demonstraram ter compreendido a ética jonasiana.

Já em relação à categoria de análise 2, apesar de termos conseguido aplicá-la a um número menor de estudantes, tivemos 25 estudantes que realizaram a investigação relacionando seu cotidiano com a ética de Jonas. Nessa seção, utilizamos trechos dos relatos de 17 estudantes. Consideramos esse resultado positivo, pois a maioria conseguiu utilizar o seu cotidiano para compreender aquilo com que eles tiveram contato inicialmente em sala de aula, que foi a ética de Jonas.

As Diretrizes da disciplina de filosofia afirmam que os conteúdos estruturantes devem ser “[...] trabalhados na perspectiva de fazer com que os estudantes pensem os problemas com significado histórico e social e analisem a partir dos textos filosóficos que lhes forneçam subsídios para que pesquisem, façam relações [...]” (PARANÁ, 2008, p.52). Essa concordância da proposta das Diretrizes com a nossa prática de ensino é algo que consideramos que foi bem executado pelos estudantes em suas atividades.

Na seção seguinte, faremos uso da categoria de análise 3 para avaliar a resposta dada pelos estudantes à questão sobre a contribuição da investigação do cotidiano para que estes entendessem o conteúdo.



## 2.8. TERCEIRA CATEGORIA DE ANÁLISE

A terceira categoria de análise foi empregada para examinar a visão que os estudantes tiveram da atividade por eles realizada. Acreditamos que uma boa maneira de analisar a efetividade de uma prática de ensino é solicitar a opinião dos envolvidos na sua realização. Perguntamos aos estudantes se a atividade de investigação do cotidiano contribuiu para o entendimento da ética jonasiana. Desse modo, os trechos citados nessa seção contêm respostas a essa questão. Dos trinta e quatro estudantes que entregaram os relatos de sua investigação, vinte e seis responderam positivamente, isto é, disseram que a utilização do cotidiano contribuiu para o entendimento do conteúdo. Os demais oito estudantes não responderam à questão. Desse modo, não houve nenhuma resposta que negasse explicitamente a contribuição da investigação do cotidiano para o entendimento da ética de Hans Jonas.

A questão a que os estudantes responderam é de suma importância dentro desta pesquisa, pois a devolutiva sobre essa questão, além de apresentar evidências sobre o entendimento do conteúdo, oportunizou aos estudantes um espaço para sugestões e críticas sobre a metodologia. As respostas apresentadas na sequência sobre a contribuição da investigação realizada para o entendimento do conteúdo mostram alguns questionamentos de estudantes sobre a contribuição da atividade:

Sim, pois por meio dela [da investigação realizada] tomei consciência de minhas ações ao utilizar copos descartáveis, e de que mesmo descartando-os no lugar correto estou prejudicando o meio ambiente e as futuras gerações. Entendo que para qualquer coisa temos que ter responsabilidade, e refletir sobre os pontos positivos e negativos a longo prazo, e o que é pior quando obtemos sucesso, como Jonas argumentou, “O perigo reside mais no sucesso do que no fracasso [...]” pois o homem geralmente não reflete sobre os possíveis prejuízos, mas sim nos lados positivos, quando o ideal é pensar a respeito de ambos. (ALUNO 01)

A ideia de responsabilidade de Hans Jonas ajudou tanto no entendimento como na reflexão, buscando o tema eu lembrei das pilhas que estourei durante a infância, não sabia dos efeitos que causariam. Então ao utilizar a realidade vivida contribuiu no entendimento mais realístico sobre a responsabilidade. (ALUNO 27)

Sim, pois a minha realidade é muitas vezes não pensar nas consequências que algo pode acarretar, como a utilização consciente da água, eu não penso muito nessa responsabilidade descrita por Hans Jonas, mas deveria porque através desse pensamento dele

passei a refletir sobre tal responsabilidade e o quão egoísta eu estou sendo. (ALUNA 31)

As citações acima mostram que a investigação realizada por esses estudantes contribuiu para que estes compreendessem a preocupação de Jonas em relação a uma ação humana que leve em consideração as próximas gerações. Nossa análise é que as respostas desses 3 estudantes estão de acordo com a preocupação de Jonas quando se pergunta sobre o que “[o] que podemos fazer para que nossa ação não comprometa de antemão as futuras possibilidades de seres humanos como nós em um suposto mundo, e para que sigam existindo essas possibilidades de existência [...]” (JONAS, 2013. P.283)

Nas respostas dadas pelos estudantes sobre a contribuição da investigação para o entendimento do conteúdo, a questão sobre a responsabilidade pelas gerações futuras foi um dos elementos da ética de Jonas mais citados por alunos e alunas. Os trechos a seguir mostram como eles se utilizaram da ideia da responsabilidade em suas respostas:

Sim, realizar este trabalho com a realidade abriu a minha mente para conteúdos nunca antes vistos, fazendo com que eu me envolvesse nesse assunto e procurasse saber mais, realizando pesquisas e observações do nosso meio convivente. A responsabilidade de Hans Jonas mostrou como é significativo ter noção de seus atos para que possamos impedir que coisas ruins aconteçam com gerações futuras. (ALUNO 02)

Sim, minha realidade condiz com o pensamento filosófico de Hans Jonas. Várias pessoas ao meu redor não se importam tanto com o desperdício de água potável e como seria o mundo para as gerações futuras. (ALUNA 03)

Sim, devemos sempre pensar nas gerações futuras para darmos a eles os mesmos direitos que nós temos de um planeta saudável. (ALUNO 10)

Sim, porque notei em meu cotidiano o quanto o ser humano é realmente egoísta, ele busca conhecimento em tudo sem pensar nas consequências, ele pensa no seu bem estar sem se importar com o prejuízo que ele pode dar a outros e a natureza, sendo que ele mesmo vai pagar por isso e vai fazer com que a humanidade toda pague por isso. (ALUNO 12)

Sim, pois Hans Jonas fala sobre as gerações futuras, para que as do presente tenham uma responsabilidade para que não afetem as gerações que não tenham sido geradas. (ALUNA 17)

Sim, tive várias referências sobre como as pessoas só pensam no presente e não veem o que irá causar no futuro, os problemas que terão, isso é muita irresponsabilidade, fazer as coisas e não pensar nas consequências. A ideia de Hans Jonas me fez ter outra visão

sobre o presente e o futuro, fez pensar com mais responsabilidade e mais entendimento. (ALUNO 26)

Sim, além de raramente pensamos em filosofia fora da escola, as pessoas que estão ao meu redor na maioria das vezes não se importam com as consequências que virão no futuro, Hans Jonas nos faz entender os problemas que estão prestes a acontecer; a tecnologia está muito presente no meu cotidiano, e essa técnica nos prejudica, por exemplo, na poluição do planeta, isto é visível no nosso cotidiano, mas muitos não percebem. (ALUNO 33)

Os trechos dos relatos acima mostram que, ao investigar o cotidiano, os estudantes compreenderam a preocupação de Jonas com as gerações futuras, compreenderam que “[s]omos responsáveis pelo que fazemos, porque nosso poder fazer pode comprometer a continuidade de tudo e de todos” (ZANCANARO, 1998, p.174).

Os trechos de relatos mencionados na sequência trazem uma relação que os estudantes estabeleceram entre o comportamento das gerações passadas e presente e seu impacto sobre o futuro:

Sim, a realidade em que estamos se assemelha com o fato das gerações passadas e até mesmo a geração atual se utilizarem de recursos naturais que são cedidos pelo meio ambiente sem pensar no futuro de seus sucessores e no prejuízo que podem causar. (ALUNA 11)

Sim, pois em minha realidade vivo consequências de falta de responsabilidade de gerações passadas, e infelizmente percebo que também não agimos com responsabilidade atualmente, desta forma, com o meu cotidiano, foi mais fácil compreender a filosofia de Jonas. (ALUNO 15)

Sim, pois na realidade pode-se dizer que assim como as gerações passadas não pensaram no futuro (nós de agora), nós não estamos pensando na próxima geração, ou seja, estamos agredindo e utilizando todo recurso natural que ainda nos resta sem nenhuma consciência do que pode acontecer futuramente. Hans Jonas faz tal afirmação ao falar que estamos violando direitos daqueles que nem ao mesmo ainda existem, onde devemos nos responsabilizar pelo que estamos fazendo, que nossas ações devem ser repensadas, sabendo que elas podem prejudicar aqueles que talvez ocorra a possibilidade de nem mesmo chegarem a existir, como consequência nossa. (ALUNA 22)

Sim, pois nas gerações passadas eles não pensaram no futuro, e aqui estamos com muitos problemas, e nós devemos pensar no nosso futuro. (ALUNO 30)

O relato desses quatro estudantes vai ao encontro da ideia do filósofo alemão sobre “[...] a possibilidade de se considerar que todo passado é uma

etapa preparatória para o presente e de que todo presente é uma etapa preparatória para o futuro” (JONAS, 2006, p.55). Os relatos revelam igualmente que esses estudantes reconhecem sua condição atual como uma consequência das ações realizadas pelas gerações anteriores e como fator determinante das condições de vida gerações futuras, reforçando a ideia de Zancanaro de que “[o] cuidado se revela em relação aos que não têm possibilidade de participar do diálogo nem de decidir sobre os benefícios e riscos. (ZANCANARO, 1998, p.194). A afirmação, contida nesses relatos, de que as gerações anteriores não se preocuparam com a geração desses estudantes levou-os a refletir que as gerações futuras terão a mesma sorte.

Em resumo, os resultados apresentados nesta e na seção anterior permitem reconhecer a compreensão dos estudantes sobre a ética da responsabilidade de Hans Jonas, pois nas três categorias de análise por nós desenvolvidas os números foram positivos. De acordo com a categoria 1, que tratava sobre o entendimento da ética jonasiana, foram 33 estudantes que apresentaram evidências de terem compreendido o conteúdo. De acordo com a categoria 2, que tratava da realização da investigação e de sua relação com o conteúdo, foram 25 estudantes que apresentaram resultados positivos. Por fim, segundo a categoria 3, que perguntava aos estudantes se a investigação contribuiu para o entendimento do conteúdo, foram 26 estudantes que responderam positivamente a essa questão.

Constatamos que a prática de ensino apresentada aos estudantes cumpriu o seu papel na nossa pesquisa. Tendo como base a análise dos relatos do cotidiano entregues, identificamos evidências nesses relatos que mostraram que a utilização do seu cotidiano contribuiu para o entendimento da ética de Hans Jonas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se desenvolveu a partir de uma prática pedagógica que tinha como objetivo explorar as experiências cotidianas dos estudantes. O trabalho consistiu na leitura de excertos de textos de Hans Jonas, seguida da reflexão, feita pelos estudantes, sobre o conteúdo dos excertos, aplicando as questões tratadas nos textos ao seu cotidiano.

Foi importante para o desenvolvimento dessa proposta pedagógica a utilização da pedagogia da autonomia de Paulo Freire, pois o olhar para o cotidiano de forma crítica defendido pelo pensador brasileiro é uma forma de o estudante conquistar autonomia cognitiva e prática. A partir da ideia de uma pedagogia voltada para a autonomia, buscamos com nossa prática de ensino que os estudantes refletissem sobre a sua realidade.

Os relatos dos estudantes apontaram que a proposta de articular a leitura de textos em sala de aula com a reflexão sobre a sua realidade cotidiana contribuiu para o entendimento do conteúdo abordado nos textos, pois identificamos em nossa análise que trinta e três estudantes demonstraram ter compreendido o conteúdo e apenas um estudante, não. Além disso, vinte seis dos trinta e quatro estudantes que realizaram a atividade afirmaram que a investigação do cotidiano contribuiu para o entendimento do conteúdo.

Também constatamos que a prática de ensino fez com que os estudantes olhassem para o seu cotidiano, a fim entender a sua realidade de forma crítica. Dos trinta e quatro estudantes que realizaram a atividade, vinte e cinco conseguiram refletir criticamente sobre seu cotidiano, o que consideramos como sinal de um processo de autonomização desses estudantes.

Com base nessas constatações, podemos concluir, em primeiro lugar, que nossa pesquisa cumpriu com o objetivo de apresentar os resultados de uma prática de ensino que se utilize da realidade dos estudantes. Ademais, podemos concluir que a pesquisa permitiu-nos constatar efeitos acadêmicos positivos de uma proposta pedagógica voltada para o desenvolvimento da autonomia do educando.

Indo um pouco além das constatações mais imediatas sobre a prática pedagógica desenvolvida na pesquisa, não nos parece descabido afirmar que as respostas apresentadas pelos estudantes em seus relatos sugerem a importância da filosofia como um instrumento de reflexão sobre o cotidiano. Afinal, foi com base em excertos da obra de Hans Jonas que esses estudantes puderam olhar para a sua realidade de forma crítica. Foi a partir de uma determinada doutrina ética que os estudantes encontraram uma maneira de se distanciar criticamente daquilo que, por ser habitual, era tomado como normal, como determinado a se perpetuar e não como algo que pudesse ou devesse ser transformado.

Foi pela filosofia que alunos e alunas compreenderam que as gerações futuras também merecem ser levadas em consideração, que os avanços tecnológicos, por mais bem-intencionados, geram riscos e que o sucesso momentâneo não é sinônimo de sucesso futuro. Além disso, foram essas considerações que habilitaram os estudantes a um olhar crítico sobre seu cotidiano. Não nos parece acidental que a filosofia seja um instrumento eficaz para essa reflexão crítica, dado o caráter básico, mas por isso mesmo profundo e fundamental, dos conteúdos e problemas filosóficos.

Os resultados dessa pesquisa abrem novas perspectivas para nossa atuação como docentes de filosofia. A consequência mais imediata é o projeto de estender a nossa proposta pedagógica para aprimorar nosso trabalho em outras áreas da filosofia. Com as devidas adaptações, parece-nos possível a utilização da reflexão sobre o cotidiano dos estudantes não só em aulas de ética, como em aulas de estética, teoria do conhecimento, filosofia política.

Temos também a expectativa de buscar tornar o método apresentado nessa pesquisa como algo constante em nossas aulas e não algo casual. Nossa pretensão é de submeter a esse método estudantes que estudam no período noturno, estudantes do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), o que nos permitirá aprofundar nossa compreensão sobre a visão dos estudantes, já que teremos instrumentos para diferenciar entre a perspectiva do estudante que apenas se dedica aos estudos e a daqueles que precisam dividir suas atenções entre trabalho e sua educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECK, Ulrich. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34; 2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996

CARVALHO, Helder. B. A. de. Responsabilidade como princípio e virtude: Uma reflexão sobre o desafio ético da técnica contemporânea a partir das teorias morais de Hans Jonas e Alasdair MacIntyre. In: Robinson dos Santos; Jelson R. de Oliveira; Lourenço Zancanaro. (Org.). Ética para a civilização tecnológica: em diálogo com Hans Jonas (ISBN 9788587121318). 1ed.São Paulo, SP: Centro Universitário São Camilo, 2011, v., p. 153-177.

COTRIM, Gilberto. FERNANDES, Mirna. Fundamentos da Filosofia, 4º edição, São Paulo, ed Saraiva. 2017.

DAYRELL, J. JESUS, R. E. Exclusão de jovens de 15 a 17 anos do Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas. Relatório de Pesquisa do Observatório da Juventude da UFMG. Disponível em:<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/pesquisa-unicef-a-exclusao-de-jovens-de-15-a-17-anos-no-ensino-medio-no-brasil/>

FABBRINI, Ricardo Nascimento. O ensino de filosofia: a leitura e o acontecimento. Trans/Form/Ação, Marília, v. 28, n. 1, p. 7-27, 2005  
 Available from  
 <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732005000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732005000100001&lng=en&nrm=iso)>. access  
 on 18 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732005000100001>.

FERREIRA, Denize. C. K. Os Professores temporários da educação básica da rede pública estadual do paran : a flexibiliza o das contrata es e os impactos sobre as condi es de trabalho docente. Disserta o (Mestrado em educa o). Universidade Federal do Paran . Curitiba, 2013.

FONSECA, F. O. Hans Jonas: (bio) tica e cr tica   tecnoci ncia. Recife: Editora da UFPE, 2007.

FREIRE, Paulo. Educa o e mudan a, 41ª edi o, Rio de Janeiro/S o Paulo, ed Paz & Terra. 2020,

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa*, 56ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo, ed Paz & Terra. 2018.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*, 71ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo, ed Paz & Terra. 2019.

GALLO, Silvio. *Filosofia Experiência do Pensamento*, 2º edição, São Paulo, ed Scipione. 2017

\_\_\_\_\_. *Ética e cidadania: Caminhos da filosofia*, 20ª edição, São Paulo, Papyrus, 2016.

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter. *Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a Filosofia no Ensino Médio*. In: GALLO, S.; KOHAN, W. (Org.). *Filosofia no Ensino Médio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 174-196.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. "Hans Jonas: o princípio responsabilidade – Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica". In: OLIVEIRA, Manfredo. (org.). *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JONAS, Hans. *O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma Ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro, Contraponto / PUC-RIO, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ensaio Filosóficos da Crença Antiga ao Homem Tecnológico*. São Paulo, Paulus, 2017.

\_\_\_\_\_. *Técnica, Medicina e Ética*. São Paulo, Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. *Jornal L'Unitá. La mia controutopia*. 5 set. 1991, Cultura, p. 17.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa/Portugal, Edições 70, 2011.

LOPES, Wendell. E. S. *Sobre a Fundamentação da Ética: o sentimento de responsabilidade em Hans Jonas*. In: Robinson dos Santos; Jelson Oliveira; Lourenço Zancanaro. (Org.). *Ética para a Civilização Tecnológica: em diálogo com Hans Jonas*. 1ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2011.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.



MALACARNE, Vilmar; STRIEDER, Dulce Maria; LIMA, Dartel Ferrari de. ÉTICA, CIÊNCIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A ESCOLA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. *Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 51-66, dez. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-21172011000300051&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172011000300051&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 01 maio 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172011130304>.

OLIVEIRA, Jelson, MORETTO, Geovani, SGANZERLA, Anor. *Vida, Técnica e Responsabilidade: Três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas*. São Paulo, Paulus, 2015.

OLIVEIRA, Jelson. *Compreender Hans Jonas*. Petrópolis, Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Cristiano L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Travessias (UNIOESTE)*. Online, 2009.

PARANÁ. *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009

\_\_\_\_\_. *Diretriz Curricular de Filosofia para a Educação Básica*, Curitiba. 2008.

RICOEUR, Paul. *A região dos filósofos*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SANTOS, Robinson. O Problema da Técnica e a Crítica à Tradição na Ética de Hans Jonas. In: SANTOS, Robinson. (Org); OLIVEIRA, Jelson. (Org.);

SANTOS, Katia C. A importância do texto filosófico nas aulas de Filosofia. *FILOSOFIA E EDUCAÇÃO*, v. 3, p. 288-297, 2012.

ZANCANARO, Lourenço. (Org.). *Ética para a civilização tecnológica: em diálogo com Hans Jonas*. 1. ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2011.

SILVEIRA, Denis C; Uma análise do princípio da responsabilidade de Hans Jonas: suas implicações metaéticas. In: Robinson dos Santos; Jelson Oliveira; Lourenço Zancanaro. (Org.). *Ética para a Civilização Tecnológica: em diálogo com Hans Jonas*. 1ed.São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2011, v. 1, p. 235-248.

STOSKI, Patrícia; GELBCKE, Vanessa. Juventudes e escola: os distanciamentos e as aproximações entre os jovens e o Ensino Médio. In: RIBEIRO, Mônica; OLIVEIRA, Rosângela Gonçalves (Orgs.) *Juventude e*

Ensino Médio: sentidos e significados da experiência escolar. Curitiba: Editora da UFPR, 2016.

VALLS, Álvaro L. M. O QUE É ÉTICA. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Coleção Primeiros Passos)

\_\_\_\_\_. Da ética à bioética. Rio de Janeiro: Campus: 2004.

ZANCANARO, Lourenço. O Conceito de Responsabilidade em Hans Jonas. 1998. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade da Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. Singularidades e dificuldades do pensamento de Hans Jonas. In: SANTOS, Robinson. (Org); OLIVEIRA, Jelson. (Org.); ZANCANARO, Lourenço. (Org.). Ética para a civilização tecnológica: em diálogo com Hans Jonas. 1. ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2011.

## ANEXOS.



**COLÉGIO ESTADUAL SÃO CRISTÓVÃO – ENS. FUNDAMENTAL, MÉDIO E  
PROFISSIONAL**

Rua Paulo Scherner, 380 – Vila Palmira – CEP 83040-140 – São José dos Pinhais – PR  
Fone: (41) 3382-0654 Fax: (41) 3283-5067 E-mail: [cesaocristovaosjp@gmail.com](mailto:cesaocristovaosjp@gmail.com)  
Facebook: <https://www.facebook.com/sjpsaocristovao>

Todos os mandamentos e máximas da ética tradicional, fossem quais fossem suas diferenças de conteúdo, demonstram esse confinamento ao círculo imediato da ação. “Ama teu próximo como a ti mesmo” ; “Faze aos outros o que gostarias que eles fizessem a ti” ; “ Instrui teu filho no caminho da verdade” ; “ Almeja a excelência por meio do desenvolvimento e da realização das melhores possibilidades da tua existência como homem” ; “ Submete o teu bem pessoal ao bem comum” ; “ Nunca trate os teus semelhantes como simples meios, mas sempre como fins em si mesmos” ; e assim por diante. Em todas essas máximas, aquele que age e o “outro” de seu agir são partícipes de um presente comum. Os que vivem agora e os que de alguma forma têm trânsito comigo são os que têm alguma reivindicação sobre minha conduta, na medida em que este os afete pelo fazer ou pelo omitir. O universo moral consiste nos contemporâneos, e o seu horizonte futuro limita-se à extensão previsível do tempo de suas vidas.

**JONAS, Hans. O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma Ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro, Contraponto / PUC-RIO, 2006.p 36.**

Um imperativo adequado ao novo tipo de agir humano e voltado para o novo tipo de sujeito atuante deveria ser mais ou menos assim: “Aja de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra” ; ou, expresso negativamente: “ Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade

futura de uma tal vida” ; ou, simplesmente: Não ponha em perigo as condições necessárias para conservação indefinida da humanidade sobre a Terra” ou, em um uso novamente positivo: “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetivos do teu querer.”

**JONAS, Hans. O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma Ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro, Contraponto / PUC-RIO, 2006.p 47- 48.**

Quando, pois, a natureza nova do nosso agir exige uma nova ética de responsabilidade de longo alcance, proporcional à amplitude do nosso poder, ela então também exige, em nome daquela responsabilidade, uma nova espécie de humildade — uma humildade não como a do passado, em decorrência da pequenez, mas em decorrência da excessiva grandeza do nosso poder, pois há um excesso do nosso poder de fazer sobre o nosso poder de prever e sobre o nosso poder de conceder valor e julgar. Em vista do potencial quase escatológico dos nossos processos técnicos, o próprio desconhecimento das consequências últimas é motivo para uma contenção responsável — a melhor alternativa, à falta da própria sabedoria.

Vale a pena mencionar outro aspecto e justificativa da nova ética da responsabilidade requerida pelo futuro distante: a dúvida quanto à capacidade do governo representativo em dar conta das novas exigências, segundo seus princípios e procedimentos normais. Pois esses princípios e procedimentos permitem que sejam ouvidos apenas os interesses atuais, que fazem valer a sua importância e exigem ser levados em consideração.

Autoridades públicas devem-lhes prestar contas, e essa é a maneira pela qual surge concretamente o respeito aos direitos (à diferença de seu reconhecimento abstrato). Mas o “futuro” não está representado em nenhuma instância; ele não é uma força que possa pesar na balança. Aquilo que não existe não faz nenhum *lobby*, e os não-nascidos são impotentes. Com isso, os que lhes devem prestar contas não têm por ora nenhuma realidade política diante de si no processo de tomada de decisão; quando aqueles puderem reivindicá-la, nós, os responsáveis, não existiremos mais.

Isso recoloca em toda a sua agudeza a velha questão do poder dos sábios ou da força das ideias no corpo político, quando estas não se ligam a interesses egoístas. Que força deve representar o futuro no presente? Essa é uma questão para a filosofia política. Sobre ela, tenho minhas próprias ideias, provavelmente quiméricas e seguramente impopulares. Mas podemos deixá-las para mais tarde. Pois, antes que essa questão de implementação se imponha em termos práticos, a nova ética deve achar a sua teoria, na qual se fundamentem deveres e proibições, em suma, um sistema do “tu deves” e “tu não deves”. Ou seja, antes de se perguntar sobre que poderes representariam ou influenciariam o futuro, devemos nos perguntar sobre qual perspectiva ou qual conhecimento valorativo deve representar o futuro no presente.

**JONAS, Hans. O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma Ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro, Contraponto / PUC-RIO, 2006.p 63**



**COLÉGIO ESTADUAL SÃO CRISTÓVÃO – ENS. FUNDAMENTAL, MÉDIO E PROFISSIONAL**

Rua Paulo Scherner, 380 – Vila Palmira – CEP 83040-140 – São José dos Pinhais – PR  
 Fone: (41) 3382-0654 Fax: (41) 3283-5067 E-mail: [cesaocristovaosjp@gmail.com](mailto:cesaocristovaosjp@gmail.com)  
 Facebook: <https://www.facebook.com/sjpsaocristovao>

Nome: \_\_\_\_\_

Professor Reginaldo Martinatto.

**ATIVIDADE AVALIATIVA DE FILOSOFIA**

Hans Jonas é um filósofo que busca tratar em sua proposta ética sobre aquilo que não foi levado em consideração pelo que ele denomina de “ética tradicional”, que é a responsabilidade do homem para com toda a biosfera e para com as gerações futuras, isso quer dizer que, Jonas quer que nossa ação, e acima de tudo nosso olhar para as ações de políticos e grandes corporações, esteja atento, principalmente para o que essas ações podem trazer de consequência para nosso meio ambiente e para nossos filhos, netos, bisnetos.

Por meio de seus efeitos, ela nos revela que a natureza da ação humana foi modificada de *facto*, e que um objeto de ordem inteiramente nova, nada menos do que a biosfera inteira do planeta, acresceu-se àquilo pelo qual temos de ser responsáveis, pois sobre ela detemos poder. Um objeto de uma magnitude tão impressionante, diante da qual todos os antigos objetos da ação humana parecem minúsculos! A natureza como uma responsabilidade humana é seguramente um *novum* sobre o qual uma nova teoria ética deve ser pensada. (JONAS, 2006, p.39)

Nossa proposta de atividade é que a partir da leitura dos excertos do texto de Hans Jonas trabalhados em sala de aula seja possível realizar uma investigação do cotidiano, na qual cada aluno vai buscar a partir da sua realidade elementos que vão ao encontro com a concepção ética de Jonas. Para isso essa proposta traz mais ideias de Jonas, para contribuir na investigação realizada por cada aluno e aluna, bem como ser uma maneira de aproximar ainda mais os alunos e alunas da concepção ética do filósofo.

O aumento da população, por exemplo, e a ameaça de esgotamento das reservas naturais, atuam como impulsos independentes em relação a ela. Dado que essas alturas ambos são em si mesmos produtos secundários de uma técnica exitosa, podem servir como um bom exemplo para a verdade geral de que, em um grau considerável, a técnica

mesma cria problemas que depois tem que resolver mediante um novo salto adiante. (JONAS, 2013, p. 33)

O risco do “excesso” sempre está presente na circunstância onde o germe congênito do “mal”, isto é, o prejudicial, é coalimentado e levado ao amadurecimento precisamente pelo impulso do “bem”, qual seja, o benéfico. O perigo reside mais no sucesso do que no fracasso – e, no entanto, o sucesso é reivindicado pela pressão das carências humanas. (JONAS, 2013, p. 52)

A técnica moderna tende intimamente a um uso de grandes dimensões e talvez por isso se torne grande demais para o tamanho do palco no qual se desenvolve – a terra – e para o bem dos próprios atores – os seres humanos. (JONAS, 2013, p. 54)

Com o que fazemos aqui e agora, na maioria das vezes pensando em nós mesmos, afetamos maciçamente a vida de milhões, alhures e no futuro, que não foram consultadas a esse respeito. Hipotecamos a vida futura em troca de vantagens e necessidades atuais a curto prazo – e, quanto a isso, na maioria das vezes, em função de necessidades autocriadas. (JONAS, 2013, p. 54)

Portanto, para nós contemporâneos, em decorrência do direito daqueles que virão e cuja existência podemos desde já antecipar, existe um dever como agentes causais, graças ao qual nós assumimos para com eles a responsabilidade por nossos atos cujas dimensões impliquem repercussões de longo prazo. (JONAS, 2006, p. 91-92)

A primeira regra é a de que aos descendentes futuros da espécie humana não seja permitido nenhum modo de ser que contrarie a razão que faz com que a existência de uma humanidade como tal seja exigida. Portanto, o imperativo de que deva existir uma humanidade é o primeiro, enquanto estivermos tratando exclusivamente do homem. (JONAS, 2006, p.94)

## REFERÊNCIAS

JONAS, Hans. O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma Ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro, Contraponto / PUC-RIO, 2006.

\_\_\_\_\_. Técnica, Medicina e Ética. São Paulo, Paulus, 2013.





---

---

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## RELATOS DE INVESTIGAÇÃO COTIDIANA.

### ALUNO 01

Gostaria de abordar o tema: copos descartáveis, em minha pesquisa há documentos de que os primeiros copos descartáveis foram criados na China Imperial no século II a.c, usados para tomar chá. Em 1908 foi criado o copo Dixie Cups, ele era de papel e seu interior continha um pequeno revestimento de cera para evitar o derramamento, a sua criação foi muito importante pois até então as pessoas bebiam em copos comunitários ou em barris de água, onde muitas doenças eram transmitidas. Em 1964 um grupo chamado Price el al criou os copos plásticos, de que não eram chamados assim na época.

Contudo, os copos descartáveis trouxeram uma série de riscos ao meio ambiente, pois não são descartados de forma correta e demoram cerca de 250 a 400 anos para se decompor, quando a maioria das pessoas os utiliza por 15 minutos. No Brasil, são produzidas 100 mil toneladas de copos plásticos por ano, desperdiçando sua matéria-prima, o petróleo, o que não é um bem infinito.

Diante disso foram criados os copos reutilizáveis, a Fernanda Cortez do canal “menos 1 lixo” economizou 1618 copos plásticos em 1 ano, ao utilizar um copo reutilizável feito de silicone no corpo e de polipropileno na tampa, este pode ser levado para qualquer lugar, já que ele encolhe e pode ser colocado na bolsa ou na mochila, desperdiçando menos copos plásticos.

O copo plástico foi inventado para beneficiar as pessoas, mas ele não foi projetado para o bem das futuras gerações, como o filósofo Hans Jonas argumentou “com o que fazemos aqui e agora, na maioria das vezes pensando em nós mesmos, afetamos maciçamente a vida de milhões, alhures e no futuro, que não foram consultados a esse respeito. [...]”, assim todos os dias toneladas de lixo são produzidos, prejudicando o planeta e as pessoas que nele vivem. O homem investe tempo e recursos em coisas passageiras, não dando à devida importância as coisas mais importantes, é mais cômodo se acostumar a isso do que fazer algo a respeito, contudo se mudarmos pequenos hábitos em nosso cotidiano estaríamos fazendo um futuro melhor para nós e para nosso planeta.

Realizei uma investigação prática ao tirar fotos de copos plásticos no chão, um bom exemplo de que estes não foram descartados de maneira correta, o que vem acontecendo com cada vez mais frequência.

E uma investigação teórica ao pesquisar a respeito no google, à toda essa atividade durou cerca de quatro horas.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim; pois por meio dela tomei consciência de minhas ações ao utilizar copos descartáveis, e de que mesmo descartando-os no lugar correto estou prejudicando o meio ambiente e as futuras gerações. Entendo que para qualquer coisa temos que ter responsabilidade, e refletir sobre os pontos positivos e negativos à longo prazo, e o que é pior quando obtemos sucesso, como Jonas argumentou, “O perigo reside mais no sucesso do que no fracasso [...]” pois o homem geralmente não reflete sobre os possíveis prejuízos mas sim nos lados positivos, quando o ideal é pensar à respeito de ambos.

**ALUNO 02**

Em meu processo de investigação, eu observei muitas coisas, mas de início eu não via um impacto futuro nessas coisas em que eu observava.

Procurando algo que aparentava ter uma grande relevância futuramente, tentei encontrar em minha casa por volta de quatro dias. No meio dessa incansável procura, vasculhando em meu quarto eu finalmente encontrei algo que aparentava ter um pouco de impacto negativo futuramente, o objeto chamado pilha. Essa pilha em questão estava no fundo de minha estante, como se estivesse abandonada, e que não iria ser utilizada durante muito tempo. Fiz uma pequena reflexão sobre ela: observei que se eu não tivesse achado, quem iria? Talvez ela ficaria ali até se deteriorar? Não sei, mas durante essa pequena reflexão, eu tive uma visão do impacto que ela e todas as outras pilhas teriam no futuro, pois como a maioria das pessoas sabem, essas pilhas são compostos por metais altamente tóxicos ao meio ambiente, e o fator agravante é que estes elementos podem ficar retidos no ambiente

durante milhares de anos. Depois dessa pequena análise vi que ela não funcionava, pois testei em um pequeno controle de televisão, e aí surgiu outro problema: o descarte excessivo deste material. O descarte é necessário claro, pois ela não vai mais ser utilizada para nada. Dei uma leve pesquisada sobre o assunto do descarte, e vi que no Brasil esse tipo de material é jogado de qualquer jeito, em lixões ao ar livre contaminando o solo, e quando são descartados em aterros sanitários acabam contaminando lençóis freáticos e cursos d'água, estendendo a contaminação para a fauna e flora das regiões próximas. Isso é realmente algo de extrema importância e que não levamos a sério, assim como diversos assuntos ambientais e corretos.

Depois dessas reflexões e pesquisas sobre o assunto, tentei imaginar o que a pilha poderia causar nas gerações futuras: Com certeza existiria amontoados de lixo tóxico contaminando áreas ambientais existentes, que resultaria no retrocesso biológico dos humanos e do mundo em que vivemos.

Eu tenho quase certeza quando alguém descarta uma dessas pilhas em um lixo comum, ela não deve imaginar quais serão as consequências futuras, e mesmo que a pessoa soubesse, ela continuaria não se importando com as gerações futuras e jogaria essas pilhas em lixos comuns sem ter peso na consciência, e isso se deve ao fato de que as gerações futuras ainda não nasceram, logo, não poderão cobrar nada dessa pessoa.

Esse tema sobre as pilhas possui em tese, a mesma ética abordada por Hans Jonas é a utilização da técnica pelas pessoas, que acaba comprometendo negativamente as gerações futuras de diversas maneiras possíveis.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, realizar este trabalho com a realidade abriu a minha mente para conteúdos nunca antes vistos, fazendo com que eu me envolvesse nesse assunto e procurasse saber mais, realizando pesquisas e observações do nosso meio convivente. A responsabilidade de Hans Jonas mostrou como é significativo ter noção de seus atos para que possamos impedir que coisas ruins aconteçam com gerações futuras. A técnica, mesmo sendo utilizada, para Jonas ela é algo que pode atrapalhar o desenvolvimento das futuras gerações por conta de diversos fatores. A maneira em que Hans Jonas emprega este

termo de responsabilidade é transmitido de maneira simples, eu mesmo consegui anexar diversos pensamentos concludentes com essa ideia de Jonas, pois em nossa atualidade, podemos processar muitas informações de maneira muito rápida, fazer uma analogia não é muito difícil.

### **ALUNA 03**

Minha investigação começou quando percebi que a filosofia de Hans Jonas onde ele diz que nós quem somos responsáveis pelas próximas gerações, e que devemos zelar o nosso meio ambiente, e depois disso, vi que o lugar onde moro e parentes próximos há muito desperdício de água potável, como lavagem de carro, lavagem de calçada, etc.

A água possui um enorme valor econômico, ambiental e social, fundamental a sobrevivência do homem e dos ecossistemas no nosso planeta, a água é fundamental porque é um recurso natural único, escasso e essencial a vida de todos os seres vivos.

Para realizar a formação desse relato, levei cerca de cinco a sete dias nos meus horários livres, pesquisei muito sobre a filosofia de Hans Jonas e ele defende a tese de que os mandamentos da ética tradicional, embora ainda válidos são insuficientes para compreender o agir do homem. Os mandamentos da ética tradicional estão direcionados ao agir do próximo, as relações imediatas dos cidadãos, sem preocupação com o futuro da vida humana e extra-humana.

De certa forma nós, os responsáveis pela geração futura, temos todo o poder de colocar em risco, toda a continuidade futura do planeta.

A ciência moderna causou inúmeras transformações e por meio dela o homem passou a ter poderes onipotentes e desmedidos. Para Jonas eles devem ser limitados por meio de novos imperativos e Jonas cita “Age de tal maneira que os efeitos de tua ação não comprometam ou coloquem em risco a possibilidade de continuidade da vida futura”, “Não comprometas as condições de continuidade indefinida da humanidade sobre a terra.”

A ética está na esfera do nosso poder cuja exigência está no nosso ser. Nosso poder querer revestido da moralidade, necessita estar atento as

conquistas tecnológicas para que não sejam utilizadas contra o fim último da natureza ou do bem substancial que é a vida.

Nós somos responsáveis por tudo e por todos, e não somente com a ação passada como tenciona o positivismo jurídico. É importante considerar que em nossa vida, a educação nos abre a possibilidade de superarmos a condição de objetos de responsabilidade para sujeitos dela.

Todos nós precisamos parar de sermos egoístas e pensar nas próximas gerações, com todo esse desperdício de água teríamos apenas 1.600 água potável para todos os seres vivos, mas antes mesmo de 1.600 anos, haveria muitos países com falta de água, e atualmente os países com mais chances de ter água potável por mais tempo, seria o Brasil, por termos aquíferos subterrâneos de maior importância, que é chamado de Aquífero Guarani, considerado a maior reserva de água doce do planeta.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, minha realidade condiz com o pensamento filosófico de Hans Jonas. Várias pessoas ao meu redor não se importam tanto com o desperdício de água potável e como seria o mundo para as gerações futuras.

#### **ALUNO 04**

A investigação que fiz sobre um fato do meu cotidiano, são sobre obras não concluídas, a rua da minha é uma que venho citar, aonde começou a ser construída uma trincheira em 2014 e agora, em pleno 2018, nada ainda, daí vem a seguinte pergunta: Até quando vai ficar assim esta obra? Será que os meus filhos vão ver a rua da casa dos avós deles assim?

Esta trincheira não sabemos o porquê que fizeram o projeto dela bem na rua da casa, nossos vizinhos lutaram para que fosse uma rua sem saída mais simplesmente os grandes da prefeitura não nos escutaram. Comércio fecharam, igreja demolida pois foi afetada a estrutura, aí paro para pensar os grandes prefeitos juntamente dos outros grandes não deveriam muitas vezes ver qual realmente a necessidade do povo. Nossos vizinhos lutaram para que nossa rua fosse uma rua sem saída, mas não deram ouvidos. Quando chove

vira uma poça de água gigante aonde havia a obra sem contar que muitas pessoas vão e ainda fazem questão de ir jogar lixo na rua.

Até quando? Não sei quando vai ser concretizada a obra mais muitos sabemos que vai demorar.

A obra em que me referi é uma trincheira que está sendo construída na rua de casa, mais como relate faz tempo de obra. Não as grades de proteção nas muretas o lado mais alto tem cerca de 4 m de altura, e aonde deveria haver uma calçada a grandes pedras aonde qualquer pessoa pode se machucar. Temos cerca de 2 metros a 2,5 metros de distância do muro da casa com o da trincheira. Melhor dizendo temos mais gastos pois temos que aumentar o portão de casa e não podemos ter mais carros tão grande como sedans, peruas, pick-up. Sem contar a má iluminação em determinadas partes, e os entulhos que os vizinhos jogam lá. Se a prefeitura fosse pelo menos para tirar os entulhos para usar o grande espaço para estacionarmos os carros, treinar a direção (como muitos faziam) e o espaço para jogar bola e diversão de muitos, mas nem isso fazem questão.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim pois esta obra me faz parar analisar como vai ser para meus filhos no futuro, se esta obra vai ou não ser concretizada, se os defeitos como falta de iluminação e sinalização já tentamos arrumar pois havia uma parte aonde os carros passavam que estava deslizando e eu e ele arrumamos este problema mas sem a preocupação de muitos o que eu e meu tio fizemos para ajudar nossos vizinhos não a mais nada.

## **ALUNA 05**

Pensando sobre a ética de Jonas, decidi observar o desmatamento de um campo perto da chácara dos meus pais, como eles moram aqui já faz um tempo, perguntei como aquele campo era antigamente, eles responderam que era um lugar muito bonito, com várias árvores, vários tipos de pássaros e até com um rio onde eles costumavam pescar, responderam também que chegaram homens para derrubar uma parcela de árvores, pois iriam construir

uma casa para os donos do terreno. Hoje quando passamos por lá, vimos que quase não havia mais árvores naquele lugar e no rio quase não havia mais peixes a água estava muito suja e a maioria dos pássaros não estavam mais lá, meu processo de investigação durou 3 dias, e com tudo isso eu vejo como nós devemos valorizar e cuidar do que temos agora, pois amanhã poderá não estar mais lá.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, pois observando as coisas ao nosso redor, vemos mudanças, muitas vezes prejudiciais principalmente ao meio ambiente, criamos a consciência de que nossos atos causam um impacto muito forte e assim repensamos e criamos responsabilidade.

**ALUNO 06**

Nas investigações e pesquisas feitas por mim, procurei por algo que fosse muito inovador, e que nos trazem benefícios pelo menos para minha geração, mas que pode trazer vários problemas para as gerações futuras, que serão, os meus filhos, netos e assim por diante.

Nessas minhas pesquisas, me deparei com o carro elétrico, que não emite gases prejudiciais ao meio ambiente e se quer faz um barulho considerável, então decidi ir atrás de mais informações sobre ele.

Já existem diversas montadoras que fabricam esses carros, uma dessas me chamou a atenção foi a Tesla, que fabrica somente veículos elétricos; é surreal ver quanta tecnologia tem nesses carros, podendo até mesmo controlar diversas funções, como: altura da suspensão, teto solar, som e várias outras, tudo pela tela que o carro possui, de 15 polegadas. Além disso a marca também fabrica caminhões.

Aí começam os problemas; um carro desse aqui no Brasil custa quase 1 milhão de reais e o mais “barato”, que é de outra marca, custa 150 mil reais. Outro problema é que esses carros usam baterias que duram em média 10 anos.



Certamente quando o número desses carros aumentarem nas ruas de nosso país e no mundo, as baterias não serão descartadas ou recicladas de forma correta. Outros 2 problemas são encontrados: a possível escassez de metais utilizados na bateria, e a fonte de onde vêm essa energia, em sua maioria sua maioria pouco ecológica. Essa energia na maior parte do mundo é gerada através de combustíveis fósseis, ex: carvão, gás natural e óleo pesado. Os outros tipos de energia, como a nuclear, eólica e solar, poluem menos, porém o seu custo pode ser até dez vezes maior.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Contribuiu, pois me fez ver as invenções e tecnologias de outra forma com outra visão, bem mais crítica do que antes, analisando os problemas que podem surgir quando eu estiver velho, ou até antes, um exemplo disso são os smartphones: Hoje em dia crianças já nascem grudadas no celular, isso irá atrapalhar o convívio entre todos, na verdade já está atrapalhando, nas ruas é impossível não ver uma pessoa andando com um celular na mão. Não há mais diálogo entre pais e filhos, dentro da própria casa, quando surgiu o celular não se imaginava esses problemas.

## **ALUNA 07**

Para realizar esse trabalho levei um tempo para decidir em qual dos problemas focar, e parei para analisar o bairro onde moro, faz mais de 10 anos que venho observando a mudança ambiental no bairro, quando nos mudamos morar lá tinha apenas a nossa casa, e hoje é um bairro grande, com várias moradias, dentre essas os apartamentos, que vieram para acomodar muita gente em um pequeno espaço de terra. Vejo que para o surgimento dessas casas gerou um desmatamento bem grande no bairro, a prefeitura notando isso seguiu um lote grande de mata, o que agora se transformou em uma praça. O desmatamento não vem acontecendo só no meu bairro e também não é de hoje, começou há muito tempo atrás desde que os portugueses chegaram ao Brasil em 1500 para exploração de uma espécie de árvore o pau-brasil, que hoje está em extinção em nosso país. Em 2012 saiu uma matéria do

desmatamento no Ceará para a construção de moradias, e isso chamou a atenção de ambientalistas, o desmatamento equivale a uma área de 53 hectares.

Em 18 de junho de 2012 o IBGE traçou o retrato do desmatamento no Brasil, os indicadores revelam que apenas 12% da área original da mata Atlântica, que é o bioma mais devastado de todo o país.

A área devastada equivale a 88% da área original. Esses dados estão desatualizados pois são de 2012. O desmatamento é um dos graves problemas ambientais da atualidade, pois além de devastar as florestas e recursos naturais, compromete também o equilíbrio do planeta, incluindo o ecossistema, afetando também a economia e a sociedade. As causas do desmatamento não são só por conta de moradia, mas também pela expansão agropecuária, atividade mineradora, aumento de queimadas, e na maioria das vezes o crescimento urbano. E tudo isso gera consequências como, a perda da biodiversidade com a destruição de florestas, a erosão do solo o solo fica desprotegido com grande chance de ao antes erosivos, a extinção dos rios, os efeitos climáticos, já podemos observar hoje isso.

O desmatamento afeta nosso oxigênio. O que hoje é solução, pode ser um grande problema no futuro, se hoje já está difícil de se viver, como estará daqui uns anos? Talvez não se tenha como viver bem.

Relacionando com Hans Jonas os apartamentos estão sendo algo bom hoje, porque acomoda várias pessoas, mas gera o desmatamento e não se sabe se as gerações futuras poderão usufruir disso.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Posso dizer que minha responsabilidade cotidiana deixa a desejar a respeito a água, pois as vezes demoro no banho, fazendo desperdício de água, com a filosofia de Jonas pude observar meu erro e refletir sobre esse meu ato, que refletirá no futuro para as próximas gerações.

**ALUNO 08**

As vezes ficamos tão perdidos na emoção de desenvolvimento e utilização de novas tecnologias que não examinamos cuidadosamente seu efeito sobre o mundo que nos rodeia.

Muitas das tecnologias que usamos todos os dias, consumir muito mais recursos e poder do que eles precisam e usando e fabricá-los pode criar uma confusão.

Algumas das maneiras que a tecnologia pode prejudicar o meio ambiente sempre foram a poluição sonora que pode ser causada por produção e utilização de tecnologia, consumindo recursos, recurso não renováveis, resíduos perturbando a ecologia, perigos para a saúde. Quase todo ser humano tem acesso a tecnologias como automóveis, eletrodomésticos, internet, smartphones e etc.

Todas essas coisas relacionadas ao modo de Hans Jonas pensar, pois são modos de como as nossas ações agora podem influenciar o futuro do nosso planeta e de quem viverá nele.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, eu entendi que mesmo não admitindo o ser humano não pensa nos futuros daqueles que ainda virão para esse mundo, tive tempo para pensar como seria o planeta daqui alguns séculos, na minha visão era um lugar bonito, legal e tecnológico, mas depois de ter parado e observado as coisas em minha volta mudei de pensamento e repensei o planeta onde o futuro vai existir, isso se ele existir...

#### **ALUNA 09**

Eu aluna (mencionou seu nome), ao passar caminhando por uma comunidade no dia 23 de novembro de 2018, pude observar uma imagem clara e literal da falta de saneamento básico, sendo assim, um esgoto a céu aberto saindo de várias casas, além de muito lixo jogado que escorrem dia e noite, chegando a desaguar em rios próximos, que como consequência além de tornar as águas dos rios totalmente insalubre para o consumo humano de

imediatos, como por exemplo: tomar banho, saciar a sede de animais, entre outros, isso dando exemplos a curto prazo.

Logo nos remetemos à pensar num médio e longo prazo, que por consequência nada impedirá que não havendo intervenção humana de limpeza, canalização e limpeza dos esgotos, certamente teremos e veremos a morte de animais aquáticos, afetando até mesmo a cadeia alimentar, que por sua vez se farta de diversos frutos do mar, como peixes entre outros.

Devo salientar que ao me depara com essas imagens e fatos relatados até mesmo pelos moradores envolta daquelas águas e esgotos, terminei por passar uma longa tarde na investigação de toda aquela poluição e consequências.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, pois com meu cotidiano me fez perceber o quão importante é a conscientização do futuro do nosso meio ambiente.

Levando em conta disso, percebi que toda ação do presente terá o impacto sendo ele negativo ou positivo, neste caso, negativo.

Um exemplo da realidade é que muitos pensam assim “Ah! Um papelzinho de bala não vai dar em nada” e assim, todos pensando dessa maneira e não se conscientizando que afeta tanto nosso presente quanto o futuro.

## **ALUNO 10**

Foram vários os problemas encontrados por mim na região onde moro. Segundo Hans Jonas as pessoas estão tomando atitudes que melhoram a forma de viver da sociedade, porém sem olhar para a consequência que isso traz, muitas vezes a nossa forma de vida facilitada causa inúmeros problemas para nossa natureza, para os animais e nós não ficamos fora dela, pois estamos tornando o lugar onde vivemos talvez inabitável para algumas gerações futuras e é sobre isso que irei falar, sobre como os nossos hábitos estão prejudicando o lugar que será habitado pelos filhos dos filhos de MUITOS.(ALUNO 10)

Como Jonas já disse o perigo reside mais no sucesso do que no fracasso, ou seja, são nossas facilidades que irão prejudicar as próximas gerações. No meu bairro por exemplo uma família tem em média dois carros, agora pegamos o número de pessoas que ainda não tiraram a habilitação mostra que o número de veículos tende a crescer mais e mais, esses veículos soltam gases poluentes na atmosfera aumentando e agravando o efeito estufa o que faz que furacões, tsunamis e o aumento da temperatura sejam consequências cada vez mais frequentes em todo o mundo. O mundo já tem mais de 1.2 bilhões de veículos. Já são em torno de sete pessoas para cada carro nesse mundo. Automóveis, comerciais leves e veículos pesados já somam 1,25 bilhão em todo o mundo.

E detalhe esse número exclui tratores, máquinas de obras, motocicletas e outros veículos de uso industrial. Ou seja, pessoas continuam se multiplicando, conseqüentemente o número de veículos também irá aumentar. O veículo foi uma invenção de um benefício sem tamanho, podemos chegar a um lugar, que levaria horas caminhando, em poucos minutos e ainda confortavelmente, mas só agora que nos demos conta que um dos maiores avanços tecnológicos de todos os tempos também pode ser o que nos levará a extinção. Estou exagerando? Não! Se apenas mais alguns graus se elevarem na terra calotas polares derreterão, o nível do mar irá aumentar e muitas cidades e praias irão deixar de existir, criando mais aglomerados de pessoas, então quando um furacão atingir um continente por exemplo as chances de mais pessoas morrerem aumentam. Vários rios perto do meu bairro são alvos para moradores locais jogarem lixo e por sua vez acaba matando peixes e animais locais, o desmatamento para a construção de edifícios também é muito comum.

O homem precisa se dar conta de que se ele não cuidar do seu único planeta a raça humana estará comprometida.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, devemos sempre pensar nas gerações futuras para darmos a eles os mesmos direitos que nós temos de um planeta saudável.

**ALUNA 11**

O meu análise cotidiano começou quando percebi que meu pai não separava o lixo reciclável do orgânico, o que deixou espantada e muito indignada foi a forma dele falar “O lixo vai tudo para o mesmo lugar, não precisa separar”. (aluna 11)

Ao analisarmos e estudarmos a filosofia de Hans Jonas percebi e tive a percepção de enxergar um tema que está no nosso dia a dia para analisar e compreender sobre o assunto.

Então perguntei aos meus parentes quantos deles praticavam a separação do lixo reciclável e o resultado me surpreendeu muito, o número total de familiares que separam o lixo não chegou nem a metade da quantidade de pessoas.

Comparando a análise que fiz com a filosofia de Jonas, vemos que as pessoas não têm uma responsabilidade com questões que envolvem o meio ambiente e o próprio cotidiano delas, e não se preocupam com o futuro de seus filhos, netos, bisnetos e até mesmo com o futuro de pessoas que não fazem parte da sua família.

Outro lugar que analisei sobre a separação do lixo reciclável foi o colégio, mesmo com as lixeiras de separação os alunos jogam em qualquer lixeira, misturando e sem preocupação com o que vai acontecer com esse lixo.

Quando o lixo reciclável não recebe o tratamento correto e não são encaminhados para a reciclagem, demoram décadas e até mesmo séculos para se decompor. O acúmulo dessas substâncias no meio ambiente causa poluição degradação ambiental e prejudica o ecossistema terrestre, por isso a importância da reciclagem.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, a realidade em que estamos se assemelha com o fato das gerações passadas e até mesmo a geração atual se utilizarem de recursos naturais que são cedidos pelo meio ambiente sem pensar no futuro de seus sucessores e no prejuízo que podem causar. (ALUNA 11)

## ALUNO 12

Minha investigação foi sobre o uso dos carros pelas pessoas no dia de hoje.

O carro teve e tem um impacto e um importância muito grande no mundo, a invenção do carro facilitou muito o transporte de pessoas e de cargas, as viagens e transportações que antigamente eram feitas principalmente por navios e trem, com a chegada do carro isso já mudou bastante, pois viagens seriam mais rápidas com o carro e mais tarde os transportes também. Mas com isso a natureza já foi afetada pois os desmatamentos aumentaram, pois, os carros necessitam de estradas para circularem.

Com o avanço da tecnologia dos carros suas funções foram aumentando tendo a criação de caminhões entre outros e com isso a poluição foi aumentando cada vez mais e muitas zonas de matas já nem existiam mais. E com o passar dos anos o carro virou algo popular então muitas pessoas passaram a ter, até chegarmos aos dias de hoje que praticamente todas as pessoas tem um carro no mínimo, passei por casas e a maioria tinham pelo menos dois carros na garagem, sendo que muitas famílias não passam de quatro integrantes, sendo que os carros cabem até cinco pessoas, e minha casa está entre essas também, pois moramos em três pessoas e temos dois carros.

E com esse consumo exagerado de carro já vivenciamos as consequências das poluições que eles causam, a abertura de camada de ozônio ocorrendo assim os desequilíbrios climáticos, no Brasil mesmo já não temos as estações do ano certas, no verão faz frio, no inverno faz calor, na primavera chove, e tudo isso é causado pela poluição que grande parte é causada pelos carros.

Consequência do exagerado consumo do carro são os congestionamentos nas ruas, estradas, avenidas e rodovias, e com isso a função de rápida locomoção do carro acabam diminuindo porque com tantos carros não existem estradas o suficiente para todos transitar livremente. Na minha investigação tirei algumas fotos na avenida do bairro, a avenida Rui Barbosa, e vi que em poucos metros quadrados existiam muitos carros

estacionados e o fluxo de carro muito grande também, também tirei fotos na redondeza da minha casa, e muitos carros estacionados em poucos metros quadrados tinham também.

Além de prejudicar o meio ambiente, o consumo exagerado de carros prejudica a saúde também, pois as pessoas já não caminham nem usam de bicicleta porque tem carro pra tudo isso, então acabam tendo doenças como obesidade e problemas nas articulações.

E foram essas as observações que tive na minha investigação.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, porque notei em meu cotidiano o quanto o ser humano é realmente egoísta, ele busca conhecimento em tudo sem pensar nas consequências, ele pensa no seu bem estar sem se importar com o prejuízo que ele pode dar a outros e a natureza, sendo que ele mesmo vai pagar por isso e vai fazer com que a humanidade toda pague por isso.

Na minha investigação claramente notada essa irresponsabilidade que temos, pois presenciei muitas ações que vamos pagar por isso, como derramamento de óleo de motor em plantas e não só na parte dos carros, mas sim na produção de lixo que as pessoas tem, e acabam jogando esses lixos nas ruas, fazendo com que quando chova, entope os ralos e pagamos com as enchentes.

### **ALUNO 13**

Segundo algumas pesquisas o número de empresas exportadoras em Curitiba e Região Metropolitana cresceu 16,4% entre 2010 e 2016, segundo levantamentos do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES).

Muito se fala a respeito da poluição do ar e seus riscos à saúde humana, onde muitas vezes, ficamos expostos a uma grande quantidade de fumaça. Pelo longo tempo exposto a essa fumaça ocasionam algumas doenças como o câncer.



Existem 2 chamados para essa poluição ir doméstica de poluição exterior. Nesse caso os maiores responsáveis são os meios de transportes, como carros e ônibus, as fabricas e usinas na tal chamada poluição exterior que é a que devemos, vemos nas grandes cidades.

Neste contexto devemos lembrar das queimadas, que independentemente da causa nos traz consequências negativas. As queimadas liberam gases tóxicos, que eliminam micro-organismos necessários para a fertilização do solo e destroem a vegetação local, desequilibrando o ecossistema e contribuindo para o aumento do efeito estufa.

Uma degradação ambiental pode ser resultado de ações do homem, onde a poluição novamente se torna de responsabilidade do homem. É importante que o homem compreenda o poder que tem, pois é preciso evitar novas consequências que num dia de um futuro nem tão distante pode causar o fim da possibilidade de vida na Terra.

De acordo com a ética de Jonas e o assunto abordado posso dizer que os dois assuntos se completam pois como Jonas diz: o intervir do homem enquanto espécie, além do intervir no meio ambiente.

Essa pesquisa e processo de investigação durou cerca de 3 dias, feito no caminho do trabalho e manuscrito em minha própria casa, juntamente com pesquisas.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Não respondeu.

#### **ALUNO 14**

O consumo excessivo de água em nosso planeta hoje nos causa a escassez em muitos lugares pelo mundo, onde pessoas pagam muito caro ou nem tem água potável para fazer suas necessidades básicas que toda pessoa tem que fazer. Pensando nisso muitas pessoas já tomaram algumas decisões como menos tempo de banho, desligar a torneira enquanto escova os dentes etc. Se isso já nos atinge pense as futuras gerações que estão por vir, filhos, netos, bisnetos etc., será que eles vão ter água suficiente para todo o nosso

planeta, a água é uma coisa que todos precisamos diariamente, sem água o mundo vai entrar em um caos em que muitas pessoas vão morrer pela luta por tanto que seja de água.

Nós temos de aprender a dar valor e cuidar daquilo que nós temos e não pensar somente em nossas gerações, mas sim de todas as pessoas que vivem em nosso planeta. Pequenas ações geram grandes causas que vão ser para o nosso bem que pequena que seja a nossa ação se todos fizerem o pouco que seja podemos ajudar o mundo nessa luta contra a escassez de água.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, pois tudo o que ele falou me ajudou a entender que tudo o que eu fizer vai ter uma causa no futuro, não para nós, mas para as futuras gerações.

## **ALUNO 15**

Fiquei um tempo pensando e analisando cada local pelo qual passo em meu trajeto de casa ao colégio. Não é difícil achar problemas, pois na maioria dos locais percebi a presença de lixo poluindo o local, o desperdício de água, etc. Mas tais problemas já acontecem na sociedade há muito tempo e também já apresentam suas consequências. Esta tentativa de análise durou quatro dias.

Eu sempre morei no mesmo bairro (Iná, Afonso Pena), e ao longo que meu ônibus seu caminho por ele, me atentei as mudanças que ocorreram ao longo dos anos. Nesta análise constatei a presença de muitos conjuntos de apartamentos que surgiram. Muitos foram construídos em terrenos onde apenas havia plantas e nada mais. É como se tentassem fazer com que São José dos Pinhais crescesse “verticalmente”, pois não é mais possível expandir a área da cidade.

Há ainda muitos enormes terrenos que estão sendo preparados para receber apartamentos.

Dentre todos os terrenos que analisei e também das obras já construídas uma me chamou a atenção. Está se localiza na Rua Anelise Gellert

Krigsner, em esquina com a Avenida Rui Barbosa, no bairro Afonso Pena. É um condomínio que começou sua construção há quatro anos atrás e acompanhei essa construção até a finalização, e este período foi de um ano. Mas este condomínio, depois de finalizado, não apresentava e nunca apresentou nenhum morador, por mais que alguns já haviam pago.

Então comecei minha investigação sobre estes apartamentos, pesquisei sobre na internet e descobri que esta obra foi paralisada por apresentar algumas irregularidades, e esta foi denunciada pelo Ministério Público. Os prédios possuem 6 andares e a obra completa abriga 624 apartamentos. O local onde foi construído é área de Preservação Permanente e Proteção Ambiental, local de manancial.

Nos últimos anos o crescimento imobiliário da cidade parou de se importar com a importância da preservação ambiental.

Hans Jonas diz que o princípio responsabilidade é antes do homem construir suas técnicas deve-se preocupar com o meio ambiente e com as gerações futuras que vão estar inseridos nesse meio.

Os prédios foram construídos em local de manancial, importante na absorção de chuvas por serem zonas húmidas e alagadiças. Sabemos que os problemas causados por danos ambientais são irreparáveis. A natureza é um bem natural finito.

O que preocupa são as novas obras que estão surgindo, pois podem estar sendo construídas em locais como estes. Estes locais são importantíssimos no equilíbrio de abastecimento de água, se estes forem danificados será tarde demais para a natureza e as gerações futuras não poderão desfrutar dos benefícios que tais traziam.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, pois em minha realidade vivo consequências de falta de responsabilidade de gerações passadas, e infelizmente percebo que também não agimos com responsabilidade atualmente, desta forma, com o meu cotidiano, foi mais fácil compreender a filosofia de Jonas.

Usei como auxílio para essa pesquisa a ética ambiental de Hans Jonas: A necessidade do princípio responsabilidade para a civilização tecnológica.

“O filósofo crítico a técnica moderna a qual é uma ameaça à biodiversidade”

Pois bem, com essa frase eu tive uma base para fazer o meu trabalho buscando também ajuda do meu pai.

Meu pai como sempre contou histórias da infância dele, ele relatou para mim que o nosso bairro tinha muito campo árvores onde ele ia jogar bola, e com o tempo o homem tomou conta destruindo e construindo empresas, barracão, estacionamento entre outros, sobrando só um pouco de mata verde, o único campo que eu conheço é do aeroporto.

Meu bairro recebeu o nome de Águas Belas, pois existia um rio de água cristalina onde nadavam e pescavam, e hoje esse rio recebeu o nome de rio Ressaca onde esse rio hoje em dia é poluído.

Acredito que o ser humano não pensa na geração futura, pois eles desmatam grande parte da nossa mata sem pensar no problema que isso pode causar, o aquecimento global é um grande exemplo.

Hans Jonas diz que “a violação da natureza e a civilização do homem caminha de mãos dadas”, esse caminho do desenvolvimento até os dias de hoje, a natureza vem perdendo seu espaço fazendo com que muitos animais fiquem sem casa ou até mesmo venha a falecer, precisamos cuidar desse tesouro que temos em nossas mãos para que futuramente a geração que vai vir não sofra por nossa culpa.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, pois com a ideia de Hans Jonas vemos que aos poucos o ser humano vai acabando com o que praticamente resta do nosso planeta, sem ao menos pensar sobre o que isso pode causar, e isso acontece no nosso dia a dia.

Após ler a ética de Hans Jonas, onde o filósofo inicia uma nova perspectiva quanto aos seres futuros exigirem eticamente comprometimento daqueles que os gerarão mesmo que ainda não tenham sido gerados.

“O risco do “excesso” sempre está presente na circunstância onde o germe congênito do mal”, após ler essa frase de Hans Jonas, fez com que eu pensasse sobre a alimentação do ser onde não há cuidado com a saúde.

Observa-se que uma má alimentação há o sedentarismo e esse combo acaba gerando a obesidade, e outras doenças como: colesterol, gastrite, diabetes e a hipertensão. Essas doenças podem ser passadas geneticamente, causando problemas aos seres futuros, ao analisar o ser, verifica-se que a um incentivo pelas indústrias alimentícias e pela televisão, as pessoas acabaram trocando o famoso e nutritivo arroz com feijão pelos fast food e comidas congeladas. Com a vida dinâmica, falta de tempo e a fácil automação, fez com que a prática de exercícios seja deixada de lado, fazendo com que ocorra grandes problemas de saúde na humanidade.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, pois Hans Jonas fala sobre as gerações futuras, para que as do presente tenham uma responsabilidade para que não afetem as gerações que não tenham sido geradas.

## **ALUNO 18**

Bom meu nome é aluno (mencionou seu nome), tenho 16 anos, moro na cidade de São José dos Pinhais, este trabalho é sobre meu cotidiano, e parando para pensar nas minhas atitudes e na minha falta de atenção e cuidado com o meu lar, que nada mais é a terra, o planeta.

Terra, nosso planeta cada vez mais é poluído, ou pelo lado pior se acabando. São várias atitudes ou meio que fazemos, alguns exemplos são a poluição que o automóvel causa, no caso do carro, caminhão, moto, etc. Também tem de jogar lixo nos lugares errados ou inapropriados, jogar lixo

plástico no lugar de metal, que podem interferir na queima ou em outro processo.

Parando para pensar no que eu fazia de errado, em atitudes que prejudicaram gerações futuras e com a ajuda de exemplos me clareou tudo. Uma das coisas é que eu acabo jogando lixo na rua, por querer, sem querer, e as vezes por influência de amigos ou parentes, eu joga papel, papel de bala, pacotes de picolé etc. Às vezes, mas mais quando eu era menor, eu gostava de jogar pilhas nas paredes, mas já parei, gostava de estragar as pilhas e depois descartar em lixo comum, na maioria das vezes acabo desperdiçando água, e uma das coisas que estamos tendo certeza é que no futuro irá faltar água potável, ou seja, desperdiçar água só está acelerando este processo. Muitas das vezes pequenas atitudes bastam para mudar o mundo como tomar banhos mais curtos, ou escovar os dentes desligando a água, as vezes andar de bicicleta ou a pé mesmo.

Bom essa foram algumas das minhas atitudes que podem prejudicar pessoas, quero agradecer ao professor que me deu essa chance e apostou não só em mim, mas na minha sala em geral, obrigado.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, pois me ajudou a ter uma preocupação a mais com a minha terra.

## **ALUNO 19**

Nas investigações propostas pela atividade a maior parte delas se não todas, forma feitas dentro de casa, e o tempo usado para a atividade foi pouco, e não foram muitas investigações, mas das poucas feitas algumas foram proveitosas e acredito que se identificam com o pensamento do filósofo.

O primeiro problema que pensei e que envolvi o pensamento de Hans Jonas, foi sobre as fábricas e as indústrias, as tecnologias usadas nesses lugares são muito poluentes, e descobri através de pesquisas que está fábricas/indústrias se utilizam de um grande consumo de água, um recurso limitado. Esta poluição afeta também regiões próximas que contém flora fauna, além de interferir no meio ambiente.

Estas indústrias visam a velocidade de produção e o lucro. Além da própria poluição feita por elas mesmas, algumas fabricam produtos que contribuem para essa poluição, como as que fabricam carros. Estas ações pedem influenciar o futuro da raça humana. (ALUNO 19)

Outro problema observado com ajuda, mas que está presente no cotidiano foi sobre o descarte de aparelhos eletrônicos, como celulares, computadores, televisores e outros. Esses aparelhos acabam virando lixo que só contribui mais e mais para a poluição do meio ambiente e o fim mais acelerado da raça humana.

Das duas ideias abordadas a que se refere ao descarte de eletrônicos é a que eu vejo mais em minha volta. Mas acredito que as duas de alguma maneira se encaixam na filosofia de Hans Jonas.

As duas ideias têm como objetivo o lucro, seja por fabricações de carros, aparelhos eletrônicos e outros. Estas coisas são muito importantes nos dias atuais, tanto para a locomoção, comunicação, lazer e facilidade.

Mas quando se começa a usar com irresponsabilidade, sem pensar no futuro e na geração futura, se trata de egoísmo.

As nossas ações presentes afetam o futuro, precisamos nos importar com a raça humana para conservá-la.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Não respondeu

## **ALUNO 20**

Hans Jonas busca tratar sua proposta ética, que devemos olhar para aquelas tecnologias ou coisas que são muito beneficiárias (positivas), mas que podem trazer de consequências negativas para nosso meio ambiente e para nossos filhos e netos.

A pesca em alto mar com “rede” é algo muito utilizado hoje em dia principalmente na parte do continente asiático, onde o peixe é bastante consumido, este modo de pesca é algo muito bom para nós consumidores, pois

além de ter peixes em abundância ele acaba ficando mais barato pela quantidade de peixes e variedade que tem para vender.

Por meio de tantos peixes que são pescados em um período curto, isto pode ter um efeito negativo, aquilo que era bom para nós pode se tornar ruim para nossas gerações futuras, pois o peixe vai chegar em um certo tempo e vai ficar escasso por termos pescado “desenfreadamente” ao invés de possuir uma pesca consciente no nosso contemporâneo.

A minha investigação foi feita em três dias com uma hora cada dia, utilizei a internet e a tv para conseguir mais informações, para poder chegar a esta conclusão, com esta pesquisa de pesca com rede, assisti alguns vídeos e ver que realmente é algo que pode se tornar escasso os peixes.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, no meu dia a dia eu penso nos meus atos o que pode influenciar no futuro, como na utilização da água, comida e outras coisas.

A ideia que Hans Jonas passada para nós fez com que eu compreendesse que muitas coisas que são boas podem se tornar ruins futuramente.

Já que o sucesso do nosso presente não faz a gente pensar na derrota do futuro e isso vira um ciclo de destruição no nosso meio ambiente.

## **ALUNO 21**

Não fui longe para fazer essa investigação, fiz em minha casa mesmo, comecei a perceber a quantidade de sacolas plásticas que são utilizadas, as mesmas que nós não vamos sofrer as consequências, mas as futuras gerações vão, por elas não se decomporem vão ser as futuras gerações que irão sofrer e não pensamos nisso, pensamos no próximo coisa que cobramos todos os dias uns dos outros e não praticamos, e essas atividade me ajudou a entender o quão hipócritas somos, porque não só as sacolas plásticas, mas tem muitas outras coisas que fazemos e estamos prejudicando as gerações futuras mas não pensamos nisso, como o desmatamento, a poluição causada pelos carros, o desperdício de água, a poluição causada pelas fábricas.



Temos que deixar a hipocrisia e as falas bonitas de lado e começarmos de fato a nos preocupar com as gerações futuras. (ALUNO 21)

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Não respondeu.

## **ALUNA 22**

Observando o processo de descarte de alimentos ao longo de basicamente uma semana, foi possível perceber a grande quantidade de alimentos em bom estado ou até mesmo que poderiam ser reaproveitados sendo levados ao lixo. Esse problema é muito comum e que muitas vezes não se procura uma solução, apesar de existirem pessoas que conhecem bem e sempre procuram a melhor forma de extingui-lo. Assimilando tal fato com o pensamento do filósofo Hans Jonas podemos dizer que nós os causadores, não procuramos solucionar a maioria dos problemas a natureza que nós mesmos criamos, isto é, não pensamos no que vai sobrar e no que será das gerações futuras com tantos problemas por nós que só aumenta a cada dia que passa mais e mais. Tais alimentos foram observados sendo desperdiçados por mercados, supermercados, CEASAS entre outros estabelecimentos que fazem uso ou venda de grande quantidade de alimentos tanto perecíveis como não perecíveis, fazendo assim com que o desperdício seja inevitável.

O aumento da população mundial está se tornando cada vez mais algo preocupante, tendo em vista a possibilidade da não produção futura de recursos suficientes para todos, uma verdadeira escassez não só de alimentos, mas também de água e recursos não renováveis. A necessidade da consciência de todos é algo a ser requerido pois estamos aqui para sermos resilientes e procurarmos sempre a melhor forma de não agredir e acabar com os recursos que temos, já que aqueles que vão precisar não estão presentes para defender seus direitos, ou seja, mesmo com o aumento exacerbado da população deve-se criar métodos que visem acabar ou ao menos diminuir o máximo esse problema. Acredita-se que pelo menos 795 milhões de pessoas passam fome em todo mundo, onde inclusive em países muito pobres ocorra

até mesmo a morte de centenas de pessoas devido à falta de alimento por enquanto que outros países estão no ranking dos que mais desperdiçam alimento, uma verdadeira e grande desigualdade que vale a pena ser discutida, pensando e repensada a fim de igualar e acabar com a fome mundial, e todos os problemas advindos da falta ou desperdício de alimentos.

Fazendo uma comparação direta com a atualidade e a teoria de Hans Jonas, podemos perceber que de fato há grandes características em comum, onde na nossa sociedade estamos sempre fazendo certas coisas sem pensar na possível consequência que pode causar nas gerações futuras, onde são elas que vão herdar todo o caos que estamos gerando, seja eles que podem causar muito dano ou não. Nossa sociedade caminha cada dia mais para a beira do precipício, isto é, cada dia que passa o que nós seres humanos que fazemos é somente destruir tudo a nossa volta, destruir e acabar com tudo que existe. Devemos ter responsabilidade nos nossos atos e no que eles podem causar nos outros, inclusive tendo em vista de que o que a gente gerar causa enormes consequências, esses “outros” nem chegaram mesmo a existir devido a nós, por isso se é necessário agirmos desde agora, ir em busca de salvar o que nos resta e proteger para que aqueles que futuramente irão precisar. Evitar desperdiçar qualquer tipo de alimento, ou seja, consumir somente o necessário; economizar água; evitar a emissão de combustíveis fósseis; não poluir a pouca água doce que nos resta entre outras diversas dificuldades é problema que enfrentamos diariamente.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, pois na realidade pode-se dizer que assim como as gerações passadas não pensaram no futuro (nós de agora), nós não estamos pensando na próxima geração, ou seja, estamos agredindo e utilizando todo recurso natural que ainda nos resta sem nenhuma consciência do que pode acontecer futuramente. Hans Jonas faz tal afirmação ao falar que estamos violando direitos daqueles que nem ao mesmo ainda existem, onde devemos nos responsabilizar pelo que estamos fazendo, que nossas ações devem ser repensadas, sabendo que elas podem prejudicar aqueles que talvez ocorra a possibilidade de nem mesmo chegarem a existir, como consequência nossa.

**ALUNO 23**

Danos são causados ao meio de uma forma tão indireta e direta, ao mesmo tempo que acaba sendo imperceptível e parece efêmero, vemos que na verdade o dano vem a longo prazo. O plástico é o material mais usado em produtos e por descuido acaba não sendo tão reciclado, o descarte incorreto faz com que ele passe de um herói na reciclagem para um vilão no meio ambiente.

O plástico hoje é responsável pela morte de 100 mil animais marinhos a cada ano e de todo o plástico produzido apenas 9% é reciclado. É fácil perceber a falta de preocupação e empatia nas ações do homem ao meio ambiente, mesmo com a facilitação e incentivo a reciclagem o egoísmo é visível nos bairros, rios e terrenos baldios. Quanto sacolas você já viu boiando nas águas? Agora quantos vezes por não achar lixeira você guardou aquela sacola que tava contigo sem jogar na rua? Já que dá voz do “só dessa vez” é forte e influente demais para resistir né? Quando Hans Jonas diz “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetivos do teu querer” ele não está falando de ser íntegro enquanto estiver aqui e sim ter consciência para manter essa integridade depois que já não estiver, é mais do que uns simples períodos e sim ter consciência para manter essa integridade depois que já não estiver, é mais do que um simples período e sim um ciclo, onde tudo pode ser destruído ou construído na mesma intensidade. Então, qual vai ser a sua escolha?

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, pois dentro da minha casa fazemos a separação e sempre tive o incentivo a reciclagem, mesmo que inconscientemente a ideia de responsabilidade sempre esteve presente na minha realidade.

Olhar para fora da bolha e separar que nem todo mundo tem essa consciência, me fez ver essa discussão ainda é necessária e totalmente importante para a preservação do futuro.

**ALUNA 24**

Jonas nos apresenta um ângulo diferente sobre o conceito de responsabilidade. Podemos e devemos nos considerar responsáveis pelo futuro, nosso modo de agir no presente irá influenciar no futuro. Toda decisão que tomamos referente o planeta Terra, se for indevida, afeta a atmosfera; esse processo, a longo prazo tornara nosso lar inabitável.

O problema do lixo é uma questão a ser refletida. Dentro de nossas próprias casas separamos o lixo de forma incorreta, tal ação é muito prejudicial. Temos de ter mais responsabilidade.

A reflexão de Jonas nos leva a avaliar melhor nossos pequenos atos. Não podemos fazer uso incorreto do planeta Terra, é como se estivéssemos fazendo um empréstimo pelo qual não seremos responsáveis de quitar. Nossas decisões não deveriam afetar a próxima geração; temos de pensar nisso ao jogar lixo, produzir energia, andar de carro, produzir objeto, desmatar a floresta p/ uso da madeira, produzir armas, etc. Nossos atos geram consequências.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Não respondeu.

**ALUNO 25**

A filosofia de Hans Jonas basicamente trabalha na questão do que o presente pode trazer no futuro, usando essa filosofia podemos chegar a uma conclusão, de que pode ser bom no presente, mas com sérias consequências no futuro. Essa filosofia pode ajudar no tocante a saúde do nosso planeta, nos faz pensar no que traz benefícios ao ser humano no presente, mas que pode trazer diversos malefícios para nossa natureza. Um bom exemplo será os carros, que por mais que sejam essenciais nos dias de hoje, os carros podem acarretar sérios problemas ambientais futuramente, como o aquecimento global que vem sendo um assunto bem discutido, quando o assunto se leva para a filosofia de Hans Jonas.

Resumindo tudo isso, posso dizer que a filosofia de Hans Jonas nos ajuda a cuidar do nosso futuro.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Não respondeu.

## **ALUNO 26**

Resolvi fazer uma pesquisa sobre sacolas plásticas porque é algo que é bom no momento, mas que no futuro e agora já está tendo algo ruim.

A sacola plástica é boa na hora de sair do mercado, farmácia etc., e que também muita gente usa para colocar o lixo de casa. A parte ruim é que ela se decompõe depois 2130 anos e até lá vai poluindo; indo para rios e mares.

Sabemos que nós seres somos muito relaxados com nosso mundo, não cuidamos como ele deveria ser cuidado e com isso nos traz problemas sempre, por exemplo, as enchentes, muitos jogam sacolas e vários outros lixos nas ruas, esses lixos acabam indo para os bueiros, indo para o bueiro, não tem passagem para água. As pessoas jogam os lixos onde não deve e depois sofrem com os problemas que eles mesmo fizeram.

Muitos animais marinhos estão sofrendo por culpa das pessoas, por exemplo, na semana passada foi encontrado uma baleia morta e qual foi a causa da morte? Muitos e muitos sacolas no estomago.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, tive várias referências sobre como as pessoas só pensam no presente e não vem o que irá causar no futuro, os problemas que terão, isso é muita irresponsabilidade, fazer as coisas e não pensar nas consequências.

A ideia de Hans Jonas me fez ter outra visão sobre o presente e o futuro, fez pensar com mais responsabilidade e mais entendimento.

## **ALUNO 27**

Na busca de investigações, cheguei a uma criação que afetou desde o início e vai continuar afetando por muito tempo, o tema que investiguei foi sobre pilhas, algo útil que de certa forma ajuda, mas por outro lado acaba com o meio ambiente por sua difícil decomposição.

O consumo de pilhas está disponível a praticamente todos, porém, quando perdem a carga ficam inúteis e de forma que quem utiliza não reconhece os efeitos prejudiciais de magnitude ampla, descartam de forma errada esses elementos, são descartados em lugares onde existem vida animal, afetando não somente os seres vivos como quem irá viver naquele local um dia. Muitas vezes a pilha contamina o solo deixando sem condições de plantio e esse líquido tóxico acaba chegando aos lençóis freáticos e contaminando, mais uma amostra do seu poder destrutivo.

Observando a decomposição das pilhas e colocando imagens conseguimos das pilhas e sua decomposição, conseguimos chegar a uma percepção do quanto é demorado esse processo, estudos relatam que a decomposição pode demorar séculos.

Alessandro Volta, inventor da pilha elétrica (1745-1827), o cientista inventou a denominada pilha voltaica, antecessora da bateria elétrica. Seu trabalho foi crucial para a história da ciência, já que conseguiu que fosse produzido um fluxo estável de eletricidade, publicou seus experimentos em 1799. Deu início ao grande e prejudicial efeito da degradação ao meio ambiente. No começo, essa ideia de utilizar elementos químicos para gerar energia causou uma grande repercussão, porém os efeitos futuros foram ignorados e 218 anos depois ainda existe lugares onde o prejuízo são aparentes.

Tornou-se um ciclo “matador” pois nem todo mundo que utiliza pilhas sabem a forma certa de descartá-la, muitas pilhas estão por aí ainda. Novas pilhas foram criadas com o intuito de obter potencial energético e reduzir os efeitos no meio ambiente, no entanto o estrago já foi feito e os efeitos são sérios.

Assim como Newton, podemos dizer que toda ação tem uma reação, algo que gerou sucesso e facilidade afetou o meio onde vivemos, e para concertar ou evitar mais efeitos negativos os usuários devem ser

conscientizados. O jeito certo é guardar as pilhas e levar a um centro especializado que faz todos os procedimentos para evitar a degradação.

Usei vários sites de pesquisa, artigos e busquei de forma breve mostrar os efeitos e as causas e ainda o porquê de ter acontecendo a degradação.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

A ideia de responsabilidade de Hans Jonas ajudou tanto no entendimento como na reflexão, buscando o tema eu lembrei das pilhas que estourei durante a infância, não sabia dos efeitos que causariam. Então ao utilizar a realidade vivida contribuiu no entendimento mais realístico sobre a responsabilidade.

## **ALUNO 28**

De acordo com a pesquisa que tive que fazer sobre o desmatamento, descobri as muitas causas que podem nos prejudicar, como o aquecimento global, que está derretendo as geleiras causando a elevação dos mares, as temperaturas das cidades estão mais altas, o clima está modificado.

Relembrando a pesquisa que fiz 80% das áreas desmatadas da Amazônia tornaram-se uma ameaça para o mundo.

Entre 2015 e 2016 o desmatamento da Amazônia atingiu 7.989km<sup>2</sup>, conforme o instituto nacional de pesquisas especiais (INPE) esse valor representa um aumento de 30%.

Com este aumento descontrolado as consequências vêm ficando mais fortes como a perda de biodiversidade, exposição do solo a erosão entre outros, todos os seres humanos devem ter a noção de que devemos evitar esta ação prejudicial para nosso planeta, podemos revigorar as áreas afetadas e prejudicadas por esta ação que pode nos prejudicar muito em um futuro próximo.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, porque sempre tive uma referência em casa ou na escola que se continuar deste jeito vamos ser muitos prejudicados com esta ação.

Sempre vi em muitos lugares para preservarmos nosso mundo, mas muitas pessoas não ligam para isto, a ideia de Hans Jonas ficou mais claro para mim após ver diversas ações como a que relatei.

## **ALUNA 29**

Minha pesquisa foi realizada em dois lugares, no bairro onde moro e no da minha vó. Não achei muita diferença na poluição de cada lugar, mas infelizmente juntando todos os lugares há muita poluição.

No condomínio onde moro, o lixo, os óleos e até as pilhas são separados corretamente, mas mesmo eles dando tantas oportunidades de se cuidar corretamente dos lixos as pessoas não fazem o correto. Por exemplo: já vi pessoas derrubando o lixo no chão, ao lado da lixeira e não catando.

Quando estou indo para escola de manhã na rua perto daqui existe uns vendedores de morango no acostamento, eles deixam caixas e sujeira na rua, depois que vão embora. Sem contar que é perto do rio e a rua vive alagando.

Na casa da minha avó, o lixo é separado corretamente, mas o problema é que os cachorros da rua rasgam as sacolas espalhando o lixo por tudo.

Por isso as sacolas estão sendo deixadas dentro de casa, e levadas para fora no dia do caminhão de lixo passar. Já vi minha tia jogando óleo de cozinha na pia, e recentemente, nos dias da investigação, eu li que o óleo jogado na pia é capaz de contaminar mais de 10 mil litros de água.

Perto de onde meu tio mora eu via moradores diariamente lavando suas calçadas com a torneira ligada por mais de 40 minutos. Eles empurram os lixos com a água, ao invés de usar água de chuva ou até mesmo molhar o lugar com mangueira e depois usar a vassoura desligando a água.

Lá em casa eu falo para meu irmão não demorar tanto no banho. Eu li que ficar 15 minutos no banho sem desligar o registro, gasta equivalente a 135 litros de água. Para se ter uma ideia, para a ONU o tempo de banho “correto” gastaria em torno de 110 litros.



Ninguém parou para pensar nisso, mas as árvores só fazem bem a humanidade, mas as pessoas egoístas a tiram do seu lugar, onde existe animais morando lá. Acabando com a natureza por quê?

Para uso próprio de construção, por exemplo borracha. Não posso apenas culpá-los por serem egoístas, porque querendo ou não, uso o que eles fabricam. Mas na verdade não foi inventado uma borracha que não tinha sido feita de árvore, mas com tanta tecnologia eles poderiam inventar isso.

Meu pensamento não é diferente de Hans Jonas, acredito que devemos pensar no futuro, nos problemas que a poluição poderá acarretar nas futuras gerações e que não devemos ser egoístas de pensar que não estaremos aqui, que não devemos pensar nos outros.

Até porque nunca se sabe quando irá acontecer a falta de água por exemplo.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Contribuiu. Por que tudo o que vemos hoje, a poluição, o desperdício, a sujeira nas ruas, etc., mostra que o futuro não será bom para morarmos. Se pararmos, pensarmos, e mudarmos pensamentos e atitudes, isso irá nos ajudar, de forma que não falte nada. Onde eu moro, o lugar é bem organizado, não vejo poluição. Mas sei que se eu for duas quadras para cima terá no mato entulhos e foças entupidas, tanto que a prefeitura sempre está desentupindo.

### **ALUNO 30**

Eu busquei procurar algo no centro da cidade, onde demorei cerca de trinta minutos, porém encontrei, demorei devido algumas tentativas.

O processo que encontrei foi o descarte incorreto de lixo eletrônico. Quando você repara nos lixos no chão ou até mesmo dentro de caixas de papelão. O lixo eletrônico encontrado foram: fones de ouvido, baterias, pilhas, celulares quebrados, telas de celular, telas de notebooks, monitores.

Ou seja, diversos materiais em que podem e vão prejudicar todos nós de maneira em que contaminam as águas em que tomamos e/ou utilizamos, ou também que é usado para regar alimentos que consumimos, dar de beber para

animais que também consumimos, e essas bactérias que infectam os locais tem consequências catastróficas, devido dos elementos químicos causadores de doenças estão: arsênico: câncer de pele, pulmão e prejudica o sistema nervoso, berílio: câncer de pulmão, cádmio: envenenamento dos ossos, e pulmões, chumbo; dano ao sistema nervoso e sanguíneo, mercúrio: câncer no cérebro e fígado, brt: desordens hormonais, nervosas e produtivas, pvc: problemas respiratórios.

E todos esses materiais químicos são utilizados nos aparelhos eletrônicos, e como Jonas disse, a tecnologia está crescendo, e se não for descartada corretamente nos lixos eletrônicos, no futuro, podem causar sérios problemas a natureza e nos próprios humanos.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, pois nas gerações passadas eles não pensaram no futuro, e aqui estamos com muitos problemas, e nós devemos pensar no nosso futuro.

### **ALUNA 31**

A investigação que eu fiz foi bem simples de começar, apenas sentei na sacada da minha casa e procurei algo que me parecesse bom aos olhos, mas que pudesse vir a ser prejudicial as gerações futuras. Levei um dia para fazer as investigações e gastei dois dias para poder organizar as ideias e passar para este papel.

Identifiquei um problema na indústria automotiva, desde o passado o homem vem ampliando as tecnologias para construção de um automóvel, tanto que hoje já temos os automóveis híbridos, que possuem o motor a base de combustão e energia elétrica, mas a maioria ainda é por combustão. Isso provoca grande poluição na atmosfera, trazendo como consequência muitos problemas de saúde para a população e o aquecimento global.

Tive a curiosidade de saber porque ainda não inventaram um automóvel todo movido a base de água, fui pesquisar e descobri que um

brasileiro em 2014 fez um carro popular andar mais de 1.000km com menos de 1 litro de água, mas que o governo alegou que a legislação não permite a comercialização alegando falta de segurança e o risco de explosão. Então entrei em uma reflexão, o governo poderia aprimorar essa técnica e fazer um meio mais seguro então, mas isso acabaria com o comércio de combustíveis que gera tanto dinheiro para eles e por pura ganância liberam os automóveis que mais prejudicam o meio ambiente e as pessoas.

Eu achei que esse problema dialoga bastante com a ética de Hans Jonas, pois todos usufruem desse meio identificando como uma coisa prática e rápida, mas a maioria não para pra pensar na poluição que isso gera e nas futuras consequências para aqueles que não existem (os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos).

De acordo com o site SESC São Paulo o conceito de sustentabilidade tem sua origem relacionada ao termo “desenvolvimento sustentável”, definido como aquele que atende as necessidades das gerações presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprirem suas próprias necessidades. E é basicamente isso a teoria de Hans Jonas, algo que aos olhos pareça perfeito, mas que pode ser prejudicial no futuro.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, pois a minha realidade é muitas vezes não pensar nas consequências que algo pode acarretar, como a utilização consciente da água, eu não penso muito nessa responsabilidade descrita por Hans Jonas, mas deveria porque através desse pensamento dele passei a refletir sobre tal responsabilidade e o quão egoísta eu estou sendo.

## **ALUNO 32**

Minha pesquisa foi realizada no meu bairro, onde dei algumas voltas para achar problemas que estão presentes na nossa sociedade. Gastei em torno de 2 horas, e em tão pouco tempo achei vários problemas.

Na rua da minha casa não há esse problema, porém se entramos em áreas mais pobres, conseguimos ver vários lixos jogados na rua, vários

terrenos abandonados que tem uma cara de lixão, onde se pode encontrar de tudo. Felizmente na minha rua o caminhão de coleta de lixo passa três vezes por semana para pegar lixo, porém creio que alguns lugares que identifiquei lixo jogada na rua não deve passar.

Outro problema que vejo constantemente é o desperdício de água. Aqui em casa utilizamos alguns métodos para gastar menos água, temos alguns baldes na parte de trás da casa, que quando chove, os baldes enchem de água e utilizamos ela para lavar o carro, a calçada, etc. Co a água da roupa que foi lavada, limpamos o banheiro, e ele fica com cheiro bom por conta do amaciante.

Muitas pessoas não sabem, porém, o óleo tem uma forma correta de ser descartado. Na minha casa guardamos o óleo, pois todo o mês passa um carro coletando o óleo para fazer o descarte correto, pois não podemos jogá-lo no ralo da pia. Além disso, dá para reutilizar o óleo e fazer sabão, no youtube há vários vídeos explicando como se faz, é um processo trabalhoso.

Com certeza há uma ligação com os problemas que identifiquei com o texto de Hans Jonas, pois hoje nossa sociedade é egoísta, porque grande parte da população pensa apenas em si, e nem lembra que há mais pessoas no mundo. Fazemos coisas que irão ser um grande problema no futuro, e isso irá prejudicar as novas gerações. Devemos pensar mais nisso, e começar a mudar de atitude, pois o mundo não é só meu ou seu é de mais de 7 bilhões de pessoas.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim. Atualmente a nossa sociedade vive em um mundo sujo, onde é importante apenas o espaço que ela vive. A partir do momento em que se olha para o lado pode-se ver a sujeira e a porquice que está presente no nosso mundo. É necessário que cuidemos do nosso planeta, pois uma hora a poluição irá detonar ele. Meu bairro é consideravelmente limpo, porém é necessário melhorar, e podemos melhorar.

**ALUNO 33**

Baseado em Hans Jonas, trarei o assunto do desmatamento para esta proposta de atividade.

O desmatamento é o ato que consiste na retirada de mata, seja totalmente ou parcialmente das árvores. Muitos apoiam este movimento sem ao menos conhecer as consequências que nos trará num futuro, talvez não para nós que vivemos hoje em dia neste planeta, mas para nossos filhos, netos e até bisnetos, afinal “é no sucesso que está o perigo”, mas somos ignorantes para nos dar conta disso, parece que enquanto seu lucro estiver salvo nada mais importa. Isso vai muito além de uma simples árvore, também traz consequências negativas sobre a água e sobre as florestas são responsáveis pela regulação de 57% das águas mares superficiais do mundo, mas continuam fornecendo umidade para o ambiente, além disso melhoram a drenagem do sol.

Há muitos problemas que vamos sofrer no futuro, os de hoje irão afetar lá na frente, não podemos ter certeza, mas manter a preocupação enquanto ainda dá tempo é muito mais importante.

Esta investigação durou um dia, é um problema tão visível, mas pouco abordado, será fundamental em falar dele.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Sim, apesar de raramente pensamos em filosofia fora da escola, as pessoas que estão ao meu redor na maioria das vezes não se importam com as consequências que virão no futuro, Hans Jonas nos faz entender os problemas que estão prestes a acontecer; a tecnologia está muito presente no meu cotidiano, e essa técnica nos prejudica, por exemplo, na poluição do planeta, isto é visível no nosso cotidiano, mas muitos não percebem.

A minha realidade serviu para ter uma base do “básico”, nada além disso, Hans Jonas me fez sair dessa realidade por um tempo e assim perceber o quão é real a sua ideia sobre nossa sociedade, afinal é no sucesso que está o perigo.

**ALUNA 34**

A análise cotidiana se iniciou após observar comentários na internet a respeito da quantidade de banhos que tomavam no dia a dia e o que me deixou indignada foi alguns comentários como “Eu tomo cerca de três a quatro banhos”, então ao analisar com a filosofia de Hans Jonas vemos a falta de preocupação com o uso excessivo de água é um problema.

Minha análise ocorreu dentro do meu condomínio e no meu apartamento, ao observar o cotidiano, observo que há ações que podem ser evitadas, uma das primeiras ações que vejo acontece no condomínio, vejo a zeladora limpando a lixeira com a água da torneira por cerca de meia hora, o que gasta em média 558 litros, o desperdício é enorme neste ponto está a falta de preocupação com o futuro. Ao pesquisar demais comportamentos, vejo que na minha própria casa há mais atitudes gastadoras de água do que imaginava. Ao lavar uma louça por cerca de quinze minutos gasta em cerca de 243 litros, uma descarga de seis segundos gasta em torno de 10 a 14 litros.

Conforme a ONU, cento e dez litros por dia são essenciais para atender todas as necessidades básicas de consumo e higiene de uma pessoa, mas ao comparar com o valor realmente usado por nós estamos em um cotidiano absurdo, gastando 309 litros por dia.

Precisamos acabar com este consumo desencadeado, necessitamos visão que nossas ações não irão acabar por aqui, persistirão por séculos, não sabemos se nossos descendentes irão usufruir desta água abundante como Jonas fala que a responsabilidade de toda a biosfera é do homem, então a responsabilidade de preservação é nossa como espécie. Precisamos mudar atitudes, não por nós e sim pelo futuro.

**Utilizar a sua realidade (cotidiano) contribuiu no entendimento da ideia de responsabilidade de Hans Jonas? Explique.**

Ao usar minha realidade para compreender e estudar a filosofia de Jonas adquiri uma visão ampliada, observei que assuntos relacionados ao meio ambiente, e conseqüentemente a preservação ao mesmo, não são tratados da maneira que deveriam.

Acredito que desta maneira compreendemos de uma forma prática e dinâmica a filosofia de Jonas, acabamos adquirindo um pouco da forma de Hans Jonas pensar, também ganhamos a vontade de exercer o que a ética do filósofo trata.